

Editora dos
Clássicos

O maior clássico de
G. H. Pember

AS ERAS MAIS PRIMITIVAS DA TERRA

ALIMENTO
 SÓLIDO
VOLUME 3

Tomo 1

G. H. Pember

AS ERAS MAIS PRIMITIVAS DA TERRA

Tomo 1



EDITORA DOS CLÁSSICOS

Título do original em inglês:

*Earth's Earliest Ages
and their Connection With the Modern Spiritualism, Theosophy, and Buddhism*

© 1975 Kregel Publications

© 2001 CCC Edições

*Tradução: Délcio Meireles (caps. 1 e 2) e Renata Balarini Coelho
Revisão: Renata Balarini Coelho, João Guimarães e Edna Guimarães
Capa e arte: Magno Paganelli
Produção e coordenação editorial: Gérson Lima e Francisco Nunes*

1ª edição: Maio de 2002

Reimpressão: Julho/2003 e Março/2008

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro

P394e Pember, G. H.

*As Eras Mais Primitivas da Terra / G. H. Pember ; Délcio Meireles, Renata Balarini Coelho – São Paulo: CCC Edições, 2002.
240 p; 23 cm.*

ISBN: 85-87832-12-3

Tradução de: Earth's Earliest Ages

1. Bíblia – Crítica, interpretação, etc. 2. Criação – Doutrina bíblica. I. Título

CDD:231.765

*Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados na língua portuguesa por*

Editora dos Clássicos Ltda

e-mail: relacionamento@editoradosclassicos.com

Site: www.editoradosclassicos.com

*Proibida a reprodução total ou parcial deste livro sem a
autorização escrita dos editores.*

Impresso no Brasil por Associação Religiosa Imprensa da Fé

Sumário

Prefácio à Edição Brasileira	7
Prólogo	9
Prefácio para a Terceira Edição	25
Prefácio do Autor para a Primeira Edição	41

Capítulo 1

A Criação	45
-----------------	----

Capítulo 2

O Intervalo	57
O Príncipe Deste Mundo	62
Deus Deste Século	64
O Governo de Miguel	72
Ezequiel 28	76
O Senhor e Satanás: Seus Ofícios	86
Duas Ordens de Súditos de Satanás	88
Diferença Entre Anjos e Demônios	90
Evidências da Raça Pré-adâmica	93

Capítulo 3

Os Seis Dias	99
--------------------	----

Capítulo 4

A Criação do Homem	117
--------------------------	-----

Capítulo 5

A Queda do Homem	131
Conduzidos pela Noite	135
Adão e Eva	137

Capítulo 6

O Juízo e a Sentença	149
Cardos e Abrolhos	163

Capítulo 7

A Era da Liberdade	171
Descendência de Adão	186
Invocar o Nome do Senhor	193
Enoque	195

Capítulo 8

Os Dias de Noé	199
Os Filhos de Deus e as Filhas de Homem	205
Objeções	211

Capítulo 9

“Assim Como Foi nos Dias de Noé”	219
A Operação do Príncipe Deste Mundo	224

Quando não houver outra indicação, as citações bíblicas usadas são da Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida, 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil.

Os acréscimos entre colchetes são de G. H. Lang, editor da 3a. edição americana e autor do apêndice “Homens ou Anjos?”, a ser incluído no tomo 2. As demais notas são do autor, com exceção das notas de tradutor ou notas dos editores brasileiros, indicadas, respectivamente, por (N.T.) e (N.E.).

Prefácio à Edição Brasileira

O autor deste livro, G. H. Pember, é muito conhecido por sua erudição e por sua espiritualidade, tal como H. C. G. Moule¹ e Westcott². Essas características são especialmente demonstradas em outra séria clássica de livros de sua autoria, *The Great Prophecies* (Grandes Profecias).

Apresentar este autor e seu livro para o mundo de língua portuguesa não é algo pequeno para os santos aqui. A presente obra é, sem dúvida, uma inestimável contribuição para a erudição bíblica em geral, não somente por prover uma útil solução para alguns dos problemas em Gênesis 1, mas também por pavimentar o caminho para um quadro unificado da revelação bíblica como um todo. É

¹ Handley C. G. Moule foi bispo anglicano de Durham, Inglaterra, de 1901 a 1920. Foi chamado de "uma combinação rara e perfeita de um grande erudito e um grande santo". Escreveu, entre outros livros, *Thoughts on Christian Sanctity* (Pensamentos Sobre a Santidade de Cristã) e *Studies in II Timothy* (Estudos em 2 Timóteo), também considerado um clássico da literatura cristã. (Mais informações podem ser encontradas no livro *A Cruz: O Caminho Para o Reino*, de Jessie Penn-Lewis, publicado por esta editora.)

² Brooke Foss Westcott (1825-1903), autor de um comentário sobre o Evangelho de João, é conhecido por seu trabalho juntamente com Fenton John Anthony Hort (1828-1892) de revisão dos textos gregos do Novo Testamento.

uma lástima que muitos leitores apreciem somente seu valor apologético em defesa da verdade do Evangelho. Na verdade, o correto entendimento desta obra é muitíssimo essencial no que diz respeito à batalha espiritual em geral, especialmente no território negro do espiritismo que está hoje em todo lugar do mundo.

Uma vez que estamos nos aproximando do dia do Filho do Homem, assim como foi nos dias de Noé, a mensagem desse livro é tanto para nosso correto entendimento como para nosso correto viver. Por essa razão, eu recomendo fortemente essa clássica obra-prima sem reservas.

Christian Chen
Nova York, NY
Abril de 2002

Prólogo

A primeira edição deste livro notável, lançada em 1876, foi avançada para o seu tempo, porquanto o espiritualismo ainda não havia conseguido a subsequente popularidade e, por muitos, ainda continuou sendo visto quase inteiramente como um embuste. Todavia, o estudo foi considerado, rapidamente, excelente do ponto de vista bíblico e, em 1891, chegou à sexta edição. Foi por volta deste ano que o tive em minhas mãos para a edificação permanente como um estudioso da Palavra de Deus. Em 1910, li-o mais uma vez quando me encontrava na Índia em contato com teosofistas pársis¹ e brâmanes² e com livros por eles redigidos. A obra de Pember me impressionou muitíssimo em virtude da pre-

¹ Antigos persas sectários do zoroastrismo ou parsismo (religião fundamentada nos ensinamentos do profeta Zaratustra (século 7 a.C.) e que possui como base a concepção dualística do universo (regido pela oposição de dois princípios divinos: o bem e o mal), os quais, para escapar às perseguições muçulmanas, emigraram e se estabeleceram na Índia. (N. T.)

² Entre os hindus, membro da mais alta das quatro castas e que, tradicionalmente, era voltado ao sacerdócio, e se ocupava do estudo e do ensino dos Vedas, conjuntos de textos sagrados (hinos laudatórios, formas sacrificiais, encantamentos, receitas mágicas) que constituem o fundamento da tradição religiosa (do bramanismo e do hinduísmo) e filosófica da Índia. (N.T.)

cisão da abordagem referente às religiões ocultistas que tiveram origem no Oriente.

Algumas poucas porções foram omitidas, dando espaço a notas explicativas e datas, que serão encontradas entre colchetes. Além da recente matéria do Prefácio, um capítulo a respeito da Evidência Confirmatória foi adicionado a fim de atualizar a obra, e, no Apêndice, uma pesquisa completa do sexto capítulo de Gênesis fundamenta o ponto de vista do autor de que os “filhos de Deus” eram anjos. O Índice de Assuntos foi aumentado, e há um novo Índice de Pessoas, Lugares e Livros. Tudo o que Pember escreveu permanece inalterado, mas, nas partes apropriadas, foram incorporadas notas de rodapé. Os novos cabeçalhos da página são mencionados por toda parte com o intuito de orientar o leitor a traçar tópicos.³

Talvez existam ainda pessoas que duvidem da realidade ou proximidade de um mundo espiritual ou que, pelo menos, questionem se há necessidade de estarmos preocupados com ele. Elas podem colocar em dúvida a autenticidade das provas apropriadas do mundo antigo e pagão. Ponderemos a respeito dos exemplos hodiernos aprovados e consideremos se não deve existir algum motivo urgente para que a alma seja fortalecida pela luz, pelo ensinamento e alerta encontrados na Escritura Sagrada, conforme elucidado neste volume.

i. Conto uma história particular a respeito de uma senhora cristã com quem tenho uma excelente amizade há anos. Seu pai era capitão de um velho navio feito de madeira. Às vezes, ela e sua irmã preferiam viver em alto-mar. Em uma ocasião, quando se mudaram para outro navio, seu pai as colocou em uma cabine pública, situada na popa, que ele havia dividido em duas partes. Na primeira noite, as garotas haviam conversado sobre os novos quartos e, quando se preparavam para dormir, ouviram um gemido no apartamento adjunto: “Ah, não! Ah, não!”

³ Esse recurso não foi mantido na presente edição; os cabeçalhos foram transformados em subtítulos. (N.E.)

Uma sussurrou para a outra: “Você ouviu?”, e dormiram pouco naquela noite. Na manhã seguinte, contaram o ocorrido ao pai. Ele era um rabugento e riu da preocupação das filhas. No entanto, mudou-as de quarto. Anos mais tarde, quando estavam adultas, ele ficou sabendo que um ex-capitão havia sido assassinado naquela cabine.

ii. Neste livro, Pember narra o princípio do ataque espiritual sofrido pela família Fox, nos Estados Unidos, em 1848. O movimento partiu dos espíritos por meio de pancadas na parede do quarto de duas moças. Junto ao ocorrido, considere o seguinte fato: em Ootacamund, a principal estação governamental localizada no sul da Índia, em Nilgiri Hills, eu costumava ver, com frequência, entre 1909 e 1910, uma entusiasmada mulher cristã, cujo testemunho de Cristo era claro e provinha de Deus. Ela nada sabia sobre o incidente que acontecera com os Fox, mas me contou certa experiência idêntica vivida por ela mesma quando era menina: embora ouvisse pancadas peculiares e sistemáticas na parede de seu quarto, não se manteve trancada, conforme aconteceu com a família Fox.

iii. Ela possuía temperamento melindroso e, em seus dias de vida nos círculos mundanos, fora muito requisitada para peças de teatro amador. Sugerí-lhe que, de acordo com seu relato, os espíritos haviam, provavelmente, pensado que fosse uma pessoa propensa à sedução e passaram a aproximar-se dela. Meu comentário fez com que me contasse outro incidente. Uma vez, em seus dias de não-convertida, esteve numa festa em um bangalô europeu, e observou um homem alto inclinado sobre o piano, ouvindo uma senhora tocar. Ela se surpreendeu por dois motivos: por ter pensado conhecer todas as pessoas inglesas do distrito e pelas roupas ultrapassadas e fora de moda que o homem usava. Depois da festa, ela perguntou à anfitriã quem era aquele homem e o descreveu. A senhora respondeu que ela deveria estar sonhando, pois não conhecia nenhuma pessoa que correspondesse à descrição, e que não havia ninguém assim na festa. Entretanto, ela afirmava ter certeza de tê-lo visto, e,

quando o assunto foi mencionado ao morador mais velho da região, e a descrição, repetida, ele disse que conheceu muito bem a pessoa, o Sr. Fulano, e que o mesmo havia sido assassinado no bangalô.

Esses dois acontecimentos podem ser explicados de uma das duas formas: (1) ou, como acreditavam os pagãos, o morto (ou alguns deles) pode ocasionalmente visitar os velhos locais que frequentava e representar, de novo, suas experiências anteriores; (2) ou os espíritos, planejando alarmar ou atrair a pessoa, podem reproduzir acontecimentos prévios e, depois, fazer com que os fatos sejam conhecidos pelas pessoas que atraem. Seja como for, é muito importante que sejamos fortalecidos pelo conhecimento de que Deus proibiu, com severidade, a comunicação com o outro lado, o que é demonstrado com clareza nas páginas seguintes.

vi. Mais uma vez, o irmão da última senhora mencionada chamou minha atenção devido à tentativa impressionante de confundir um correspondente do consagrado metodista, Dr. Adam Clarke. As circunstâncias são narradas no início do Livro V da edição de 1833 de *Account* (Explicação), a respeito da vida do Dr. Clarke.

Seu interesse em química o levou a nutrir uma grande amizade por um homem chamado Richard Hand, descrito como tão “eminente quanto um cientista, um homem de caráter e alguém que, em nenhum relato proposital, deturparia qualquer fato”.

No dia 2 de dezembro de 1792, o Sr. Hand escreveu, de Dublin, uma carta para o Dr. Clarke, na qual dizia:

No dia 2 de novembro passado, dois homens vieram a minha casa. Pensei que um fosse sacerdote, e ainda acredito nisso, e o outro, um simples homem de aparência serena; ambos perguntaram por mim. Logo que fui ao encontro deles, a última pessoa mencionada falou que o

homem gostaria de ver alguns dos meus vitrais coloridos e, como estava curioso, esperava que eu lhe permitisse que os visse de vez em quando.

É claro que respondi que me sentiria feliz se ele os visse. Após muita conversa, ele começou a falar sobre os *metais*, as propriedades metálicas e a *alquimia*, perguntando-me se eu havia lido qualquer livro do gênero... (Mas creio que ele sabia bem que eu os tinha lido.) Depois de certo tempo e de muitos elogios a respeito de minha arte talentosa, eles foram embora. Na manhã seguinte ao meio-dia, ele veio até mim, sem o sacerdote, e disse:

– Eu tenho uma pequena quantidade de material que coloriria o vitral com a cor que você desejar, e que você nunca conseguiria obter, ou seja, um *vermelho profundo da cor do sangue*.

Prosseguiu:

– Se você tiver uma fornalha ardente, conseguiremos, pois o fogo comum não dará certo.

Respondi:

– Senhor, não tenho uma fornalha, mas, se quiser acompanhar-me, mostrarei meu pequeno laboratório e conseguirei uma.

Quando saímos, ele olhou ao meu redor e disse:

– Senhor, não me engane, porque é um alquimista.

– Por que acha que sou um alquimista, senhor?

– Porque o senhor tem tantos vasilhames ridículos como os das muitas pessoas que conheci dedicadas ao estudo da alquimia.

Respondi:

– É verdade que trabalhei com alquimia, durante muito tempo, sem obter nenhum lucro e gostaria muito de ser mais bem-instruído.

– O senhor acredita na arte?

– Sim.

– Por quê?

– Pois dou crédito a muitos homens bons e religiosos.

Ele sorriu.

– O senhor acenderá essa fornalha de ar?

– Sim. – E foi o que fiz. Então, ele pediu um pedaço de vitral, abriu uma caixa, virou de costas e derramou um pouco de pó vermelho sobre o vidro com um canivete, colocou o vidro, com o pó, no fogo, e, quando o calor cessou, o vitral parecia *sangue*.

– O senhor tem escalas?

Peguei as escalas e certo metal. Ele pesou aproximadamente 57 gramas. Então, colocou quatro grãos de um pó muito branco em um pouco de cera, adicionou o metal, quando já estava fundido, à mistura e produziu fogo por um curto

espaço de tempo. Depois, apagou-o e lançou-o na *água* – nunca houve prata mais fina no mundo! Exclamei:

- Meu Deus! O senhor me impressiona!⁴
- Por que – replicou ele – o senhor clama por Deus? Acha que Ele tem algo a ver com essas coisas?

Respondi:

- Ele tem algo a ver com tudo o que é bom, senhor.
- Ah! amigo, Deus nunca revelará essas coisas para os homens. O senhor já aprendeu alguma mágica?
- Não, senhor.
- Veja, então: ____ o orientará, mas eu lhe emprestarei um livro, e o senhor se familiarizará com um amigo que irá ajudá-lo no aprendizado. O senhor já viu o diabo?
- Não, e creio que jamais o verei.
- Sentiria medo?
- Sim.
- Então, não precisa sentir, pois ele não prejudica ninguém e é um amigo muito inteligente do homem. Posso mostrar-lhe algo maravilhoso?
- Não se for algo relacionado ao diabo.

⁴ Possivelmente tenha sido apenas uma ação química, mas a questão é: de que forma essa pessoa aprendeu o segredo muito antes de a química científica vislumbrar a viabilidade de tal processo?

– Não é, senhor. Por favor, traga-me um copo d'água pura.

Levei-lhe o copo d'água, e ele pegou uma garrafa, pingou um líquido vermelho e disse algo que não compreendi. Toda a água estava em chamas, e pequeninas coisas vivas parecidas com lagartos se moviam dentro do copo. Senti muito medo, e, quando ele percebeu, pegou o copo, atirou-o nas cinzas, e tudo terminou.

– Agora, senhor – disse ele –, se me fizer um juramento, pois vejo que é um homem inteligente, farei com que saiba mais do que jamais imaginou descobrir.

Recusei-me a fazer qualquer juramento, estando totalmente convencido de que ele era o *diabo*. Hoje sei o significado de “consentir incorretamente com o segredo”. Depois de algum tempo, ele falou:

– Eu devo ir, e farei contato novamente quando você pensar melhor na oferta que lhe fiz.

Ele me deixou as 57,4 gramas de *luna*.

Na carta escrita no mês seguinte, o Sr. Hand forneceu maiores detalhes dos experimentos e comentou:

Eu não fui pressionado a participar da transmutação, mas usei um quarto das 28,7 gramas de prata em meu próprio trabalho e vendi o restante como se fosse *prata pura*

E adicionou:

Quando ele lançou o copo de água com os lagartos no fogo da lareira, procurei ver se conseguia observá-los lá, mas ele me viu e disse:

- Eles foram embora.
- Para onde?
- Para o lugar de onde vieram.
- Que lugar?
- Ah, o senhor não pode saber de todas as coisas de uma só vez!
- Por que, senhor, se eu acredito nessa magia? Você poderia, e eu não tenho dúvida, levantar o diabo se quisesse.
- O senhor sentiria medo?
- Sim, e espero nada ter a ver com ele.

Ele respondeu:

- O senhor é um homem muito inteligente, Sr. Hand, e gostaria que se familiarizasse com a Natureza e as coisas que existem neste mundo curioso, dentro do qual eu próprio quase estive e tenho mais conhecimento do que a maior parte dos homens que conheci – e conheci muitos homens espetaculares.
- O senhor conhece alguém que tenha a pedra vermelha?
- Muitos.
- Gostaria de conhecer alguém.
- Você poderá conhecer pessoas e todo o segredo.

– O senhor é muito bom.

– Mas deve saber que estamos todos unidos como uma corrente, e o senhor deve participar de uma cerimônia e fazer um juramento.

Respondi:

– Jurarei a Deus, senhor, que nunca revelarei...

Ele me interrompeu e disse:

– Você está indo além da questão – e pareceu irritado. Falou que o juramento deveria ser feito antes de outro e, com um tom nervoso, exclamou:

– Não faz a menor diferença, para você, jurar a Deus ou ao diabo se tem a arte.

Então, meu caro amigo, quase vi, de fato, o mais profundo de sua alma e, com fervor, disse:

– Nunca receberei coisa alguma, mesmo que sejam as riquezas do mundo, que não venha unicamente de Deus.

– Ah! – respondeu ele –, o senhor parece zangado comigo. Minha intenção era servi-lo, mas não está familiarizado comigo. Se tivesse, o senhor me abraçaria em vez de ofender-me.

Ele me disse que havia tão-somente uma forma, na terra, de conhecer a transmutação de metais, e eu nada sabia a respeito disso.

No dia 13 de maio seguinte, o Sr. Hand acrescentou:

Desde que lhe escrevi a última carta, encontrei o homem que esteve na minha casa, fez a transmutação e outras coisas. Disse-lhe:

– Como vai, senhor?

Ele replicou:

– Não tenho a honra de conhecê-lo.

– Não se lembra – perguntei – da pessoa que colore vitral e com a qual o senhor foi tão gentil a ponto de mostrar alguns experimentos?

– Não. O senhor deve estar enganado. – E sua face corou.

Respondi:

– Senhor, se eu estou enganado, peço-lhe perdão por dizer-lhe que nunca tive razão em nada na vida e nunca terei.

– O senhor está equivocado. Desejo-lhe um bom dia.

Várias vezes, ele se virou para ver-me, mas tenha certeza de que eu nunca teria afirmado ter visto um homem se ele não fosse a pessoa que esteve comigo.

Certamente, esta foi uma tentativa deliberada dos poderes malignos de seduzir uma pessoa inteligente e obter informações para seus trabalhos. Um destes poderes é lembrado pela afirmação feita pelo fundador da Sociedade Teosófica⁵, Coronel Olcott, com rela-

⁵ A Sociedade Teosófica foi fundada em Nova York, EUA, em 17 de novembro de 1875, por

ção aos “Mestres”, suspeitos de estarem sempre por perto a fim de ajudar a procurar almas para a “Grande Realidade”, e “alguns têm-nos encontrado com aparência estranha em lugares improváveis” (*Old Diary Leaves, The True History of the Theosophical Society* [Folhas de um Velho Diário, A Verdadeira História da Sociedade Teosófica], 19). Como o cristão precisa clamar: “Livra-nos do Mal” e vigiar e orar para que não entre em tentação! Será que é possível que algumas das descobertas químicas modernas, hoje usadas para um massacre maciço, tenham sido reveladas por meios diabólicos, talvez para pessoas não tão cautelosas quanto o Sr. Hand?

v. O Egito é outra nação onde os poderes das trevas têm exercido supremacia há séculos e podem revelar as energias que possuem com impunidade. Em 1914, tive o ministério de converter à fé cristã um jovem membro do povo descendente dos antigos egípcios, chamado Zaky Abdelmelik, que trabalhava no departamento governamental. No dia 24 de junho de 1927, quando estava com ele em Heliópolis, Zaky narrou as seguintes circunstâncias a partir da experiência vivida por seu pai, Abdelmelik Halil.

Há, aproximadamente, 34 anos, seu pai, que estava para completar 45 anos, trabalhava em uma rua localizada em Ghizeh, perto do Cairo. Sentia-se angustiado e preocupado com o menino Zaky, na época, com quatro anos, que estava de cama, muito enfermo, na vila de Brombel, a 1.575 km do sul do Cairo. Um xeique⁶ que ele não conhecia lhe disse: “Por que você está perturbado? Venha comigo, e lhe direi o que se passa em sua mente.” Ele o levou para um

um pequeno grupo de pessoas, dentre as quais se destacavam Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), mística russa ligada ao budismo e ao lamaísmo, e o coronel americano Henry Steel Olcott (1832-1907), seu primeiro presidente. Com mais de um século de existência, a sociedade espalhou-se por 60 países em todos os continentes, organizada basicamente em Seções Nacionais. O lema da Sociedade Teosófica, que foi traduzido do sânscrito, em sentido amplo, afirma que não há dever ou doutrina superior à Verdade. Recomendamos a leitura do livro *O Poder Latente da Alma*, de Watchman Nee, publicado por esta editora, para mais informações sobre os ensinamentos da Teosofia e seus perigos. (N.T.)

⁶ Chefe de tribo ou soberano árabe. (N.T.)

cômodo escuro de uma casa situada em uma rua silenciosa, roçou a poeira, abrindo espaço no chão, e sussurrou algumas palavras que o outro não compreendeu. Então, ele pediu a Halîl que se sentasse no espaço aberto no chão. Estava no meio do dia. De súbito, apareceu um pequenino homem de aproximadamente dez centímetros de altura, desapareceu e rapidamente voltou com uma poltrona igualmente pequenina. Sacudindo a poeira de um pequeno espaço, ajeitou a poltrona e disse: "O rei está chegando!" No mesmo instante, apareceu outro homenzinho que andava com orgulho e ar de superioridade. Ele se sentou na poltrona, e o outro se colocou diante dele, como se fosse um criado, prestando atenção e esperando as ordens do soberano.

Então, o rei disse peremptoriamente: "Vá a Brombel, a casa de Abdelmelik Halîl, e veja o que cada um está fazendo." O primeiro homenzinho desapareceu e esteve ausente durante três ou quatro minutos. Depois, reapareceu de repente e relatou o que cada pessoa da casa estava fazendo, citando nomes e adicionando que o filho, que estivera doente, estava brincando. Então, o xeique preferiu, mais uma vez, palavras que Halîl não compreendeu, e, em seguida, os dois pequeninos homens e a poltrona desapareceram.

Abdelmelik deu um dólar ao xeique, e foram embora. Chegando à orla do Nilo, que era próximo, o xeique transformou um pedaço de papel em um bote, embarcou e não foi mais visto.

Halîl tinha observado a hora em que o homenzinho deu a informação sobre sua casa e a anotou a fim de perguntar o que eles estavam fazendo no mesmo momento daquele dia. A informação fornecida era correta.

Zaky tinha ouvido essa narração do pai. Eu a registrei na época, e ele assinou o registro, confirmando a veracidade do relato. Dez dias depois de seu irmão mais velho ter chegado, fiz com que repetisse a

história. Ele acrescentou o fato de o pai ter dito ao homem estar ansioso para receber notícias de seu garoto, o que provocou o incidente.

O pai era cristão, e que qualidade pode ser avaliada a partir de mais este incidente! Não se passou muito tempo após o acontecimento anterior, e um muçulmano chegou à aldeia onde moravam, paralisado da cintura para baixo. Um xeique da grande Universidade El Azhar, no Cairo, foi levado ao paralítico e, durante três horas, leu trechos do Alcorão sem que surgisse qualquer efeito. Então, Halil disse que o curaria em nome de Jesus. Ele orou em nome de Jesus e ordenou que se levantasse, o que o coxo fez sem demora, e que andasse de um lado para o outro. O homem ainda vivia em 1927 e era ativo. O fato de ele não se ter convertido à fé cristã demonstra que os milagres por si só não mudam o coração ou produzem a fé salvífica. É evidente que o testemunho desse discípulo é digno de confiança. Ele não teria enganado os próprios filhos, e o fato de ter escrito para casa a fim de investigar o que estavam fazendo exigiria explicações quando voltasse.

Os curiosos em assuntos como esses sabem muito bem que há abundantes evidências similares, ao redor de todos nós, que comprovam a existência de outro mundo, que pressiona o mundo dos seres humanos. É certo que uma grande parte deste outro mundo está em rebelião contra Deus. Até os espíritos declarados rebeldes admitem encontrar muitos espíritos enganadores. Esses inimigos de Deus trabalham com a finalidade de arruinar o domínio humano de Seu reino. Tanto a sabedoria quanto o amor de Deus têm feito com que Ele proíba o homem de manter contato com essa hoste rebelde ou aceitar seus avanços.

Com muita confiança, recomendo aos meus irmãos em Cristo esta obra esclarecedora. Não conheço nenhuma outra referente ao mesmo tema que seja comparável em valor espiritual. A investigação da literatura mais moderna e da atual demonstra que o Espiritis-

mo e a Teosofia são, hoje, o que eram na época em que Pember escreveu. Esta obra, portanto, é tão adequada hoje quanto o era no momento em que foi lançada.

G. H. Lang

Prefácio para a Terceira Edição

Não serão encontradas alterações importantes no texto da presente edição, mas alguns erros tipográficos foram corrigidos, e o índice está anexado.

Mais uma vez, pediríamos sua atenção para a solução das dificuldades geológicas relacionadas com a Bíblia, que é defendida neste volume. O cuidado crítico com a tradução do original é o único requisito necessário para aprovação e, enquanto desqualifica por completo os ataques feitos pela geologia ao livro de Gênesis, não aguça o descrédito da própria ciência. Porquanto, compreendida da maneira correta, descobre-se que a Bíblia deixou um intervalo de magnitude indefinida entre a criação e o período pós-terciário, e os homens podem construir pontes a fim de tentar alcançá-lo com descobertas sem sentir medo de contestar as revelações divinas.

O mal que tentamos combater nesta obra ainda está ativo e em difusão. Opiniões que correspondem exatamente à descrição de Paulo da apostasia final e, na maioria dos casos, originadas (o que foi admitido publicamente) das fontes às quais se refere estão-se tor-

nando cada vez mais aparentes na literatura da época. Histórias que se fundamentam ou introduzem incidentes espiritualistas e apresentam doutrinas teosóficas ou budistas encontram espaço, com razoável frequência, em periódicos e começam a aparecer em forma de romances. Os artigos de jornais e revistas a respeito de assuntos sobrenaturais não são mais raros, e os autores, até mesmo quando professam ser céticos, manifestam normalmente curiosidade e interesse pelo tema, o que testemunha o poder fascinante do oculto.

A última observação se aplica, de forma especial, aos comentários correntes sobre astrologia nos jornais diários. Os anuários de Moore e Zadkiel¹ foram elevados da simples condição em que se encontravam antes à respeitabilidade e à fama, e somos continuamente lembrados de que a astrologia é uma ciência e não uma superstição. A afirmação pode ser verdadeira, mas esta ciência é, pelo menos, proibida – embora, por mais estranho que pareça, alguns de seus princípios tenham sido recentemente aplicados até mesmo com a finalidade de elucidar profecias. As pretensões e a confiança dos defensores da astrologia serão, entretanto, mais bem apresentadas por meio de um trecho extraído da seção de cartas do jornal londrino *St. James' Gazette*, de 28 de abril de 1885:

¹ Os anuários surgiram como simples registros de acontecimentos astronômicos esperados para o ano seguinte: feriados e dias santos, dias de eclipse, de lua cheia ou nova e conjunções de planetas. Na Idade Média, circulavam em manuscritos ou pedaços de madeira ou metal, com entalhes e símbolos registrando os meses lunares e as celebrações da Igreja. Após a invenção da imprensa, os anuários estiveram entre os primeiros livros a serem publicados, e, em 30 anos, uma grande quantidade de anuários não continha apenas fatos astronômicos, mas também predições baseadas no movimento dos corpos celestes. A partir de então, passaram a conter previsão do tempo, predições de boas ou más colheitas, observações a respeito de dias “ruins” ou “bons”, profecias políticas e até tentativas de adivinhar o preço futuro dos cereais e das frutas, o que fez com que fossem vendidos como pão quente em todas as classes sociais e se tornassem populares. Em 1714, morreu o último dos astrólogos famosos do século 17, Francis Moore, mas o *Old Moore's Almanac* (Antigo Almanaque de Moore) ainda é vendido nos dias de hoje. No século 19, Zadkiel, pseudônimo de Richard James Morrison, escreveu um anuário a fim de tentar fazer com que a astrologia passasse a ser mais respeitada. Apesar de ser um sério astrólogo, provou-se que Morrison tinha interesse nas ciências ocultas, sobretudo na leitura da bola de cristal. (N.T.)

Permitam-me chamar a atenção de vocês, leitores, para a forma extraordinária como certas predições, que podem ser encontradas no *Zadkiel's Almanac* (Anuário de Zadkiel) destinado ao ano presente, foram cumpridas nos quatro últimos meses. É fácil ridicularizar a astrologia, mas é absurdo supor que o editor do *Zadkiel's Almanac*, escrito em setembro passado, pudesse ter profetizado, com notável sucesso, se tivesse confiado meramente em suas opiniões naturais a respeito do que poderia acontecer. Eu seria capaz de citar, a partir de outros anuários astrológicos, outras predições que foram justificadas de modo similar pela trajetória dos acontecimentos. Arrisco-me a sugerir que a astrologia merece muito mais atenção séria do que costuma receber nesse país e tenho confiança de que, se fosse controlada pela classe de homens que, nos tempos passados, dedicou-se a estudá-la, a humanidade tiraria grande proveito. Nunca deveria ser esquecido que Tycho Brahe, Kepler, Bacon, Napier e outros de igual eminência estudaram astrologia e creram nessa ciência, ainda que, hoje, as pessoas que nada sabem a respeito dela estimulem outras a ridicularizarem-na em toda oportunidade que têm.

PREDIÇÕES DE ZADKIEL	ACONTECIMENTOS OCORRIDOS
“Será conveniente que as autoridades tenham cuidado com os escândalos fenianos ² , em particular com... no dia 2 de janeiro.”	2 de janeiro – Explosão de dinamite na Underground Railway, em King's Cross.
“O governante da Alemanha passará por um súbito perigo ou problema no início desse ano.”	19 de janeiro – O imperador William ficou doente, e, durante alguns dias, sua condição causou preocupação.

² Os fenianos eram membros de uma organização clandestina irlandesa que vigorou no século 19, cujo objetivo era abolir o domínio britânico sobre a Irlanda. (N.T.)

“Em Atenas... situações antecipam perigo de uma revolução e de feitos violentos.”

Fevereiro – Crise ministerial e temores de um ataque em Atenas.

“Urano em Equador, quando o mês (fevereiro) terminar, ameaça desastres naturais (provavelmente, terremotos) na Croácia. Viena e Lisboa podem sentir o abalo.”

26 e 27 de fevereiro – Terremotos na Hungria.

Março – “No Canadá e nos Estados Unidos, procedimentos de guerra estarão na ordem do dia... Será preciso que o governador e seus ministros tenham cuidado com as armações fenianas, pois existe o perigo de um ataque na fronteira e de tentativas de insurreição.”

Março – Ataque da rebelião de Riel³ notoriamente instigada por simpatizantes fenianos nos Estados Unidos.

“Há razão para deter um combate nas fronteiras do Afeganistão e de Khorassan⁴...”

30 de março – O general Komaroff atacou e derrotou nossos aliados, os afgãos, em Penjdeh⁵, a aproximadamente 67 quilômetros da fronteira do Khorassan e do Afeganistão.

30 de março – “Eclipse parcial da lua. Atos de guerra

³ Sob a liderança de Louis Riel, anarquista canadense, o povo mestiço (de sangue euro-aborígene) revoltou-se contra os colonizadores e se opôs às propostas dos canadenses em uma insurreição conhecida como a Rebelião do Rio Vermelho, que durou 15 anos. Riel apresentou ao governo uma lista de direitos que incluía a liberdade de idioma e de religião, direitos à terra e à participação no governo do Canadá. Louis Riel morreu enforcado em 1885. (N.T.)

contra o poder deste país
podem ser realizados.”

“Parece provável que todo
o mês de abril seja marcado
pela intensa atividade polí-
tica na Inglaterra e pelo cres-
cimento do exército inglês...
O mercado financeiro sofre,
e flutuações podem ser cer-
tamente antecipadas.”

Abril – “O baixo Egito é
afetado desfavoravelmente
por Saturno no terceiro
decanato de Gêmeos.”

Abril – Grande excitação
devida à ação da Rússia no
Afeganistão.

9 de abril – Pânico na Bol-
sa de Valores. Anúncio do
imediato aumento de nos-
sas tropas.

Abril – O incidente *Bospho-
re-Egyptien* ameaça guerra
entre França e Egito.

Eu poderia adicionar ainda consideráveis trechos e ilustra-
ções, mas prefiro demonstrar que Zadkiel prediz – e tenho
feito um grande esforço para convencer-me de que sua pre-
dição é baseada nos dados astrológicos mais seguros – um
problema muito sério no Afeganistão em agosto. Possivel-
mente, a exibição de pouca firmeza e energia agora possa

⁴ A província do Khorassan (ou Corassan) situa-se na parte leste do Irã e pode ser consi-
derada como “o lugar onde o sol se levanta”. Historicamente, o Khorassan, também
conhecido como “O Grande Khorassan”, incluía a Transoxiana e o Afeganistão, e, na
antigüidade, o vasto território cobria o Afeganistão atual, o Tajiquistão, o Turcomenistão
e o Usbequistão. No século 19, as fronteiras atuais foram estabelecidas. Esta região pode
ser considerada o berço da língua persa e da civilização iraniana do leste, tendo desempe-
nhado um importante papel social e político na organização do Estado persa. Depois de
terem sido invadidas por tropas inimigas, algumas das maiores cidades do Khorassan
foram separadas e anexadas ao Turcomenistão e ao Afeganistão durante a expansão e o
colonialismo britânico e a influência russa no Irã. A região do Khorassan possui, hoje,
314.000 km², montanhas, desertos e uma população de cerca de 5.312.000 pessoas.
Devido à mistura de etnias, a cultura da província também é extremamente diversificada, o
que se reflete na música, na poesia e em outras formas de expressão artística. (N.T.)

⁵ A mais rica e habitada província do Paquistão. (N.T.)

assegurar-nos conseguir o melhor do conflito, mas, do ponto de vista astrológico, deve ser confessado que o horizonte oriental nos parece quase tão negro quanto aparenta.

A estreita relação da astrologia com o budismo e a teosofia é demonstrada no seguinte trecho:

Defendemos a tese de que a ciência da Astrologia determina apenas a *natureza dos efeitos*, por meio do conhecimento da lei de afinidades magnéticas e atrações dos corpos celestes, mas que é o carma⁶ do próprio indivíduo que o coloca nessa relação magnética particular.

(*The Theosophist* [O Teosofista], fevereiro de 1885).

Podemos, portanto, ver que a transgressão do passado está sendo revivida em nosso meio, e que muitas pessoas estão, novamente, procurando “astrólogos, adivinhadores e *profetas mensais*”, que não puderam, de forma alguma, salvar a grande Babilônia da queda (Is 47.14). Se houvesse, hoje, um profeta no meio de nós, ele não poderia dizer, com referência aos infortúnios e às desgraças pelos quais passamos nos últimos anos: “Tu, SENHOR, desamparaste o teu povo (...), porque os seus se encheram da corrupção do Oriente e são agoureiros como os filisteus” (Is 2.6)? É claro que temos também muitos outros pecados nacionais, assim como os que Judá tinha nos dias de Isaías.

Mais uma vez, assim como foi com os antigos oráculos, há, com frequência, uma quantidade impressionante de verdade nas profecias modernas, ao passo que, em outros tempos, elas falhavam de forma assinalada. Isso é precisamente uma mistura do sobrenatural com engano, o que podemos esperar encontrar em toda manifestação do reino de Satanás, em toda obra de seus agentes malignos e inescrupulosos, que, de fato, possuem poder e conhecimento mais elevados do que os nossos, mas não são onipotentes nem oniscientes.

⁶ Na filosofia hindu, designa o conjunto das ações dos homens e suas conseqüências. (N.T.)

A maneira como os gregos e romanos explicavam as dificuldades que surgiam dessa limitação de poder é instrutiva. Não se deve supor que eles permaneceriam leais aos deuses que adoravam se não vissem exhibições sobrenaturais e respostas casuais ou imaginadas às orações que faziam. Todavia, eles se decepcionavam com frequência e, a fim de explicar tal desapontamento, imaginavam o inexorável destino, sentado no chão do Olimpo⁷, exercendo um poder que nem mesmo Zeus⁸ poderia discutir.

Não raramente, podemos traçar o perfil de alguns dos verdadeiros médiuns devido à consciência desta limitação de poder, porquanto resolvendo – pelo ardor, pela fé ou pelo amor ao dinheiro – exhibir seus poderes em público e em horários predeterminados, estão bem conscientes de que não podem contar com a ajuda do sobrenatural e, portanto, precisam fazer preparativos para satisfazer a platéia através de outros meios.

De acordo com os hindus, o sucesso de um médium ou perito depende da presença de um fluido sutil (chamado de *akasa*) em seu corpo – fluido que é logo sugado, e sem o qual os demônios são incapazes de agir. Dizem que este fluido pode ser produzido artificialmente por meio de uma dieta vegetariana e da pureza – um sinal nefasto para o aluno da Escritura profética.

Não é improvável que os demônios realmente extraíam algo vital daqueles que lhes entregam o corpo para ser usado. O professor Crookes⁹, em seu relato a respeito dos testes científicos aos quais

⁷ Segundo a mitologia greco-latina, o monte Olimpo era a habitação das divindades e situava-se em uma região conhecida como Tessália. (N.T.)

⁸ Deus do céu e regente dos deuses do Olimpo – corresponde ao deus Júpiter na mitologia romana – foi considerado, de acordo com Homero, o pai dos deuses e mortais (não por tê-los criado, mas por ser visto como protetor e regente tanto da família do Olimpo quanto da raça humana). Era o senhor do céu, o deus da chuva e o ceifeiro das nuvens; aquele que detinha o terrível trovão. (N.T.)

⁹ William Crookes (1822-1919) foi considerado, em sua época, um dos três maiores sábios da Inglaterra. Antes de grande investigador dos fenômenos espíritos, Crookes foi

submeteu o Sr. Home, conta que, após uma sessão espírita bem-sucedida, o médium pareceu estar muito cansado e, algumas vezes, deitou-se no chão em um estado de total prostração. Ele relata:

Estou utilizando as expressões *força vital* ou *energia nervosa* e tenho consciência de estar empregando as palavras que transmitem significados bastante diferentes para muitos investigadores. Porém, depois de testemunhar o estado doloroso de prostração física e nervosa no qual muitos dos experimentos deixaram o Sr. Home – após tê-lo visto deitar-se no chão quase desmaiado, pálido e mudo –, eu não poderia duvidar de que a evolução da força física é acompanhada de um escoadouro correspondente na força vital.

(*Researches in the Phenomena of Spiritualism* [Pesquisas sobre os Fenômenos Espiritualistas], p. 41).

Morell Theobald fala a respeito da “escrita espírita direta sem intervenção humana declarada” e explica:

Com cautela, digo ‘sem intervenção humana *declarada*’, pois, com muita freqüência (senão sempre), quando as escritas espíritas diretas são realizadas na casa, seja no cômodo onde estou presente ou não, tenho sensações indescritíveis de dor de cabeça ou dores na parte inferior das costas, o que acaba assim que o psicograma é terminado.

(*Light* [Luz], 9 de maio de 1885).

um notável cientista nas áreas de química e física (recebendo o prêmio Nobel de Química em 1907), precursor da remodelação das ciências físico-químicas, inventor do radiômetro e do elemento químico tálio. Convidado para investigar os fenômenos espíritas, que, inicialmente, pensava serem fraudes, o professor comprovou a ectoplasmia (emanação de uma substância supostamente visível do corpo de certos médiuns), pesquisando a mediunidade de efeitos físicos e fazendo, em sua própria residência, várias fotografias de médiuns que materializavam espíritos. (N.T.)

A maneira como o Ocidente está tornando a encher-se com elementos do Oriente é muito bem ilustrada pelo livro recentemente publicado de Max Müller, *Biographical Essays* (Ensaio Biográfico). Nas cartas que escreve para Keshub Chunder Sen¹⁰, o que contém o livro, o professor se refere ao Oriente como o pai e mestre do Ocidente e à Brâhma Somâj como sendo muito mais propensa a modificar o Cristianismo do que de ser absorvida por ele. O objetivo do fundador da Brâhma Somâj é, desse modo, descrito abaixo:

O que Râmmohun Roy¹¹ desejava para a Índia era um Cristianismo purificado dos meros milagres e liberado de toda ferrugem e poeira teológica, quer datasse do primeiro Conselho ou do último. Era este o Cristianismo que ele estava disposto a pregar – nenhum outro – e, ao pregá-lo, poderia ainda, segundo pensava, permanecer adepto da Brâhma e seguidor da religião do Veda.¹²

Esse é um princípio fundamental do Movimento da Ampla Igreja Hinduísta, que, evidentemente, não atrapalhará a futura reli-

¹⁰ Líder reformista indiano e sucessor de Râmmohun Roy, Keshub Chunder Sen (1838-1884) abandonou a ortodoxa Igreja Bramanista a fim de procurar uma religião puramente teísta. (N.T.)

¹¹ Religioso e reformador educacional indiano, o rajá Râmmohun Roy (1772-1833) foi chamado, várias vezes, de pai da Índia moderna. Desejando preservar a essência do hinduísmo, que ele reconhecia ser uma força unificadora na Índia, e remover da religião alguns elementos como a idolatria, fundou uma sociedade que servia de plataforma para suas idéias liberais. Roy formulou uma adaptação do Cristianismo que aceitava os ensinamentos éticos e humanitários ao passo que rejeitava sua teologia. A fim de difundir seus ensinamentos, Roy fundou diversos jornais e estabeleceu várias escolas secundárias que usavam métodos educacionais ingleses. Ele sentia que a Índia teria de absorver as idéias ocidentais para tornar-se um Estado moderno e, em 1828, substituiu a sociedade que criara pela Brâhma Somâj [Sociedade de Deus], uma organização teísta que exerceu uma influência profunda e contínua na vida religiosa, social e intelectual da Índia. Em 1830, Roy tornou-se um dos primeiros indianos a viajar para a Inglaterra, país onde morreu. (N.T.)

¹² Coleção de quatro textos sagrados hindus – o Rig Veda, o Sama Veda, o Yajur Veda e o Atharva Veda –, escritos entre 1800 e 1200 a.C. O termo Veda pertence ao sânscrito e significa “conhecimento”. Juntos, os Vedas tratam de rituais, encantamentos, cânticos, mantras e hinos, e forma um cânone importante da religião hindu. (N.E.)

gião universal. A própria concepção de Cristianismo de Max Müller denuncia o parentesco da religião de modo muito claro:

O Cristianismo é Cristianismo pela única verdade fundamental de que Deus é o Pai do homem, assim como é verdade (e não apenas poesia ou metáfora) que o homem é o filho de Deus, participando da essência e da natureza divina embora separado de Deus pela carne e pelo pecado. Essa unidade da natureza do Divino com o Humano não diminui o conceito de Deus ao trazê-la mais perto do nível da humanidade. Ao contrário, levanta o antigo conceito de homem e traz essa idéia mais perto de seu verdadeiro ideal.

Esse ensinamento é uma preparação manifesta para o anticristo, e, a este respeito, o professor prossegue, com base na doutrina teosófica, dizendo que qualquer homem pode tornar-se um Cristo e afirma que nosso Senhor foi o “Primogênito” Filho de Deus no sentido de ter sido o primeiro a perceber inteiramente a relação comum entre Deus e o homem e a proclamá-la “em linguagem clara e simples”.

Em outra passagem muito estranha, ele nega as circunstâncias miraculosas do nascimento do Senhor e justifica a ressurreição de Seu corpo. A fim de fundamentar essas opiniões, ele recorre à autoridade do falecido Deão Stanley¹³, expressando-se a Keshub Chunder Sen a respeito da ressurreição:

Estou perfeitamente convicto de que, se você tivesse perguntado a Stanley: ‘Será que sou um cristão se acredito apenas na ressurreição espiritual de Cristo?’, ele teria respondido ‘Sim, sobretudo se você não acredita que Seu corpo foi levado para as nuvens’. Com frequência, la-

¹³ Arthur Penrhyn Stanley (1815-1881) foi professor de História Eclesiástica e cônego da Igreja de Cristo. Considerado como um sacerdote esclarecido e progressista, o Deão Stanley questionou a verdade literal da criação contida no livro de Gênesis. (N.T.)

mento que os judeus sejam enterrados em vez de serem cremados, pois, nesse caso, a idéia cristã de ressurreição teria permanecido mais espiritual, e a concepção de imortalidade ter-se-ia tornado menos material.

Tanto os teosofistas quanto os espiritualistas têm a ânsia extrema de destruir a crença na ressurreição do corpo – os primeiros em virtude de tal doutrina enfraquecer a teoria da transmigração que defendem; os últimos, porque é fatalmente oposta ao princípio fundamental no qual acreditam. Segundo este princípio, o espírito dos mortos deve transformar-se em anjo imediatamente após a morte.

Desde a publicação da última edição deste livro, a imprensa tem feito muito pela nova crença, e, dentre outras obras, podemos observar, como prova adicional da conexão entre a teosofia e o paganismo, que os fragmentos herméticos estão sendo traduzidos para o inglês. *The Divine Pymander* (O Divino Pymander¹⁴) já apareceu sob os auspícios de Hargrave Jennings, ao passo que E. Maitland e Anna Kingsford¹⁵ têm uma edição de *Virgin of the World* (Virgem do Mundo) no prelo.

¹⁴ O *Divino Pymander*, de Hermes Mercurius Trimegistus, é o primeiro livro dos escritos herméticos e foi traduzido do árabe para o inglês pelo Dr. Everard em 1650. A maioria destes escritos consiste em diálogos entre o instrutor e o aluno e varia em extensão, sendo o Pymander o mais longo e importante, pois, sem dúvida, contém muitos dos conceitos originais dos cultos herméticos. O *Divino Pymander* consiste em dezessete escritos fragmentados e reagrupados como se fosse um único texto. O instrutor ensina a Hermes que Pymander é a Mente Divina, e o aluno deseja ter conhecimento de tudo o que existe, compreender a natureza humana e conhecer a Deus. (N.T.)

¹⁵ Anna Kingsford foi defensora incansável do vegetarianismo e da luta contra a vivissecção de animais. Porta-voz da reencarnação e de uma nova interpretação simbólica do Cristianismo, segundo a tradição hermética, fundou a Sociedade Hermética. Dotada de faculdades psíquicas desde a infância, começou a ter experiências, contendo mensagens inspiradoras (as quais deu o nome de “iluminações”), na época do curso de medicina. Embora algumas fossem transmitidas por meio de um ditado em transe, a maioria era recebida por visões durante o sono natural. Algumas das mensagens vinham em resposta às suas próprias dificuldades; outras, em resposta imediata às perguntas mentais de Edward Maitland, seu grande companheiro de trabalho. Ele também era dotado de faculdades psíquicas, e sua mediunidade era totalmente consciente, como um “datilografar automático”. Em contrapartida, Anna Kingsford se intitulava profetisa ou vidente em vez de médium. Kingsford e Maitland se diziam profundamente cristãos, mas eram incapazes de aceitar uma interpretação literal da Bíblia ou o dogmatismo das igrejas. Para eles, o Cristianismo

Em um jornal de 27 de abril de 1885, o presidente da Sociedade Hermética de Londres assinalou com relação à última obra: “O título deste celebrado fragmento é uma revelação da identidade que subsiste entre as antigas religiões de sabedoria e o credo do mundo católico.”

Enquanto escrevemos estas linhas, observamos anúncios de vários novos livros teosóficos e espiritualistas, mas o mais importante, que apareceu recentemente na Inglaterra é uma tradução de *Die Welt als Wille und Vorstellung* [O Mundo como Vontade e Representação], de Schopenhauer¹⁶ – obra que auxiliou poderosamente a difusão das idéias budistas entre as classes mais cultas do Oriente. Entretanto, a sabedoria do filósofo não lhe permitiu trilhar os caminhos que conseguia indicar a outras pessoas, e tem sido observada que sua definição do universo – “uma enorme Vontade, correndo perpetuamente em direção à vida”¹⁷ – não seria uma má descrição de sua própria constituição espiritual. “Prego a santidade”, dizia, “mas não sou santo”. Por fim, lamentou o fato de suas inclinações animais não lhe deixarem esperanças de passar em nirvana¹⁸ pelo portal da morte.

era apenas uma das religiões da antigüidade, cujos mistérios ensinavam as mesmas verdades sobre o destino da alma. (N.T.)

¹⁶ Filósofo pessimista alemão, Arthur Schopenhauer (1788-1860) concluiu que o mundo, tal como é dado, em sua aparente multiplicidade e inconsistência, é apenas um conjunto de representações. O princípio de toda a realidade é a Vontade, que, sendo independente das representações, não se submete às leis da razão. O real, portanto, seria cego e irracional, mas a Vontade, princípio irreduzível, seria a raiz metafísica do mundo, a essência de todas as coisas, presente tanto na natureza inorgânica como nos organismos inferiores e superiores, inclusive nos seres dotados de consciência (o homem). Para o filósofo, o “querer-viver” é a raiz de todos os males e de todo o sofrimento, pois, como nunca é satisfeito, a Vontade, a cada grau de realização, multiplica os desejos e, por conseguinte, as dores; cada satisfação acarreta um desejo maior, que é fonte de dores maiores. A dor, portanto, é o estado natural do homem e o fim para o qual tende a natureza. Tal é o profundo pessimismo de Schopenhauer, para quem todos os preceitos de moral se resumem em um só: “Destruir em nós, por todos os meios, a vontade de viver.” Segundo o filósofo, o homem pode libertar-se dessa servidão por meio de três etapas: a arte, pela qual o artista, ao expressar a beleza, desliga-se da vida e de seus desejos dolorosos, a piedade, que liberta o homem do egoísmo, e o ascetismo, que consiste, enfim, na negação de todos os desejos e da vontade de viver e na total imersão no nada. (N.T.)

¹⁷ Tradução literal do inglês. (N.T.)

¹⁸ No budismo, estado de ausência total de sofrimento; paz e plenitude a que se chega por uma evasão de si que é a realização da sabedoria. (N.T.)

Todavia, embora seu vigoroso intelecto estivesse sempre trabalhando para adaptar o pensamento oriental à mentalidade ocidental, o filósofo pareceu encontrar pouco ou nenhum sucesso e viveu em relativo esquecimento. Apenas no final da carreira seu poder começou a ser reconhecido, e ele se tornou o centro de um círculo continuamente crescente de admiradores. “Depois de alguém ter passado uma vida na insignificância e indiferença”, disse ele com amargura, “eles vêm, no fim, com rufos de tambores e acham que isso significa alguma coisa”.

Contudo, a doutrina plantada com labor doloroso havia, pelo menos, criado raízes e, desde a morte do filósofo (em 21 de setembro de 1860), cresceu vigorosamente e parece propensa a estar, hoje em dia, rodeada de ossos embranquecidos de muitas pessoas que a desejaram como se fosse a Árvore da Vida.

Enquanto todas essas diferentes influências estão agindo sobre o Ocidente, as notícias do Oriente também são impressionantes. O seguinte trecho, extraído do *Times of India*, chama pouca atenção atualmente. Quão grande sensação teria produzido alguns anos atrás!

Uma cerimônia nova e imponente ocorreu no dia 5 de abril (de 1885) no Widyodya Buddhist College (Faculdade Budista Widyodya), em Colombo, na qual uma jovem e perfeita senhora inglesa, conhecida em Bombaim, professou formalmente ser seguidora do Senhor Buda. Não faz muito tempo que um sacerdote da Inglaterra, Rev. C. W. Leadbeater, adotou os ‘cinco preceitos’ na presença do sumo sacerdote Sumangala. Dessa vez, foi a senhorita Mary Flynn quem aceitou a crença que está-se tornando moderna entre as classes esclarecidas do Ocidente. Foi curioso ver uma senhora inglesa, usando elegante vestido de seda negro, sentar-se no meio de uma multidão de sacerdotes budistas vestidos de túnicas amarelas e repetir vários dize-

res. O sumo sacerdote deu início à cerimônia, entrevistando a bela candidata a respeito dos motivos que a levaram a aceitar o budismo como sua fé. A Srta Flynn disse que, após ter estudado os vários sistemas religiosos do mundo, descobriu que a filosofia esotérica budista era a que estava mais de acordo com sua mentalidade e com o senso comum. Depois de a moça ter respondido satisfatoriamente a outras questões, o sumo sacerdote administrou os 'cinco preceitos', que a Srta. Flynn prometeu guardar. A cerimônia terminou com todos os sacerdotes reunidos cantando 'Ratana Sutta'. Além destes, estavam presentes também, no templo onde a cerimônia aconteceu, muitos dos mais proeminentes budistas de Colombo, o capitão e vários oficiais do navio a vapor *Tibre*, do Messageries Maritimes e passageiros europeus que haviam chegado no navio."

Entretanto, parecia que o ataque feito pelo Madras Christian College [Faculdade Cristã Madras] a Madame Blavatsky não controlou o movimento no qual ela foi uma figura tão evidente, e, aparentemente, o fracasso não é mais visível em nenhum outro lugar do que no próprio Madras. Foi predito que a suma sacerdotisa da teosofia e do budismo não ousaria mostrar seu rosto novamente naquela cidade. Contudo, ela o fez e, segundo o *The Theosophist* (O Teosofista), foi calorosamente recebida não apenas pelos membros das Sociedades Teosóficas, mas também pelos alunos de várias faculdades e por muitas outras pessoas. Ela foi conduzida, em procissão, da praia ao Patcheappa Hall e, ali, apresentada pelos alunos com um discurso de simpatia e admiração, ao qual, entre outras assinaturas, foram anexadas as de mais de 300 membros do Christian College, cujos professores haviam-na atacado.

Não é de admirar que uma carta tenha aparecido, logo depois; no *Madras Standard*, em 9 de janeiro de 1885, questionando a sabedoria de tentar difundir o Cristianismo por meio de uma educação superior. Até aqui, foi normal assumir que a difusão da cultura oci-

dental provaria, por si mesma, ser fatal ao paganismo, mas a experiência e a familiarização mais íntima com a filosofia esotérica oriental estão dissipando rapidamente essa idéia. Agora, Satanás está colocando em movimento forças intelectuais que serão mais do que uma batalha para os missionários se persistirem em dar prosseguimento à guerra da velha maneira.

Deve haver uma mudança. O fato de que o sobrenatural está amplamente mesclado aos enganos e às trapaças do reino das trevas não deve ser mais negado, e sua verdadeira natureza precisa ser revelada. Assim como Paulo, nossos missionários devem reconhecer a presença e o poder do espírito da Serpente e, então, podem receber força para resistir-lhe e vencê-lo.

Além do mais, alguns deles precisam imitar o apóstolo dos gentios em outro detalhe: em não evitar declarar todo o desígnio de Deus (At 20.27). Agora mesmo, brâmanes, budistas e maometanos estão começando a pregar o próximo advento do messias que adoram, ou seja, do anticristo. É o momento em que as pessoas que estão lidando com eles devem proclamar, com voz firme, a vinda iminente de Cristo para receber Seu grande poder e reinar em soberania. Essa doutrina já foi revelada no ensinamento dos apóstolos e não deve ser, em nenhum caso, omitida pelas pessoas que participam dos trabalhos que os apóstolos faziam e partilham da mesma recompensa.

Deixe-nos, então, dar uma olhada momentânea, mas abrangente, no fenômeno que se nos apresenta. Três fases de caráter mais ou menos religioso estão rapidamente espalhando-se em todo o mundo cristão. A influência que exercem é estendida por métodos que variam, desde os mais elevados ensinamentos filosóficos até as mais falsas práticas de feitiçaria. No entanto, os que se preocupam em investigar têm pouca dificuldade em descobrir ligações que conectam as três propagandas e provam que são partes de um gran-

de movimento que está alterando a crença do mundo ocidental. Nas doutrinas gerais deste movimento, a primeira característica que nos surpreende é um esforço determinado, rápido e por meio da insinuação e do ataque direto, de causar a queda da crença nos fatos relacionados à encarnação do Senhor e ao glorioso Evangelho de Sua expiação pelo pecado.¹⁹ Em seguida, vem a reivindicação do conhecimento sobrenatural e, às vezes, até do poder sobrenatural que o médium ou conhecedor obtém das potestades do ar (1 Tm 4.1, 2). Por fim, a lei está fundamentada no fato de que aqueles que levam o relacionamento proibido à perfeição devem abster-se de carne e álcool e praticar a castidade (v. 3).

Seria possível ter uma transcrição mais perfeita da grande profecia contida na Primeira Epístola a Timóteo?²⁰

¹⁹ 1 Timóteo 3.16; 4.1. Quase não é necessário assinalar que não deveria haver um novo capítulo aqui. Os dois versículos estão intimamente relacionados. No primeiro, as doutrinas do mistério da piedade são enumeradas. No segundo, a Bíblia diz que, nos últimos tempos, os homens apostatarão delas.

²⁰ Esse assunto será detalhado no capítulo 12, tomo 2. (N.E.)

Prefácio do Autor para a Primeira Edição

Em 1876, o autor do presente volume publicou um livro menor intitulado *As Eras Mais Primitivas da Terra e Suas Lições para Nós*, no qual sua finalidade era dupla. Primeiro, ele tentou remover algumas das dificuldades geológicas e outros obstáculos normalmente associados aos capítulos iniciais de Gênesis. Depois, esforçou-se para demonstrar que os traços característicos dos dias de Noé estavam reaparecendo no mundo cristão, e, portanto, os dias do Filho do Homem não poderiam estar distantes.

A fim de ser direcionado em seus esforços para realizar o primeiro dos objetivos, ele adotou os seguintes princípios óbvios – os quais, se fossem admitidos, tornariam a interpretação fácil e precisa e antecipariam toda objeção geológica possível:

I. Que o primeiro capítulo de Gênesis, assim como os que o seguem, não é, em seu significado básico, visão ou alegoria, mas uma história verdadeira e, portanto, deve ser aceito como uma afirmação literal de fatos;

II. Que se deve tomar cuidado a fim de extrair o senso exato do texto hebraico, que a Versão Autorizada Inglesa¹ não consegue expressar freqüentemente;

III. Que, para as pessoas que acreditam realmente em um Ser Supremo, a ocorrência da interferência sobrenatural, que causa convulsões e mudanças naturais, não apresenta dificuldade, sobretudo em relação a um mundo cuja condição moral estava evidentemente fora do eixo eras antes da criação da raça humana.

No segundo tomo dessa obra, será investigado o espiritualismo, porquanto este estranho movimento foi considerado um renascimento incipiente da última e maior causa de corrupção nos dias de Noé. É possível que, em virtude desta investigação e da admissão do caráter sobrenatural dos fenômenos então geralmente associados à ilusão e ao engano, o livro permanecesse, por algum tempo, em relativo esquecimento. Entretanto, quando as conjecturas que apresentaram começaram a ser verificadas pela difusão e invasão forçosa sobre o aviso público do espiritualismo, a rápida venda das cópias remanescentes e das cartas recebidas pelo autor testificaram de um interesse que aparecia e determinaram a reimpressão, de alguma forma, do texto. Seja como for, tornou-se evidente que uma mera reedição seria bastante inadequada, pois, apesar da familiaridade elevada do autor com o assunto, o próprio espiritualismo havia-se desenvolvido grandemente, e duas novas correntes de pensamento semelhante – a teosofia e o budismo – tinham surgido.

Assim, a obra original não foi apenas revisada com adições abundantes, mas também foram acrescentados novos capítulos referentes às fases recentes daquilo que, a despeito das grandes variedades entre seus adeptos, devemos, contudo, considerar como um movimento tripartido. Talvez, em nenhum ponto, sua verdadeira unidade seja discernida com mais facilidade do que no principal

¹ O mesmo se aplica às versões em português. (N.E.)

objetivo de seus ensinamentos, ou seja, pôr de lado a salvação do Senhor Jesus e substituí-la pela doutrina de que o pecado deve ser gradualmente expurgado por meio de obras e sofrimentos, quer seja no mundo espiritual ou em uma série de reencarnações na terra.

O esquema final, ou evolução espiritual, precedido e, pelo que se sabe, introduzido pelas teorias revolucionárias naturais, está, sob disfarces diferentes e com várias modificações, insinuando-se em regiões onde a rejeição poderia ter sido considerada certa. Porém, os cristãos, pelo menos, deveriam perceber que essa evolução é diretamente subversiva à cosmogonia bíblica e ao plano de salvação, e que, por meio de sua natureza, tende – talvez lenta, mas certamente – a eliminar o grande Criador da mente de Suas criaturas.

Caso algum dos leitores esteja predisposto a aceitar essa nova teoria, pedimos que considere sua linhagem oferecida no capítulo² sobre a teosofia, repare na origem declarada dos “anjos decaídos” – que só podem ser os gigantes (nefilins) que a Bíblia diz terem aparecido duas vezes na terra – e se lembre de que os reconhecidos depositários e guardiões dela foram, em vez de apóstolos e da Igreja do Senhor Jesus, os iniciados em mistérios, sacerdotes brâmanes e seguidores de Buda.

Um pensamento solene permanece. Parece ter sido, por meio dessa doutrina, que Satanás apagou a revelação primeva da mente dos intelectuais e alterou a crença que tinham no único Deus para o panteísmo³ que sempre é descoberto como sendo a base da filosofia pagã.

Contudo, muitos sinais parecem testificar que a hora dos poderes das trevas está-se aproximando mais uma vez – e que a eclipse da fé, conforme profetizada, deverá preceder a vinda do Filho do Homem, e que “o que foi é o que há de ser” (Ec 1.9).

² No segundo tomo. (N.E.)

Capítulo 1

A Criação

Bem no início da nossa investigação, temos de enfrentar uma afirmação falsa, muito popular, profundamente enraizada, com respeito à criação do mundo. Esta falácia remonta à longínqua antiguidade e parece ter brotado, originalmente, de uma espécie de concessão mútua entre a revelação e as lendas da cosmogonia pagã.

O poeta Hesíodo (talvez, por volta de 900 a.C.) nos diz que a primeira coisa a existir foi o Caos, que, segundo sua etimologia, era “o receptáculo aberto e vazio para a matéria criada”. Entretanto, a palavra logo perdeu seu significado estrito e foi usada para designar a massa de material rude e sem forma, da qual os céus e a terra foram formados, segundo a suposição. Ovídio assim a descreve: “Havia apenas uma aparência de natureza através de todo o mundo: a isto eles chamaram de Caos; uma massa disforme e confusa” (*Metamorfoses*¹ i.6, 7). Em sua obra *Os Fastos*², faz com que Jano³, que o autor identifica com o Caos, fale assim:

¹ Conjunto de poemas que narram os mitos da antigüidade greco-latina. (N.T.)

Os antigos me chamavam de Caos, pois sou um ser primitivo. Observe que os eventos que contarei novamente são de tempos bem remotos! Essa atmosfera, cheia de luz, e os três elementos restantes, fogo, água e terra, eram um amontoado confuso. Logo que esta massa foi separada, por meio do conflito das suas partes componentes, e dissolvida, passou a novas posições, e a chama subiu; um lugar mais próximo, isto é, mais próximo da terra, recebeu o ar; a terra e o mar fixaram-se no fundo. Então, eu, que havia sido apenas uma massa volumosa e sem forma, passei a ter forma e membros dignos de um deus.

(Os Fastos i.103-112).

Desse modo, segundo a cosmogonia da Grécia e a de Roma, o universo brotou do Caos. Imagina-se que Urano, ou Céu, foi o primeiro deus supremo. Porém, ele foi afastado do poder por seu filho Cronos, ou Saturno, que, mais tarde, recebeu o mesmo tratamento de seu filho Zeus, ou Júpiter. O Caos foi a primeira coisa que existiu, e a sucessão passageira de deuses veio subsequente à existência.

Essa doutrina antiga e amplamente divulgada, como era na época do nosso Senhor, não falhou em influenciar os verdadeiros e os falsos cristãos. Dentre os falsos, estava a importante seita dos gnósticos, que acreditavam na eterna e intrínseca malignidade da matéria; mas, de modo diferente dos pagãos, ensinava que o Ser Supremo também existia desde a eternidade. Os cristãos ortodoxos escaparam totalmente do erro maior, mas, não obstante, deram testemunho claro da influência da crença popular, no tocante à interpretação deles, para o capítulo inicial de Gênesis. Fizeram com que o primeiro versículo significasse a criação de uma massa confusa de

² Os Fastos, a obra mais importante de Ovídio, é uma espécie de calendário anual heróico e religioso. Cada canto equivale a um mês, relatando costumes, lendas e deuses, o que explica a razão de ser dos dias fastos e nefastos. (N.T.)

³ O mês de janeiro é regido pelo deus Jano (ou Janus) e está relacionado às origens do holocausto. (N.T.)

elementos, a partir da qual os céus e a terra foram formados durante os seis dias, entendendo que a sentença seguinte era uma descrição desta matéria rude antes de Deus dar-lhe forma. O ponto de vista destes cristãos alcançou nossos dias, o que, no entanto, não parece ser provado pela Escritura, como logo iremos ver, e o ardil da Serpente pode ser detectado em seus resultados. Quão grande disputa ele provocou entre a Igreja e o mundo! Que pretexto imediato é oferecido aos críticos da Escritura por causa das dificuldades geológicas nela envolvidas! Como ficamos perplexos ao contemplar a terra escurecida com a sombra da dor e da morte eras antes do pecado de Adão! Quantas mentes jovens foram desviadas pela absoluta impossibilidade de defender aquilo que lhes foi ensinado com respeito às declarações bíblicas! Por último, quanto tempo precioso foi perdido pelos dedicados servos de Deus em uma discussão interminável quando poderia ter sido melhor utilizado de outra forma!

Voltemo-nos para o registro mosaico e esforcemo-nos para obter seu significado claro e óbvio. “No princípio”, lemos, “Deus criou os céus e a terra” (Gn 1.1). O princípio se refere, naturalmente, à primeira existência daquilo com que a História se preocupa; os céus e a terra. Por isso, a expressão, neste caso, tem um sentido bastante diferente daquele encontrado no primeiro versículo de João. Aqui, em Gênesis, ele é usado para designar o início dos tempos, mas, lá, em João, refere-se às incontáveis eras da eternidade antes que o tempo existisse. O terceiro versículo de João, “todas as coisas foram feitas por intermédio Dele”, leva-nos ao período do primeiro versículo de Gênesis, no qual é colocado, de uma vez, um fim à especulação com respeito à eternidade da matéria, pois Deus era antes das coisas que são vistas e, por Sua vontade suprema, chamou-as à existência. Mais ainda: esta curta sentença aplica um golpe mortal em todas as identificações panteístas de Deus com a natureza. A natureza é apenas uma de Suas muitas criaturas, uma das obras de Suas mãos: seus anos podem ser contados, e o dia do seu nascimento é conhecido. Porém, de eternidade em eternidade, somente Ele é Deus.

Ora, na descrição inspirada do que aconteceu no início, não se diz que o céu e a terra foram moldados, formados ou feitos de material, mas que foram criados, pois, qualquer que tenha sido o sentido original da palavra hebraica *bara*, parece certo que, nesta passagem e em outras semelhantes, ela é usada para “chamar à existência sem o auxílio de material preexistente”. Os escritores hebreus lhe dão este sentido, e o Rabi Nachman declara que não existe outra palavra para expressar a produção tirada do nada. Todavia, é naturalmente fácil entender que uma língua poderia não possuir um verbo originalmente confinado a tal significado, porque é certo que a idéia não teria sido concebida pelo homem sem a assistência da revelação. As teorias do desenvolvimento, tão populares em nossos dias, unidas, como invariavelmente acontece, com mais ou menos ceticismo, indicam a inclinação natural da mente humana para este ponto, e o poeta-filósofo Lucrécio foi um representante disso quando declarou que o primeiro princípio da natureza é: “O nada jamais é tirado do nada pelo poder Divino” (*De Natura Rerum*⁴. i.150).

De modo que podemos entender de imediato que a palavra escolhida pelo Espírito Santo para expressar a criação pode anteriormente ter significado a formação extraída da matéria-prima. Mas seu uso é suficientemente definido nesta e em outras passagens semelhantes, pois nos é dito que, no princípio, Deus *criou* os céus e a terra, mas as Escrituras nunca dizem que Ele fez isto nos seis dias. A obra daqueles dias foi, como iremos ver, algo bastante diferente da criação original: foram tempos de restauração, e a palavra hebraica *asah* é geralmente usada em conexão a esses tempos.

Asah significa “fazer, moldar ou preparar, a partir do material existente”; por exemplo, construir um barco, edificar uma casa ou preparar uma refeição.

⁴ O longo poema filosófico “*De Natura Rerum*” (Sobre a natureza das coisas) tentava explicar o universo em termos científicos com ênfase na superstição e no medo do desconhecido das pessoas. Trata-se de uma exposição das doutrinas de Epicuro. (N.T.)

Existem, portanto, dois atos de criação mencionados na história dos seis dias. Primeiro: está escrito que Deus criou os habitantes das águas e as aves do céu, porque estes não consistem apenas na formação material do seu corpo, mas têm um princípio de vida interior que só poderia ser concedido por um ato direto de criação (Gn 1.21). Aqui, a mudança da palavra é bastante compreensível. Da mesma forma, diz-se que o homem foi criado, embora o capítulo segundo diga claramente que seu corpo foi formado do pó (1.27; 2.7). Em virtude de o homem real ser alma e espírito, o corpo, que naturalmente é mudado a cada sete anos e deve acabar desfazendo-se na sepultura, é considerado simplesmente como o revestimento exterior, que lhe dá condições de lidar com seu atual meio ambiente e as matérias-primas das quais foi apropriadamente tirado daquela terra, em contato com as quais foi destinado a viver.

No registro detalhado da origem do homem, uma terceira palavra é usada para significar a formação do seu corpo: *yatzar*. Seu sentido é “dar forma, moldar”, como o oleiro faz com o barro (2.7).

Uma passagem de Isaías ilustra muito bem o significado e a ligação destes três verbos: “Criei para Minha glória, e formei, e fiz” (Is 43.7). Kimchi faz a seguinte observação sobre este versículo:

Criei: isto é, produzi do nada; formei: isto é, fiz com que viesse a existir em uma forma ou molde designado; fiz: isto é, fiz as disposições e arranjos finais com respeito a ele.

Deus, então, no princípio, criou os céus e a terra, e não apenas as matérias-primas das quais foram formados depois. Como se realizou esta obra maravilhosa não nos foi dito, mas é possível que o poder criativo de Deus tenha uma leve analogia com os seres que foram feitos segundo Sua imagem, uma analogia que ilustraria muito bem a distância entre a criatura e o Criador. Sabemos que, com a força da imaginação, podemos não apenas colocar diante dos nossos olhos

cenar pelas quais estivemos interessados há tempos passados, lugares que voltaríamos a visitar com prazer, formas daqueles que partiram, tão caros para nós como nossa própria vida, mas também até mesmo imaginar acontecimentos futuros conforme gostaríamos que fossem. Entretanto, a visão é freqüentemente nublada, efêmera e infelizmente profana. Mas talvez, de algum modo, enquanto produzimos esse quadro obscuro e desfalecente, os pensamentos de Deus, advindos das profundezas da Sua santidade e de Seu amor, tomam forma imediata e, em vez de se tornarem um sonho sem conteúdo e passageiro, transformam-se em uma linda realidade, estabelecida para sempre se Ele não escolher alterá-la ou removê-la. Por isso, pode ser que uma grande parte, ou talvez o todo, do exército inumerável de sóis e planetas que compõem o universo tenha vindo à existência repentinamente pela vontade de Deus e, em um momento, iluminado a região escura do espaço com suas glórias multicores.

Os céus, mencionados no primeiro versículo de Gênesis, são o céu estrelado e não o firmamento que cerca nossa terra.⁵ Uma vez que sua história não está completamente revelada, é provável, até onde sabemos, que este céu tenha permanecido em desenvolvimento, mas sem sofrer mudanças violentas desde o tempo da sua criação até agora. Todavia, com a terra não foi assim, conforme o versículo seguinte nos mostra: “A terra, porém, era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo.”

O “e” (no início do versículo acima), segundo o uso em hebraico – como também em muitas outras línguas –, prova que o primeiro versículo não é uma súmula do que segue, mas uma declaração do primeiro acontecimento no registro, porque, se fosse apenas um resumo, o segundo versículo seria o começo real da história e não começaria com um copulativo. Um bom exemplo disso pode ser o quinto capítulo de Gênesis: “Este é o livro da genealogia de Adão”

⁵ Ver observações acerca do Quarto Dia no terceiro capítulo e a exposição de Gênesis 2.4 na última parte do mesmo capítulo.

(v. 1). Essas palavras são uma sùmula do capítulo, e, conseqüentemente, a sentença seguinte começa sem um copulativo. Temos, portanto, no segundo versículo de Gênesis, não o primeiro detalhe de uma declaração geral na sentença anterior, mas o registro de um acontecimento totalmente distinto, que não afetou o céu astral, mas apenas a terra e suas cercanias imediatas. Devemos, agora, empenhar-nos para descobrir o que foi este acontecimento.

De acordo com a nossa versão, “a terra era sem forma e vazia”. Este, todavia, não é o sentido do hebraico, mas apenas uma ilustração evidente da lenda do caos. Fuerst diz que o significado correto de “sem forma” é ruína ou desolação. A segunda palavra quer dizer vácuo, “aquilo que está vazio”, de modo que, neste caso, a tradução autorizada é aceitável. Estas palavras são encontradas juntas em apenas duas outras passagens e, em ambas, são claramente usadas para expressar a destruição causada pelo derramamento da ira de Deus.

Em uma profecia de Isaías, após uma descrição estupenda da queda de Edom no dia da vingança, encontramos a expressão: “Estender-se-á sobre ela o cordel de destruição e o prumo de ruína” (Is 34.11). As palavras “destruição” e “ruína” são, no hebraico, as mesmas traduzidas por “sem forma e vazia”. E o sentido é: assim como o arquiteto faz uso cuidadoso da linha de prumo a fim de levantar a construção com perfeição, assim o Senhor tornará a ruína completa.

Não existe, então, possibilidade de cometer erros com respeito ao sentido das palavras neste lugar. A segunda passagem é ainda mais conclusiva, pois, ao descrever a devastação de Judá e Jerusalém, Jeremias a compara com a destruição pré-adâmica e exclama:

Olhei para a terra, e ei-la sem forma e vazia; para os céus, e não tinham luz. Olhei para os montes, e eis que tremiam, e todos os outeiros estremeciam. Olhei, e eis que não havia homem ne-

nhum, e todas as aves dos céus haviam fugido. Olhei ainda, e eis que a terra fértil era um deserto, e todas as suas cidades estavam derribadas diante do Senhor, diante do furor da sua ira. Pois assim diz o SENHOR: Toda a terra será assolada; porém não a consumirei de todo.

(Jr 4.23-27).

Vemos, portanto, que a palavra hebraica *tohu* significa “desolação” ou aquilo que está desolado, e o termo *bohu* quer dizer “vazio” ou aquilo que está vazio, referindo-se, provavelmente, à ausência de vida (“olhei, e eis que não havia homem nenhum” etc.). Outra coisa: o verbo traduzido por “era” é usado ocasionalmente com um acusativo simples, no sentido de “ser feito” ou “tornar-se”. Um exemplo disso pode ser encontrado na história da mulher de Ló, quando se diz que ela “converteu-se⁶ numa estátua de sal” (Gn 19.26). Esse significado é, sem comparação, o melhor para o nosso contexto. Podemos, portanto, adotá-lo e traduzir assim: “E a terra se tornou desolada e vazia; e as trevas estavam sobre a face do abismo.”

Contudo, se houver necessidade de mais evidências para provar que nosso versículo não descreve uma massa caótica que Deus primeiro criou e, depois, moldou, temos uma afirmativa direta e positiva a esse respeito em Isaías: “Porque assim diz o SENHOR, que criou os céus, o Deus que formou a terra, que a fez e a estabeleceu; que não a criou para ser um caos, mas para ser habitada” (45.18). Vemos, então, que Deus não criou a terra um *tohu*. Esta palavra, portanto, seja qual for o sentido a ela designado, não pode ser uma descrição da condição mais primitiva da terra. Todavia, nossos tradutores obscureceram o fato, traduzindo *tohu* por “sem forma”. Eles nem mesmo compararam as passagens nas quais ela aparece, porque, caso o tivessem feito, teriam visto a conveniência de traduzi-la,

⁶ Esse é o mesmo verbo usado em Gn 1.2 e traduzido na versão de Almeida por “era”. (N.E.)

na clara referência à criação em Isaías, pela mesma palavra que consta em Gênesis.

Fica claro, então, que o segundo versículo de Gênesis descreve a terra como uma ruína, mas não existe indicação com respeito ao tempo passado entre a criação e esta ruína. Eras após eras podem ter passado, e foi provavelmente no decorrer delas que a camada da crosta terrestre foi gradativamente desenvolvendo-se. Constatamos, então, que os ataques geológicos contra as Escrituras estão totalmente longe do alvo; são meros golpes no ar. Existe espaço para qualquer período de tempo entre o primeiro e o segundo versículo da Bíblia. E mais uma vez: visto não dispormos de nenhum registro inspirado das formações geológicas, temos liberdade para crer que elas se desenvolveram exatamente na ordem em que as encontramos. O processo todo aconteceu nos tempos pré-adâmicos, em relação, talvez, com outra raça de seres, o que não nos interessa no momento.⁷

Deve-se observar que, desde a queda do homem, Deus não revelou qualquer coisa para satisfazer o mero desejo de conhecimento, mas apenas questões que pudessem ilustrar satisfatoriamente Seu eterno poder e Sua divindade, nossa condição caída com seu remédio no amor insondável, a promessa de um rápido livramento do pecado, uma restauração completa ao Seu favor e uma vida infinita de obediência e alegria perfeita.

O conhecimento nesta vida é uma dádiva cheia de perigos, pois nossa grande tarefa aqui é aprendermos a lição de absoluta dependência de Deus e total submissão à Sua vontade. As maneiras como nos trata agora têm como fim afastar-nos dos nossos próprios

⁷ [Para confirmação desse ponto de vista, veja *Daniel the Prophet* (Daniel, o Profeta), de Pusey, 3ª edição, e também Liddon, em *Romans* (Romanos), p. 103, obs.: 3 (l): "Os fósseis de homens pré-adâmicos em camadas de uma antiguidade desconhecida podem muito bem apontar para eras quando este globo foi o cenário de provação de raças primitivas de 'homens' – provação que teve fim por alguma catástrofe geológica, anterior à reconstrução descrita em Gênesis, que abriu caminho para a nossa raça."]

planos e tirar a soberba de nós (Jó 33.17). No entanto, o conhecimento produz exaltação indevida a menos que seja acompanhado de um poderoso derramar da graça. Foi a visão do conhecimento que encheu o seio da nossa primeira mãe com aspirações ímpias, fazendo com que ela ouvisse o Tentador, ao oferecer-lhe esperança de ser como Deus. É um fato nefasto que, depois da Queda, os primeiros inventores de artes e ciências foram os descendentes do deísta e criminoso Caim e não do crente Sete.

Por isso, em nossos dias, os líderes da ciência são freqüentemente os líderes da infidelidade, desprezadores de Deus e da oração. A não ser por graça especial, o homem parece incapaz de carregar o menor peso de poder sobre seus ombros sem perder o equilíbrio.

Por isso, as Escrituras adotam exatamente a atitude que deveríamos esperar e, no seu todo, assim como os versículos diante de nós, evitam o contato com a ciência dos homens. Deus não nos proíbe de pesquisar, até onde podemos, as leis do Seu universo, mas recusa totalmente ajudar ou acelerar nossos estudos pela revelação. No tempo presente, Ele prefere que nos concentremos mais na renovação moral de nós mesmos e dos nossos semelhantes. Porém, depois de um curto período de tempo, Ele abrirá vastos depósitos da Sua sabedoria para aqueles que amaram, e confiaram Nele, e deleitaram suas almas com os segredos do Seu poder criativo.

Capítulo 2

O Intervalo

Vemos, então, que Deus criou os céus e a terra no princípio, de um modo lindo e perfeito, e que, em um período subsequente (não sabemos quando), a terra passou a um estado de completa desolação, ficando totalmente sem vida. Não apenas seus lugares frutíferos se tornaram um deserto, e todas as suas cidades foram destruídas, mas também a própria luz do sol foi retirada; todo o orvalho da atmosfera ficou submerso na superfície, e o vasto abismo, cujos limites Deus estabelecera para nunca serem ultrapassados, a não ser quando Sua ira se manifestasse, foram rompidos. Desse modo, o planeta arruinado e coberto, acima do topo de suas montanhas, pelos dilúvios negros da destruição, girava pelo espaço em trevas imensas e horríveis.

Porém, o que poderia ter ocasionado catástrofe tão terrível? Por que motivo teria Deus destruído a obra de Suas mãos? Se pudermos extrair qualquer inferência da história da nossa própria raça, diremos que a causa dessa abominável ruína foi o pecado. O pecado, que parece ter sido suportado pacientemente por longas eras, e cujo clamor finalmente subiu ao céu, trouxe total desolação.

Conforme os resíduos de fósseis claramente mostram, não houve apenas doença e morte – companheiros inseparáveis do pecado então predominante entre as criaturas vivas da terra –, mas até mesmo ferocidade e matança. Os fatos provam que estes resíduos nada têm a ver com nosso mundo, pois a Bíblia declara que todas as coisas feitas por Deus durante os Seis Dias eram muito boas, não havendo nelas qualquer mal até Adão pecar. Por meio da queda do homem, a terra foi amaldiçoada, e, sem dúvida, na mesma ocasião, toda a criação ficou sujeita à vaidade do esforço infrutífero, contínua inquietação e decadência perpétua, sob a qual tem gemido e juntamente suportado dores de parto até agora (Rm 8.22). Quando espinhos e abrolhos brotaram da terra, a maldição também atingiu o reino animal. Surgiu nele uma natureza depravada e até selvagem, vindo a alcançar seu clímax em uma sede cruel de sangue (talvez, não antes dos tempos antediluvianos) e mudou, pelo menos, a organização de algumas espécies. Imaginar como tal mudança aconteceu é especulação inútil, porque a mão do Altíssimo a realizou, mas que isso aconteceu e que os animais da terra não foram sempre o que são agora, disto temos provas nos fatos que se seguem.

No sexto dia, Deus disse que tudo quanto havia feito era muito bom (Gn 1.31). Essa declaração seria totalmente inconsistente com a condição atual dos reinos animal e vegetal. Mais ainda: Ele deu apenas erva verde como alimento “a todos os animais da terra, e a todas as aves dos céus, e a todos os répteis da terra” (v. 30). Não havia, então, qualquer animal carnívoro naquele mundo sem pecado.

Por fim, em uma grande profecia dos tempos da restauração, lemos:

O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha como o boi. A

criança de peito brincar sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar.

(Is 11.6-9)

Quer dizer, quando o pecado for contido pelo retorno do Último Adão, a maldição perderá seu poder, a natureza selvagem dos animais do campo desaparecerá, os carnívoros se tornarão herbívoros, os venenosos colocarão de lado seu veneno. Tudo será restaurado à primeira condição e voltará a ser novamente da forma que era quando Deus pronunciou a primeira bênção.¹

Visto que os resíduos de fósseis são de criaturas anteriores a Adão e, mesmo assim, exibem sinais de doença, morte e destruição moral, essas criaturas devem ter pertencido a outro mundo, possuindo uma história manchada pelo pecado, cujo fim foi a ruína destas e de sua habitação.

Uma vez que um senhor ou vice-regente foi colocado sobre o reino animal do nosso mundo, e, por sua queda, a deterioração, a doença e a morte obtiveram poder irresistível sobre toda criatura vivente, podemos, desse modo, concluir naturalmente que seres superiores habitavam e governavam aquele mundo anterior e, como Adão, transgrediram a lei do Criador.

No entanto, quem eram estes antigos possuidores das terras que agora nos foram dadas? Que pecado terrível provocou seu desaparecimento e envolveu a terra e seus arredores em tão desordenada ruína?

Nenhum registro nos foi deixado; os numerosos resíduos nas rochas antigas são daquelas formas inferiores de criação. Todavia,

¹ Com exceção da serpente, que perderá seu poder de picar, mas ainda exibirá o sinal da degradação. Veja Isaías 65.25.

ao espreitarmos, esperançosos, durante a noite, um raio fraco e instável, parece emanar das Escrituras em nossas mãos uma luz bem diferente daquela encontrada com respeito a outros assuntos, mas provavelmente não mais do que o suficiente para tornar a noite visível e revelar o contorno de uma forma definida, sentada bem acima da desolação e olhando sombriamente para baixo, para seu reino destruído. É o nosso próprio e grande Inimigo, o Príncipe do Mundo e da Potestade do Ar.

O PRÍNCIPE DESTE MUNDO

Consideremos, então, as poucas referências que a Bíblia parece oferecer relacionadas a este grande mistério. Contudo, devemos pisar de leve e atravessar rapidamente essa ponte por cima da correnteza enfurecida, pois não temos certeza do seu fundamento, e, além do mais, podem existir, nas trevas da noite, sérios defeitos em sua construção. Entretanto, a revelação a qual iremos referir-nos foi dada para nossa instrução e, como todas as demais passagens das Escrituras, é útil, mesmo que não consigamos captar o segredo nela contido, mas lidemos com ela com reverência e temor (2 Tm 3.16). A contemplação de tal tema nos dá alguma idéia da inefável magnitude dos acontecimentos passados e futuros, pelos quais o tempo está limitado, e dos incontáveis milhões de atores nele interessados. Tal tema convence nossa mente tão propensa a habitar complacente e irracionalmente nesta era atual tão passageira e nosso ego ainda mais insignificante. Este tema nos atinge com temor inconcebível, tornando-nos temerosamente ansiosos para estarmos seguros no único refúgio, antes que a próxima grande tempestade da cólera de Deus venha ribombante sobre o nosso mundo sentenciado. Ele nos estimula a cumprir nossa pequena tarefa no drama estupendo que o Grande Supremo se apressa a concluir com rapidez.

Existem, talvez, duas fontes das quais podemos extrair alguma informação com respeito à condição anterior da terra: (1) de qual-

quer passagem que pareça referir-se diretamente a ela; (2) do relato que nos foi dado dos “tempos da restauração de todas as coisas” (At 3.21). O próprio nome sugere que o propósito original de Deus não será frustrado pelo pecado, mas que tudo será restaurado como antes da mais antiga rebelião dos anjos caídos. [Mas observe as palavras: “A qual (restauração) foi falada pelos profetas.” A restauração será *conforme* o que os profetas falaram; nem mais, nem menos.]

Se olharmos de relance os poucos particulares da história de Satanás que nos foram revelados, não deixaremos de observar que, além do atual poder a ele atribuído, o título “Príncipe do Mundo” é clara e legitimamente mantido por ele; ou, em outras palavras, essa dignidade, com outras prerrogativas reais que lhe pertencem por direito, foi-lhe conferida pelo próprio Deus². Porquanto não existe outra explicação para o fato de o próprio Senhor Jesus ter falado do adversário não apenas por aquele título (Jo 14.30), mas por ter reconhecido também sua autoridade delegada, não refutando sua reivindicação do controle atual dos reinos e da glória do mundo (Lc 4.6-8).

Só reconhecendo a legitimidade desta reivindicação é que podemos entender a passagem de Judas, na qual a atitude do arcanjo Miguel para com Satanás é citada como um exemplo do devido respeito à autoridade, mesmo estando ela nas mãos do ímpio (Jd 9).

O significado da palavra “mundo” é de alguma forma ambíguo, porque, no grego, pode limitar-se à nossa terra, e a seus habitantes, como também pode estender-se à totalidade do universo. No caso que se nos apresenta, inclui todas as esferas do nosso sistema solar. Se, pelo menos, houver verdade nos registros dados pelos astrônomos com respeito à condição de ruína da lua, descrita como sendo um “deserto árido e sem vida”, provavelmente isto indica que o poder de Satanás se estende até lá. Pode ser também que a catás-

² Antes da queda naturalmente. Veja a exposição de Ezequiel 28.11-19 na parte subsequente deste capítulo.

trofe no sol, que foi remediada no quarto dia, testifique dessa conexão com aquele glorioso luminar.

Em um texto de Coríntios, Paulo, segundo nossa tradução, o nomeia de “deus deste século” (2 Co 4.4). Entretanto, a palavra “mundo” aqui é outra e deveria ser traduzida por “era”. Satanás é realmente o legítimo Príncipe do Mundo, mas somente no abuso do seu poder, cegando os olhos dos homens, ele os induz a adorarem-no como seu deus. No fim da presente era, ele será destituído do seu principado, e a remoção da base do verdadeiro poder fará com que a superestrutura caia imediatamente no chão.

DEUS DESTE SÉCULO

Contudo, mesmo correndo o risco de interromper o argumento, não podemos deixar de parar por um momento e verificar a solene advertência contida no título “deus deste século”. Existe realmente razão para se crer que o Diabo tem recebido muito mais adoração direta e pessoal do que aqueles que não estão acostumados a investigar tais questões possam imaginar. Porém, Paulo faz referência a algo bem mais geral. Suas próprias palavras, em outro lugar, explicarão melhor seu significado: “Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos?” (Rm 6.16). Existem duas leis colocadas diante de nós: a de Deus e a de Satanás. Aquela que guardarmos nos fará escravos ou adoradores de um ou de outro. A profissão de fé, por mais veemente que seja, nada significa no outro mundo. Podemos professar o culto ao Deus Supremo e fazê-lo com diligência no aspecto exterior. Mas, se ao mesmo tempo, obedecemos à lei de Satanás, somos reconhecidos como seus súditos, e a ele sobem nossas orações e louvores. A lei de Satanás é esta: que busquemos todos os nossos prazeres, coloquemos nossa sincera esperança neste mundo atual, que ele preside, e que usemos nossos melhores esforços em várias ocupações, deleites sensuais e intelectuais e inúmeras formas

de matar o tempo por ele providenciadas, cuja finalidade é evitar a fixação dos nossos pensamentos naquela era vindoura, que há de revelá-lo como um cativo algemado em vez de príncipe e deus.

Entretanto, ele é chamado também de “príncipe da potestade do ar” (Ef 2.2). Este principado parece ser o mesmo dos lugares celestiais (6.12), os quais, conforme Paulo nos diz, estão cheios de hostes da impiedade. Não é necessário limitá-los aos 130 ou 160 quilômetros da atmosfera que se supõe cercar a terra, pois, se o poder de Satanás se estende até o sol, conforme sugerimos atrás, e, portanto, ao todo do nosso sistema solar, o reino do ar inclui o imenso espaço no qual os planetas do nosso centro se revolvem. Em tal caso, não parece improvável que o trono do seu príncipe esteja situado na fotosfera do sol. Devemos, assim, encontrar uma significação básica e profunda no fato de que a idolatria sempre começou com o sol e consistia, não em pequeno grau, no culto ao deus-sol, fosse ele chamado de San, Shamas, Bel, Ra, Baal, Moloque, Milcom, Hadade, Adrameleque e Anameleque, Mitras, Apolo, Sheikh Shems ou de qualquer outro dos seus incontáveis nomes.

Não será de grande significado o fato de o próprio nome de Satanás passar, através da sua forma caldaica *Sheitan* para o grego *Titan*, palavra esta usada pelos poetas gregos e latinos para designar o deus-sol?

Na verdade, parece que tal indicação foi entendida na idade negra, pois Didron, em sua *Iconografia Cristã*, descreve três miniaturas bizantinas do décimo século, nas quais Satanás é representado com um nimbo, ou glória circular, o símbolo reconhecido do deus-sol nos tempos pagãos.

Quando a Igreja tornou-se paganizada, o nimbo começou a aparecer nas imagens e quadros de Cristo e dos santos. Ao mesmo tempo, a Igreja foi corrompida pela introdução de outros costumes tais como a tonsura circular e a prática de se voltar para o leste,

prática esta sempre relacionada com o culto do sol desde a antiguidade. [Veja *Mystery Babylon* (Babilônia Misteriosa), 103 ss.]

Talvez, haja algo sugestivo na palavra usada para descrever este reino, pois ela significa “denso e obscuro”, em contraste com o ar claro e limpo. Por isso, pode ter sido selecionada para indicar os céus (ares) poluídos e maculados pelo pecado de Satanás. Este ponto de vista parece ser confirmado por uma passagem em Hebreus: “Era necessário, portanto, que as figuras das cousas que se acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias cousas celestiais, com sacrifícios a eles superiores” (9.23). Esta purificação será realizada provavelmente na volta do Senhor, depois da expulsão de Satanás e seus anjos do céu (ares), conforme o registro de Apocalipse 12. Podemos observar a linda concordância entre esta idéia da impureza do primeiro céu e a profecia de Isaías: “A luz da lua será como a do sol, e a do sol, sete vezes maior, como a luz de sete dias” (30.26).

Qual é, então, a natureza do poder indicado pelos títulos de Satanás? Para entendê-la, precisamos dar uma olhada nas alusões gerais da Escritura com respeito às influências espirituais, pois, embora invisíveis e pouco imaginadas pelos governantes da terra, os poderes espirituais também existem (Ec 5.8). Todos foram designados originalmente por Deus a despeito de serem hoje leais a Ele ou não. Posto acima de posto, estes vigilantes permanecem passando, cada um, sua informação a outro superior, até que ela alcance o Altíssimo no cume da pirâmide. Por isso, na primeira visão de Zacarias, os que haviam sido mandados pelo Senhor a rodearem a terra, são vistos entregando seus relatórios ao Anjo do Senhor, o qual apela ao próprio Todo-Poderoso (1.11, 12).

Por essa razão, lemos de tronos, domínios, principados, poderes (Cl 1.16), arcanjos³ e anjos. Não precisamos conhecer muito da Escritu-

³ Embora usemos o plural “arcanjos”, Miguel é o único arcanjo mencionado na Bíblia. Podem existir outros seres do mesmo escalão relacionados com outras partes do univer-

ra para descobrir que grande número desses seres invisíveis que supervisionam os negócios dos homens e seu mundo está em rebelião aberta contra o Todo-Poderoso; eles são principados, poderes, governadores do mundo, das trevas, com os quais, segundo Paulo, temos de travar feroz batalha (Ef 6.12). Todos prestam contas a Satanás, seu príncipe, e este, em seus relatórios ao Altíssimo, faz uso da sua inteligência para acusar a nós e aos nossos irmãos diante de Deus, dia e noite (Ap 12.10).

Se quisermos saber algo sobre a maneira como eles governam, podemos ler a própria estimativa de Deus no Salmo 82. Este curto poema, uma das maiores revelações, suspende a cortina, permitindo um vislumbre momentâneo dos mistérios além da nossa esfera, e é tão importante para ilustrar o nosso assunto, oferecendo também uma solução para muitas dificuldades morais causadas pela condição atual do mundo, que acrescentamos uma tradução corrigida, com algumas palavras de observação.

1. Deus (Eloim) assiste na congregação divina;
no meio dos deuses,
estabelece o Seu julgamento.

2. Até quando julgareis injustamente
e tomareis partido pela causa dos ímpios? (Selá)

3. Fazei justiça ao fraco e ao órfão,
procedei retamente para com o aflito
e o desamparado.

4. Socorrei o fraco e o necessitado;
tirai-os das mãos dos ímpios.

5. Eles nada sabem, nem entendem;
vagueiam em trevas;
vacilam todos os fundamentos da terra.

so. Miguel parece ter este título, pois é o dominador indicado dos anjos fiéis no céu da nossa terra. Por conseguinte, encontramos-lo como o príncipe do povo escolhido de Deus e o grande oponente de Satanás (Dn 12.1; Ap 12.7; Jd 9).

6. *Eu disse: sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo.*

7. *Todavia, como homens, morrereis*

e, como qualquer dos príncipes, haveis de sucumbir.

8. *Levanta-Te, ó Deus, julga a terra,*

pois a Ti compete a herança de todas as nações.

Este salmo é, portanto, composto de quatro parágrafos, sendo que o primeiro mostra o Altíssimo assistindo, no meio dos anjos, aos governadores deste mundo e responsabilizando-os por sua tolice. Aparentemente, temos dois exemplos de tal assembléia: no início do Livro de Jó, em que os filhos de Deus, com Satanás entre eles, são vistos apresentando-se diante do SENHOR. Em cada um dos casos, o concílio, tanto quanto nos é revelado do seu propósito, relaciona-se com um habitante da terra, e suas decisões foram da maior importância para ele. O Primeiro Livro dos Reis nos fornece um terceiro exemplo, no julgamento celestial realizado para determinar o destino de Acabe (22.19-23). Assim como Satanás toma parte na deliberação com respeito a Jó, lemos a respeito da presença de um espírito de mentira que recebe permissão a fim de possuir e inspirar os falsos profetas para a destruição daqueles que neles confiavam.

Os “deuses” da segunda linha são anjos – neste caso, naturalmente, anjos caídos –, assim chamados como sendo agentes de Deus. Desta forma, nosso Senhor explica: “Se Ele chamou deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus” (Jo 10.35). Uso semelhante da palavra pode ser encontrado no Salmo 97.7, no qual Paulo traduz a expressão “prostrem-se diante Dele todos os deuses” por “todos os anjos de Deus O adorem” (compare também Hb 2.5 com Sl 8.5).

Na acusação que se segue, o estado presente do mundo é descrito com precisão. Quão claramente somos levados a ver que se a mentira, a fraude, a opressão e violência estão operando, se as lágrimas dos fracos estão correndo, se há um filho de Deus a quem

na dura corrida deste mundo,
sobrecarregado e infeliz,
uma hoste de fantasmas persegue;

se há multidões que podem dizer “ninguém se importa com minha alma”, tudo isso acontece, porque um rebelde está agitando seu centro de ferro sobre a terra, que geme.

Nos versículos três e quatro, parece que discernimos uma tremenda revelação do amor de Deus. Ele não lamenta apenas pela raça caída de Adão, a qual oferece lugar de arrependimento, mas mostra graça também aos anjos que pecaram. Recordamos as palavras misteriosas pronunciadas pelo Senhor, logo depois que a voz do céu ressoou pelo templo: “Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso” (Jo 12.31). Parece que o decreto irrevogável, que fixa o destino dos “governadores deste mundo tenebroso” só então fora pronunciado, e os ouvidos do Senhor tiveram, por assim dizer, apanhado o ribombar do fechamento dos portões da misericórdia, que, até aquela ocasião, haviam estado abertos até mesmo para Satanás e as hostes espirituais da impiedade. Foi, possivelmente, sua hostilidade para com o Filho encarnado de Deus que encheu a medida da iniquidade deles de modo que a parábola dos lavradores maus (Mt 21.33-44) poderia aplicar-se tanto a eles quanto aos judeus. Ambos se recusaram a oferecer ao grande Criador os frutos da Sua terra que fora entregue aos seus cuidados. Recusaram os apelos cheios de misericórdia, tal como na conclusão do Salmo 82, e, finalmente, ao divisar o Filho entrando nos seus domínios, destruíram qualquer esperança que poderia existir quando clamaram: “Este é o Herdeiro; ora, vamos, matemo-Lo e a herança será nossa!” (Mc 12.7).

O quinto versículo mostra que Deus já havia previsto o fim. Ele declara que Sua admoestação é vã; os rebeldes não ouviram. Apartando-se Dele, perderam a sabedoria e não podem mais enten-

der; tornaram-se míopes segundo a maneira dos homens, se não for em sua própria medida. Só podem mover-se incansavelmente, de um lado para outro, sob as trevas dentro das quais têm vagueado, esforçando-se através de incansável atividade para esquecer a plenitude divina do seu estado anterior. Ao mesmo tempo, manifestam a loucura imprudente do pecado ao estender suas mãos contra Deus e se fortalecer contra o Todo-Poderoso.

Terríveis são as conseqüências da condição dos governadores do mundo para a terra, que geme sob o seu domínio. Todos os seus fundamentos estão abalados, a terra está cheia de abusos e crimes escandalosos, seu clamor sobe ao céu, e uma anarquia de injustiça e opressão está presente. Eles devem, portanto, ser depostos; seu poder deve ser tirado, e uma retribuição terrível deve justificar a justiça Daquele que é rei de tudo.

Por conseguinte, a sentença que recebem se segue, e seus termos deveriam ter evitado aquela vaga interpretação do salmo que se tem contentado em identificá-lo como se referindo apenas a governadores humanos. Tais palavras não são dirigidas àqueles que foram chamados à existência sob condições mortais, mas a seres que, desde as primeiras horas da sua vida, regozijaram-se na imortalidade dos filhos de Deus. Não obstante, por terem pecado e caído do seu primeiro estado, colocam-se também sob a lei do pecado e da morte. À semelhança dos efêmeros filhos de Adão, eles perecerão e cairão como um dos fugazes príncipes da terra.

Esta sentença ainda não foi aplicada; mas acontecerá, aparentemente, quando Satanás for amarrado e lançado por mil anos no abismo (aquela profundidade ardente no centro da terra), que, segundo a Escritura, é a cadeia dos que morreram perdidos. Assim, ele sofre a primeira morte durante o Milênio e, depois, a segunda, ao ser lançado no lago de fogo e enxofre (veja Is 24.21, 22; Ap 20.1, 2; 20.14).

O salmo (82) termina com uma oração. Enquanto contempla os males lançados sobre o mundo pelo seu atual Príncipe, o salmista é movido a ansiar pela vinda do Rei Justo, pela vinda de Cristo para depor os poderes rebeldes, herdar todas as nações e julgar a terra.

É revelado, então, que poderes espirituais e humanos estão interessados na administração da nossa terra, e essas atividades diversas são mencionadas como que resumindo a totalidade do seu governo em um versículo de Isaías, no qual se diz que o Senhor, na Sua vinda, vai destituir e punir dois corpos distintos de governo: “no céu, as hostes celestes, e os reis da terra, na terra” (24.21). As “hostes celestes” são claramente identificadas com Satanás e seus anjos, e os “reis da terra”, com os poderes mundiais anticristãos, isto é, com os poderes gentílicos da cristandade, porque, depois da rejeição temporária de Israel, o domínio da terra foi formalmente transferido para as mãos dos gentios, na pessoa de Nabucodonosor (Dn 2.37, 38). Nem mesmo Cristo vai alterar a forma de governo, mas por certo trocará os governantes. Ele mesmo e Sua Igreja tomarão o lugar das hostes celestes que estão nas alturas, enquanto o primeiro escalão entre os reis da terra sobre a terra será dado à semente de Abraão segundo a carne.

É um fato notável, entretanto, que a presente disposição dos poderes espirituais normais do mundo pareça estar inteiramente nas mãos de Satanás. Isso é evidente segundo o Salmo 82 e também o versículo 21 de Isaías 24 visto que, em cada passagem, os poderes espirituais são tachados sem qualquer reserva como rebeldes contra Deus.

O décimo capítulo de Daniel fala sobre o príncipe satânico da Pérsia e o príncipe da Grécia, mas o anjo do SENHOR que se opõe a eles não usa um título semelhante. Por suas próprias palavras, vemos que seu posto não é permanente; ele é enviado apenas para um propósito especial e se retira quando o realiza, deixando o príncipe da Grécia sem ser atacado. Quão profundamente significativa, quão dig-

na da nossa mais solene consideração é sua queixa ao dizer que, depois de sua entrada no céu da nossa terra (a expansão), ele encontrou hostilidade ou indiferença de todos os seus principados, com apenas uma solitária exceção (v. 21)! Da região inteira do amplo império rebelde, surgiu apenas um príncipe de Deus leal para ajudá-lo em seu conflito com as potestades das trevas. Este arcanjo fiel era Miguel; não é difícil também explicar sua presença nas regiões do ar, pois ele é descrito para Daniel como “vosso príncipe” e, logo depois, como “o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo” (v. 21; 12.1). Parece, portanto, que ele é o governador de Israel, e, por isso, quando Deus escolheu um povo sobre a terra para Si mesmo, Ele os tirou da jurisdição (*exousia* de Satanás – At 26.18; Cl 1.13) e designou um dos Seus próprios príncipes para governá-los e protegê-los. Por isso, com feroz inimizade, o Príncipe das Trevas parece ter competido contra Miguel e dirigido pessoalmente seus furiosos ataques sobre o malquisto principado. Uma de suas vitórias é registrada no Livro das Crônicas, no qual somos informados que ele, Satanás, “se levantou contra Israel e incitou a Davi a levantar o censo de Israel” (1 Cr 21.1).

O GOVERNO DE MIGUEL

O texto de Daniel 10.13, 20 nos mostrará que isso foi efetuado por uma vitória sobre Miguel e a conseqüente suspensão da influência protetora do arcanjo. Uma indicação notável dos conflitos espirituais que parecem estar relacionados a todo acontecimento terreno pode ser também encontrada em 2 Reis 6.16. Quando o servo temeroso de Eliseu disse a seu senhor que Dotã estava cercada pelos sírios, o profeta parece ter vislumbrado imediatamente as forças espirituais *em ambos os lados* e, então, satisfeito com o que havia visto, respondeu: “Não temas; porque mais são os *que estão conosco* do que os *que estão com eles*.” A cegueira subsequente do exército inimigo foi, sem dúvida, realizada pela ordem de Deus pelo exército de fogo que protegia Eliseu, e o milagre certamente parece indicar uma derrota prévia daqueles que estavam com os sírios.

No terceiro capítulo de Zacarias, temos uma representação típica do conflito inteiro, com um vislumbre do seu resultado final. O anjo do Senhor, diante do qual Josué, o sumo sacerdote, é visto em pé, seria naturalmente Miguel, o protetor de Israel. Satanás está presente em pessoa para acusar, e o Senhor é apresentado como Juiz, decidindo contra o adversário (Satanás) e em favor de Josué e Jerusalém. Todavia, essa sentença ainda não foi efetuada, porque Satanás, pelo vigor e persistência de seus ataques, provocou, depois, a ruína e dispersão do povo judeu, frustrando aparentemente o propósito de Deus e recuperando por completo sua província perdida. O governo de Miguel, entretanto, parece estar quase suspenso no tempo atual, mas, de acordo com o que vemos das passagens proféticas, ele brevemente retomará a batalha e conquistará a vitória final e decisiva (Dn 12.1; Ap 12.7-9).

De tudo isso, podemos concluir, com certeza, que, embora Satanás seja um rebelde, ele ainda não foi destituído nem do seu título nem do seu poder. Ele ainda é o grande elevado nas alturas, que divide o mundo em diferentes províncias de acordo com suas nacionalidades, designando um anjo poderoso, assistido por inumeráveis subordinados, como vice-rei sobre cada reino para dirigir suas energias e dobrá-los à sua vontade. Desse modo, temos alguma idéia da terrível realidade da intenção de Paulo quando afirma que nosso grande conflito não é com a carne e o sangue, mas sim contra principados, potestades, dominadores dessa era de trevas e hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais (Ef 6.12).

Mas quem é suficiente para estas coisas? Pois todas as cercanias aéreas do nosso planeta estão densamente povoadas por uma raça hostil de seres indizivelmente superiores a nós em sabedoria e poder; tendo tido, durante um vasto número de anos, toda experiência concebível dos pontos fracos da humanidade; possuindo a vantagem incalculável de serem invisíveis, embora, como inteligências espirituais, sejam provavelmente capazes não apenas de julgar-nos

por nossas palavras e expressões faciais externas, mas até mesmo de ler os pensamentos mais internos do nosso coração, cooperando com a organização mais perfeita e segura. Por último, dirigidos por um líder de consumada sabedoria e habilidade, o qual é assistido por príncipes poderosos e tendo súditos tão numerosos que, se colocarmos qualquer ênfase na palavra “legião”, citada na memorável narrativa de Lucas, vemos que ele pode dispensar uns seis mil deles para guardarem apenas um miserável cativo (Lc 8.30).

Realmente, com esses fatos diante de nós, poderíamos desmaiar de temor se não soubéssemos que existe um Poder mais forte acima de todas as hostes do Príncipe das Trevas; Alguém que nos estima com sentimentos de maravilhoso amor e que não somente é capaz, mas deseja proteger-nos do destruidor agora. Alguém que tem como propósito livrar-nos totalmente da ansiedade, do terror e do perigo dos seus ataques em breve, pois, apesar de o Senhor não ter ainda deposto formalmente o rebelde, Ele não deixa o mundo inteiramente à mercê de Satanás. Anjos de Deus penetram os domínios do ar, acampam-se ao redor daqueles que O temem e os protegem dos inimigos malignos que fariam deles presas fáceis se tal não acontecesse (Sl 34.7). O número deles também não é insuficiente, pois o servo de Eliseu viu a montanha cheia de cavalos e carruagens de fogo ao redor do seu senhor (2 Rs 6.17). Os anjos de Deus são designados para cuidar de igrejas inteiras, conforme encontramos nos três primeiros capítulos de Apocalipse. Mais ainda, as rédeas do governo são, algumas vezes, arrancadas até mesmo das mãos dos príncipes mais poderosos de Satanás, e um grande reino é governado, durante algum tempo, por um anjo de Deus. Isso, conforme vimos agora, foi o que aconteceu com o Império da Pérsia, quando o Senhor determinou que o poder mundial fosse favorável ao Seu povo exilado (Dn 10.13).

A princípio, pode parecer também que os elementos não estão entregues totalmente às mãos dos rebeldes, pois a voz do anjo das águas não soou como a voz de um apóstata quando João o ouviu

dizer: “Tu és justo, Tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas cousas; porquanto derramaram sangue de santos e de profetas, também sangue lhes tens dado a beber; são dignos disso” (Ap 16.5, 6). Estas são palavras de alguém que, por muito tempo, suspirou e gemeu em virtude da impiedade que seus olhos viram e, finalmente, reconheceu o justo julgamento que veio sobre eles. O anjo “que tem autoridade sobre o fogo” é evidentemente um dos príncipes de Deus (14.18).

Porém, visto que estes dois e também aqueles que João viu segurando os quatro ventos da terra (7.1) só são introduzidos em relação ao tempo do fim, é provável que sejam os sucessores designados dos ministros de Satanás, os quais, dali em diante, tomarão posse dos elementos a fim de usá-los na execução da ira vindoura, pois, até que o Diabo seja deposto do trono no ar, é provável que exerça controle, em grande medida, sobre os fenômenos atmosféricos. No Livro de Jó, nós o vemos controlando o relâmpago, pois, ao seu mandado, o fogo de Deus caiu do céu e consumiu os rebanhos e os servos do patriarca (1.16). Muitos séculos depois, quando nosso Senhor despertou do Seu sono e “repreendeu” os ventos e o mar (Mt 8.26), não devemos entender que Ele estivesse dando ordens à simples rajada de vento ou às ondas insensíveis; ao contrário, Ele repreendeu os espíritos malignos do ar e da água que haviam decidido excitar a tempestade.

Tal, então, é o quadro colocado diante de nós na Palavra de Deus: a terra inteira dividida em províncias pelo Príncipe do Mundo e sistematicamente governada e administrada sob sua direção por seus vice-reis, com seus oficiais e subordinados, em número incontável. Esta organização, embora perfeita em si mesma, é continuamente perturbada pelas interferências de um Poder mais forte, para a proteção de pessoas, igrejas e, ocasionalmente, nações inteiras. O resultado dessas duas influências nos dá o estado exato do mundo conforme se encontra no momento: um estado geral e sistematicamente maligno e ímpio, mas com muitas exceções individuais e sujeito a mudanças parciais em uma escala mais extensa, que chama-

mos de reformas ou reavivamentos. As densas trevas são iluminadas aqui e ali, entretanto, por lâmpadas que ardem e brilham; o deserto árido não fica sem seus oásis; o mar, sempre agitado, apresenta essa característica proeminente: em sua superfície, vê-se a corrente ampla do espírito que agora opera nos filhos da desobediência, mas com algumas correntes abaixo da superfície indo em direção oposta.

EZEQUIEL 28

Examinemos, agora, o capítulo 28 de Ezequiel, do qual talvez possamos extrair mais informações sobre esse misterioso assunto. Os primeiros dezenove versículos do capítulo contêm uma profecia notável, mas, de alguma forma obscura, em duas partes distintas: uma dirigida ao príncipe de Tiro e uma lamentação sobre o rei de Tiro. Não pode haver dúvida de que estes títulos se referem a duas pessoas, e não são apenas diferentes denominações dos mesmos. Nada do que é dito ao príncipe está fora do que se poderia dizer a um potentado humano, mas o rei é certamente sobre-humano. Do príncipe, diz-se que será morto pelas mãos de estrangeiros, e a palavra “morto” significa “atravessado” com espada ou lança. O rei, por outro lado, será devorado pelo fogo e reduzido a cinzas sobre a terra.

Todavia, com respeito aos dez primeiros versículos, não existe razão para não os aplicarmos à pessoa do príncipe de Tiro, que governava na ocasião, e cujo nome, segundo Josefo⁴, era Ittiobalus. Ora, Tiro foi edificada sobre uma ilha rochosa, a mais ou menos 800 metros da terra firme, e era grandemente fortificada. Por isso, Ittiobalus é descrito exultando na força da sua cidade cercada pelo mar e comparando-se, na confiança orgulhosa da sua habitação impenetrável, ao Deus que se assenta acima dos céus. Ironicamente, diz-se que ele é

⁴ Flávio Josefo foi soldado e historiador judeu nascido em Jerusalém, em cuja obra destaca-se a contradição entre sua simpatia pela cultura romana e a defesa intransigente da superioridade moral das tradições hebraicas. Viveu de 37 a 96 d. C. Dele há, em português, *História dos Hebreus* (CPAD). (N.T.)

mais sábio do que Daniel, cuja fama, na época, era mundial. Sua presunção é atribuída à sua sabedoria, ao seu sucesso no comércio e às muitas riquezas que adquiriu. No entanto, por ter estabelecido seu coração como o coração do Altíssimo, o terror das nações, isto é, os caldeus, viria contra ele. E, quando estivesse quase para ser morto por um homem, descobriria finalmente que não era Deus.

Até aqui, a profecia é facilmente entendida, e sabemos que, pouco tempo depois de ser pronunciada, Tiro foi cercada por Nabucodonosor. É curioso, também, encontrar, mais tarde, pessoas de Tiro adulando Herodes, exclamando que sua voz era a voz de um deus e não de homem, trazendo, desse modo, sobre ele uma punição mais extraordinária do que a que abateu seu antigo príncipe (At 12.20-23).

Contudo, a lamentação sobre o rei de Tiro (Ez 28.11-19) não mostra seu significado tão facilmente, pois encontramos expressões que não podem ser aplicadas a nenhum mortal. Agora, adotar o sistema popular de explicá-las como sendo meras figuras de linguagem é zombar da Palavra de Deus. Não temos o direito de usar método tão desonesto com o fim de livrar-nos das dificuldades. Além disso, este método permite aos homens extraírem qualquer significado desejado de uma passagem, tornando, assim, a Bíblia um enigma ao invés de uma revelação. Devemos antes confessar, se for necessário, que não temos qualquer indicação para uma interpretação.

Entretanto, existe uma espécie de profecia, muito freqüente, principalmente nos Salmos, na qual o profeta, falando primeiro de um assunto contemporâneo, é depois conduzido pelo Espírito a algum acontecimento estupendo dos últimos tempos, do qual o incidente, em seus próprios dias, é uma figura fraca. Se aplicarmos este princípio à passagem diante de nós, ficamos logo impressionados, ao considerar a figura, com a semelhança das pretensões de Ittiobalus às do homem da iniquidade mencionado por Paulo, "o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de culto,

a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus” (2 Ts 2.4). Pode então, o rei de Tiro, célebre pela figura de príncipe, ser o grande anticristo do fim? Experimentemos a chave e vejamos se encaixa.

Primeiro: existe alguma razão pela qual o anticristo deva ser chamado de rei de Tiro? Parece que sim, pois Tiro se situa na Palestina, e, no segundo versículo deste capítulo, diz-se que ela está “no meio dos mares”. Se nos voltarmos à profecia de Daniel sobre o rei obstinado, encontraremos a predição de que ele entrará na Terra Gloriosa e armará as tendas do seu palácio “entre os mares” (11.41-45). Isto, em outras palavras, parece significar que ele invadirá a Palestina e fixará sua moradia em Tiro.

Mas existe uma mudança significativa na expressão para Tiro. O registro em Ezequiel com respeito ao príncipe diz ser “no meio”, ou, mais literalmente, “no coração dos mares”, isto é, cercado de água por todos os lados (28.2). É um fato conhecido, que nos tempos antigos, até a ocasião do cerco de Alexandre, pelo menos, Tiro era uma ilha. Entretanto, ela é uma península agora, e provavelmente assim será nos dias futuros do anticristo. Por isso, a expressão no original de Daniel é apenas “entre os mares” (11.45). Dessa forma, talvez, possamos explicar a relação do anticristo com Tiro.

Todavia, o que diremos da própria lamentação? Pois nela existem declarações que não seriam verdade com respeito a nenhum mortal, nem mesmo Adão. Certamente, nosso primeiro pai estava no Éden e no Jardim de Deus, mas não nos é dito que ele se cobria com todo tipo de pedra preciosa. Não sabemos como ele poderia ser chamado de “querubim ungido”, nem ouvimos dizer que ele estivesse sobre o monte santo de Deus e que andava no meio das pedras de fogo. Na verdade, tanto quanto podemos ver, só existe um ser a respeito de quem algumas destas expressões poderiam ser usadas, e este é Satanás. Todo o restante pode ser aplicado ao anticristo.

Mas por que essa estranha confusão? Por que esses dois misteriosos prodígios devem ser assim mencionados apesar de a história e personalidade de ambos serem fundidas em um ser? Não é difícil encontrar uma explicação. Necessita-se de um pouco de estudo da Escritura para se aprender que toda energia humana é levantada e dirigida por influências espirituais. Sobre os filhos de Deus, vem o Espírito de Deus e os capacita para fazer Sua vontade. Porém, se eles perdem seu sentimento e dependência de Deus, tornando-se negligentes na oração, ficam sujeitos a serem capturados e mal dirigidos pelos espíritos malignos. Terríveis conseqüências podem surgir. Assim aconteceu com Davi, que uma vez foi usado por Satanás para prejuízo de si mesmo e do seu povo (1 Cr 21), embora não fosse sua ruína final. Isso o Diabo não pode conseguir, mesmo no caso do mais fraco santo de Deus. Contudo, os ímpios estão totalmente sujeitos ao espírito que agora opera nos filhos da desobediência (Ef 2.2).

Ora, ainda que os anjos maus e os demônios sejam, sem dúvida, designados para a obra vulgar de influenciar a humanidade, podemos imaginar facilmente que, sempre que algum assunto poderoso estiver em risco, o grande líder deles, que ultrapassa a todos em sabedoria e poder, assumirá o trabalho mais árduo. Por essa razão, na primeira vinda do nosso Senhor, quando a hora do Príncipe das Trevas chegou, Satanás mesmo entrou em Judas e o dirigiu em seu terrível crime (Jo 13.27). Assim, quando aquela última grande obra de arte do adversário aparecer, o anticristo, cuja vinda, segundo Paulo, é segundo a operação de Satanás (2 Ts 2.9), e a quem o dragão dará seu poder, seu trono e grande autoridade (Ap 13.2), é bastante razoável supor que ele será possuído pelo Diabo em pessoa e dele receberá energia. Desse modo, será um ser composto: parte humano e parte sobre-humano; será, ao mesmo tempo, o rei de Tiro e o querubim ungido da guarda (Ez 28.14; ou “que protege”, segundo Darby), e uma imitação da encarnação do nosso Senhor forjada por Satanás. Assim, desaparecem as grandes dificuldades dessa profecia: o enredo confuso da lamentação é decifrado. Torna-se facil-

mente compreensível se compreendermos que, às vezes, ela se refere à parte humana do anticristo e, outras vezes, à parte satânica.

Essa forma de falar não deve nos surpreender, pois temos outra semelhante com relação à mais antiga menção de Satanás na Bíblia. Na primeira vez que nos é apresentado, ele se encontra dando início à sua obra de ruína através da mediunidade do corpo de uma serpente. A justa sentença de Deus, ainda que pronunciada nominalmente apenas à serpente, inclui a punição do animal energizado e também do Diabo dentro dele. Desse modo, o paralelismo com nossa passagem fica completo.

Com esta chave geral para a lamentação, prossigamos para os seus detalhes. A primeira sentença parece aplicar-se, primariamente, pelo menos a Satanás, do qual se diz ter atingido o auge, sendo perfeito em sabedoria e beleza (Ez 28.12). Seu vasto império é mencionado com freqüência na Escritura e, como já vimos, pode incluir, provavelmente, todo o nosso sistema solar. Certamente, nenhum outro poder angélico de dignidade igual ou maior nos foi revelado. O arcanjo Miguel também é citado por Judas como tendo prestado o devido respeito ao Príncipe das Trevas como um superior, a despeito de quão ímpio ele possa ser, até que Deus formalmente ordenou que ele fosse deposto (Jd 9). Se, então, sendo um ser de tão alto grau, ele também estaria no reino perfeito de Deus, onde não existem anomalias como acontece conosco, excedendo seus subordinados em sabedoria e beleza tanto quanto excede na escala hierárquica.

A próxima cláusula fala a respeito do Diabo como estando no Éden, o Jardim de Deus (Ez 28.13). Satanás esteve mesmo no Éden de Adão; todavia, ele não aparece lá como um ministro de Deus, mas como um espírito apóstata e maligno, ansioso para ver a ruína da nova criação. Por isso, o Éden, nesta passagem, deve remontar a uma data anterior; nem tampouco se assemelha ao jardim no qual

Adão foi colocado. Nada lemos sobre árvores agradáveis à vista e boas como alimento, mas a característica principal é a cobertura, isto é, o pavilhão ou palácio de Satanás, o qual é descrito como sendo feito de ouro e de todo tipo de pedra preciosa.

Contudo, se esta descrição não nos faz lembrar, de modo nenhum, do Paraíso, por outro lado nos impressiona com sua semelhança com a Nova Jerusalém, suas edificações de ouro puro como se fosse vidro transparente, seus fundamentos adornados com toda espécie de pedras preciosas, seu muro de jaspe e suas portas de pérola. E esta cidade, devemos lembrar, parece ser a habitação destinada à Igreja dos Primogênitos, os quais serão seres espirituais de uma ordem mais elevada, iguais aos anjos (Lc 20.36) e, com Cristo como cabeça, conseguirão aquele mesmo poder que hoje é usado abusivamente por Satanás e seus anjos (Ap 5.10).

O restante do versículo deve ser traduzido: “No dia em que foste criado, foram eles preparados” (Ez 28.13). A música é um dos acompanhantes necessários do estado real. No terceiro capítulo de Daniel, temos uma enumeração dos vários instrumentos que deviam marcar o tempo da satisfação do rei (v. 5), e, no capítulo 14 de Isaías, a pompa do rei da Babilônia e o som dos seus violinos deviam descer com ele à sepultura (v. 11). O soar da trombeta acompanhou a manifestação de Deus sobre o monte Sinai (Êx 19.16), e a trombeta do arcanjo soará na volta em glória do Rei de toda a terra.

O significado dessa cláusula parece ser que Satanás foi cercado pela insígnia da realeza desde o momento da sua criação e, ao despertar para a consciência, encontrou o ar cheio de música alegre daqueles que Deus havia designado para estar diante dele.

O versículo seguinte passa da realeza de Satanás para sua dignidade sacerdotal (Ez 28.14). Diz-se que ele foi designado por Deus como o Querubim Ungido da guarda. O ser ungido indica

ser consagrado pelo azeite da unção, enquanto querubim parece ser a patente mais elevada dos seres celestiais, os quais se assentam mais próximos do trono de Deus e conduzem a adoração do universo (Ap 4.9, 10; 5.11-14). Possivelmente, são idênticos aos tronos dos quais Paulo fala em Colossenses 1.16. As palavras “da guarda” parecem fazer alusão ao querubim que cobria a arca, mas não podemos, naturalmente, definir a natureza exata do ofício de Satanás. A idéia geral parece ser que ele dirigia a adoração dos seus subordinados.

É dito, também, que ele esteve no monte santo de Deus e que subia e descia no meio das pedras preciosas (Ez 28.14). O monte de Deus é o lugar de Sua presença em glória visível, onde Seu Sumo Sacerdote ficaria, naturalmente, diante Dele para ministrar. As pedras preciosas podem, talvez, ser explicadas assim: sabemos que a posição do querubim fica logo debaixo da glória no escabelo do trono (Ez 1.26). Quando Moisés levou Arão, Nadabe e Abiú e os 70 anciãos de Israel ao monte Sinai para verem o Deus de Israel, “sob cujos pés havia uma como pavimentação de pedra de safira, que se parecia com o céu na sua claridade. O aspecto da glória do SENHOR era como um fogo consumidor no cimo do monte” (Êx 24.10, 17). Esta obra pavimentada de safira, brilhando com fogo consumidor, é, talvez, o mesmo que as pedras preciosas. Se for, a presença de Satanás indicaria seu desfrutar dos plenos privilégios de querubim, na aproximação do trono de Deus.

O versículo seguinte mostra que Deus não é o Autor do mal (Ez 28.15), pois até mesmo o Príncipe das Trevas era perfeito por criação em todos os seus caminhos e assim continuou até que a iniquidade foi achada nele, provocando sua queda.

O que se segue é mais difícil: “Na multiplicação do teu comércio, se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, ó querubim da guarda, em meio do brilho das pedras” (v. 16).

A primeira cláusula desse versículo pode referir-se apenas ao aspecto humano do anticristo, pois existem insinuações proféticas de que o comércio será uma característica proeminente nos perigosos tempos do fim (Ap 18.11-19). Na história passada do mundo, temos exemplos dos seus efeitos desmoralizantes sobre nações totalmente entregues a ele; exemplos de luxúria, fraude e violência que parecem sempre se desenvolver com seu crescimento.

No entanto, a cláusula pode aplicar-se a Satanás de alguma forma misteriosa que não podemos explicar, pois só conseguimos discernir os contornos obscuros desses assuntos espirituais. Certamente, tal aplicação parece ser exigida pelo contexto, e, se a versão autorizada parece obscura, uma mudança admissível na tradução poderá sugerir uma interpretação adequada. A palavra “comércio” pode também significar “calúnia, difamação” (como a verificação da raiz pode mostrar)⁵. Sabemos que o próprio nome “Diabo” significa “caluniador” ou “acusador maligno”.

Podemos ver, no Livro de Jó, que Satanás leva a Deus notícias caluniosas das ações e motivos dos homens, e a vida do mesmo patriarca nos oferece um exemplo da violência cruel que parece seguir essas acusações tão invariavelmente que todo o principado de Satanás se tornou um reino de injustiça, no qual os servos de Deus sofrem aflição, enquanto os ímpios, como regra, prosperam. Neste tempo, o Senhor permite tal estado de coisas, porque Seus próprios filhos carecem da fornalha para tirar suas escórias, mas, depois, Ele certamente exigirá todas as dores e lágrimas das mãos do maligno perseguidor.

O capítulo 12 de Apocalipse mostra que, afinal, Deus colocará um fim às acusações de Satanás, enviando Miguel para expulsá-lo

⁵ No hebraico, ela significa “ir de uma parte para outra” a fim de: (1) fazer comércio, (2) caluniar. Daí, o substantivo mercador e caluniador. A palavra usada por Ezequiel pode, portanto, inclinar-se para qualquer dos dois sentidos.

do seu trono nos ares e também dos lugares celestiais. E, no momento da queda do seu domínio nos ares, uma grande voz será ouvida no céu: “Agora, veio a salvação, e o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do Seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus” (v. 10).

A expulsão, aqui, provavelmente é idêntica àquela mencionada em nosso texto, pois, se adotarmos a tradução “calúnia” ou “acusação maligna”, o motivo dado para ele ser lançado fora, em Ezequiel, corresponde exatamente ao resultado anunciado também em Apocalipse.

O versículo seguinte não apresenta dificuldade (Ez 28.17), pois, com respeito ao coração de Satanás ter-se elevado em virtude da sua beleza, e sua sabedoria ter-se corrompido devido ao seu resplendor, podemos deduzir principalmente da advertência de Paulo: “Não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo” (1 Tm 3.6).

O orgulho, em sua própria superioridade, parece ter instigado este ser maravilhoso a voltar para si mesmo a adoração que lhe cabia, como função, dirigir ao seu Criador Todo-Poderoso. No entanto, já a destruição de Deus caiu sobre seu reino: ele vê seu poder resistido e interrompido por anjos que são irresistíveis, porque vêm na força do Altíssimo; vê, talvez, os exércitos de Miguel reunidos, preparando-se para o assalto fatal que o expulsará do céu (ares) e sabe que serão seguidos imediatamente pelo Filho de Deus, o Qual arremessará a forma arruinada e inútil da sua última fortaleza sobre a terra para dentro das profundezas do abismo. Finalmente, ele sentirá e demonstrará, em sua própria pessoa, para todo o universo, a distância inefável entre o mais sublime, mais sábio e mais belo dos seres criados e o grande e sempre bendito Criador, o Qual somente é digno de receber glória, e honra, e poder.

A parte final da profecia, que se refere à queda conjunta de Satanás e do anticristo, não nos interessa no momento, visto que estamos ocupados agora com o passado e não com o futuro.

Portanto, só resta juntarmos as informações que essa passagem contém caso nossa interpretação esteja correta. O esboço será mais ou menos assim:

Deus criou Satanás a mais bela e sábia de todas as Suas criaturas nesta parte do universo e o fez Príncipe do Mundo e da Potestade do Ar. Visto que sua sabedoria seria usada principalmente na exposição da vontade e dos caminhos de Deus, podemos discernir, em sua menção, provavelmente o ofício de profeta. Ele foi colocado em um Éden, ou região de prazer, que era bem anterior ao Éden de Gênesis, pois era perfeito em todos os seus caminhos quando lá entrou e também, aparentemente, de um caráter substancial totalmente diferente, assemelhando-se à Nova Jerusalém, conforme a descrição de Apocalipse.

No limitado registro que nos foi dado deste Éden, podemos, talvez, traçar as características do tabernáculo celestial, pois, o segundo capítulo de Gênesis nos informa que o Éden era um distrito, e o jardim, um cercado dentro dele (Gn 2.8). Seguindo esta analogia, descobrimos, na habitação de Satanás, três cercados: o Éden, o Jardim de Deus e o Monte Santo de Deus, correspondendo, possivelmente ao átrio exterior do Tabernáculo, o Lugar Santo e o Santo dos Santos, respectivamente. Esta interpretação é fortalecida pelo fato de se ter dito que Satanás esteve no monte santo de Deus como o querubim ungido da guarda exatamente como as imagens do querubim da guarda foram colocadas no Santo dos Santos.

Ele, portanto, parece ter sido o sumo sacerdote do seu domínio, habitando em um esplêndido palácio de ouro e pedras preciosas, próximo do lugar da presença de Deus; exatamente como o sumo sacerdote israelita residia em Jerusalém, na vizinhança do templo.

Ele era também o seu rei, tendo sido colocado sobre este ápice de honra em sua criação e não elevado posteriormente, vindo de uma graduação inferior. Enfim, ele era perfeito em todos os seus caminhos e aparentemente assim continuou por um período de tempo.

Tudo isso aconteceu, evidentemente, antes da sua queda e a preparação do mundo atual. Desse modo, só podemos concluir que ele está intimamente relacionado à nossa terra, e que grande parte da sua história se estende a tempos passados, bastante anteriores aos de Adão.

O SENHOR E SATANÁS: SEUS OFÍCIOS

A analogia entre o ofício de Satanás e o que nosso Senhor já tomou sobre Si em parte e que exercitará plenamente em breve é tão marcante que se torna difícil evitar a seguinte dedução: Satanás abusou do seu elevado ofício de profeta, sacerdote e rei e envolveu totalmente sua província no pecado e a parte terrena desta província, pelo menos, em uma destruição mencionada no segundo versículo de Gênesis 1. Quando sua volta à obediência se tornou uma impossibilidade – talvez, por causa da sua conduta para com a nova criação, que parece ter tido a intenção de dar-lhe uma oportunidade de arrependimento –, e quando nenhum outro ser criado pôde ser encontrado com capacidade de restaurar a confusão, o próprio Senhor Jesus projetou-se da Divindade, para tomar, em Suas mãos, o poder mal-utilizado e mantê-lo, até que a rebelião fosse totalmente sufocada, e cada sinal dela, apagado.

Os ofícios de profeta e de sacerdote Ele já está exercendo, mas o de rei não, porque, se tivesse assumido de vez o cetro, o resultado seria a destruição total para todos os que vivem, visto que todos pecaram, e tudo aquilo que é pecaminoso deve ser lançado fora do Seu reino e para dentro do fogo inextinguível. Era, portanto, necessário, remover a iniquidade daqueles que deveriam ser salvos. Para

isso, Ele veio ao mundo, por meio do sacrifício de Si mesmo. Agora, havendo-nos dado instruções quanto à nossa conduta durante Sua ausência e muitas exortações com respeito a estarmos sempre vigiando por Sua volta, Ele partiu com o sangue para dentro do Santo dos Santos celestial a fim de comparecer na presença de Deus por nós. Depois disso, voltará à terra, pela segunda vez, para arrebatá-lo o poder das mãos de Satanás e, após destruir aquilo que não pode ser curado, trazer de volta o restante da criação à pureza e ordem.

Uma vez que o governo que Cristo brevemente tomará sobre Seus ombros parece ser exatamente idêntico àquele que foi entregue a Satanás, e que os primeiros arranjos de Deus eram necessariamente perfeitos, não parece provável que, quando os tempos da restituição chegarem, a ordem original das coisas começará a ser restaurada no reino milenar de Cristo?

Se assim for, podemos facilmente descobrir o perfil do mundo pré-adâmico de Satanás, pois, no Milênio, Cristo e Sua Igreja, cujos membros terão sido feitos como Ele mesmo, deverão reinar nos lugares celestiais sobre a terra e seus habitantes. Por isso, em eras remotas, antes do primeiro sussurro de rebelião contra Deus, Satanás, como o grande cabeça governante e vice-rei do Todo-Poderoso, assistido por seres gloriosos da sua própria natureza, reinava sobre os habitantes sem pecado na terra. Ao mesmo tempo, ele conduzia a adoração dos seus súditos e lhes expunha os oráculos do Criador, grande em sabedoria.

Contudo, o peso da glória foi maior do que ele pôde suportar: o orgulho elevou seu coração, e ele caiu da sua obediência. E aí, sem dúvida, a corrupção surgiu entre seus anjos e caiu sobre aqueles que estavam na carne. Quanto tempo Deus suportou isso, concedendo advertências e oportunidades? Se alguns deles se beneficiaram da misericórdia divina e agora são anjos santos, que, de tempo em tempo, voltam a visitar o lugar da sua antiga habitação, são perguntas que

só podemos responder por suposição tirada da analogia com a nossa própria raça. Porém, o fato de podermos inquiri-las mostra quão certa é a declaração: toda a nossa ostentada sabedoria nesta vida é, no máximo, apenas um conhecimento parcial. E quão maravilhoso acréscimo poderá ser feito, no mundo vindouro, à nossa limitada informação, mesmo com relação à história do planeta onde vivemos.

DUAS ORDENS DE SÚDITOS DE SATANÁS

Evidentemente, estamos capacitados a discernir, no Novo Testamento, vestígios claros das duas ordens de súditos de Satanás: a espiritual e aqueles que estavam na carne. Existem três termos distintos aplicados aos habitantes no Reino das Trevas.

O primeiro é *ὁ διάβολος* (o diabo), palavra esta nunca usada no plural, porquanto se trata da designação do próprio Satanás. O significado literal é “aquele que se põe em discórdia”, “o caluniador”, ou “acusador maligno” – um nome adequado para aquele que começou a acusar Deus diante do homem quando corrompeu nossos primeiros pais, e, desde então, continua a fazer o mesmo, injetando pensamentos injustos e sugestões malignas incessantemente nos corações humanos! Ele não pára por aí, pois, ao dar seus relatórios sobre os habitantes da terra, também acusa o homem diante de Deus. Assim o encontramos declarando ser o interesse próprio o único motivo da retidão de Jó (Jó 1.9-11). Do mesmo modo, encontramos-lo desejando ter Pedro a fim de poder peneirá-lo como se faz com o trigo (Lc 22.31). Lemos, também, que ele acusa a nossos irmãos e a nós mesmos diante de nosso Deus de dia e de noite (Ap 12.10). O nome Diabo, é então, aplicado apenas a Satanás, pois parece que ele é o único poder maligno que presta relatório das ações dos homens diretamente a Deus.

Em segundo lugar, encontramos a menção aos anjos de Satanás (Mt 25.41), que são, sem dúvida, as inteligências espirituais designadas por Deus para o assistirem em seu governo e que escolheram

seguí-lo no pecado. Estes, provavelmente, constituem os principados, as potestades, os dominadores deste mundo tenebroso (Ef 6.12).

Entretanto, existe outra classe de súditos de Satanás que é bem mais mencionada: δαιμόνια, ou seja, os *demônios*. Grande confusão surge, nas versões de língua inglesa, quando se traduz erradamente o termo por “diabos”⁶. Podemos, todavia, evitar, em alguma medida, esta confusão, lembrando que a palavra própria para Diabo não tem plural, como já vimos, e só é aplicada a ele mesmo. Portanto, sempre que encontrarmos o termo (diabo) no plural, podemos ter certeza de que, no grego, é δαιμόνια (*daimonia*) e deveria ser traduzido por “demônios”.

Estes demônios são os mesmos que espíritos maus e imundos conforme podemos constatar pelas seguintes passagens: “Chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos *endemoninhados*; e Ele meramente com a palavra expeliu os *espíritos* e curou todos os que estavam doentes” (Mt 8.16). Em Lucas, lemos: “Então, regressaram os setenta, possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios *demônios* se nos submetem pelo Teu nome!”, ao que o Senhor respondeu: “Não obstante, alegrai-vos, não porque os *espíritos* se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus” (10.17, 20). No registro de Mateus sobre o menino lunático, diz-se que o *demônio* sai dele (17.18), mas, em Marcos, este mesmo *demônio* é chamado de *espírito imundo* e também de *espírito surdo e mudo* (9.25). Lucas dá uma lista de “algumas mulheres que haviam sido curadas de *espíritos malignos* e de enfermidades”, das quais a primeira mencionada é “Maria Madalena, da qual saíram sete demônios” (8.2, 3). Demônios e espíritos malignos são, portanto, termos sinônimos.

Mas os demônios devem ser cuidadosamente diferenciados dos anjos (dos maus e dos bons também), porque os anjos não são apenas

⁶ Este erro inexplicavelmente não foi corrigido na Revised Version [Versão Revisada] a despeito do protesto do Comitê Americano.

espíritos desencarnados. Eles são vestidos com corpos espirituais, conforme os que nos foram prometidos (Fp 3.21; Lc 24.39). De acordo com a declaração do nosso Senhor, os filhos da ressurreição serão iguais aos anjos, isto é, se formos julgados “dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos” (20.35). Devemos cuidadosamente fazer distinção entre a ressurreição “dentre” (em grego, *ek*) e a ressurreição “dos” mortos. Esta última é o levantar final, quando todos os que estão nas sepulturas ouvirão a voz do Filho do homem e sairão. A expressão anterior (“dentre os mortos”) se refere à chamada de uns poucos privilegiados dentre a grande multidão de mortos e só é aplicada à ressurreição de Cristo ou à primeira ressurreição de Apocalipse 20.4-6 (veja At 3.15; Lc 20.35; Fp 3.11).

DIFERENÇA ENTRE ANJOS E DEMÔNIOS

Esta distinção [entre demônios e anjos] foi claramente entendida pelos judeus, pois, em Atos dos Apóstolos, lemos que os fariseus clamaram com respeito a Paulo: “Não achamos neste homem mal algum; e será que algum espírito ou anjo lhe tenha falado?” (23.9). No versículo anterior, foi dito que seus oponentes, os saduceus, negavam a existência de anjos e espíritos.

Qual é, então, o significado do termo “demônio”? Platão entende que se origina de *daemon*, um adjetivo formado de *δαίω*, que significa “conhecedor”, “inteligente”. A maioria dos eruditos modernos o atribui a *δαίω*, “dividir”, como se significasse um repartidor ou distribuidor de destino. Tendemos mais para a opinião de Platão, que faz a palavra apontar para o conhecimento superior que se acreditava ser posse dos espíritos desencarnados.

Seu uso clássico é assim: Homero o aplicou aos deuses. Entretanto, devemos lembrar que os deuses de Homero são apenas homens sobrenaturais. O termo foi, depois, usado para designar uma espécie de divindade intermediária e inferior. “A divindade”, diz

Platão, “não se comunica com o homem; mas todos os tratos e conversas entre deuses e homens são realizados pela mediação dos demônios”. E ele explica mais dizendo: “O demônio é um intérprete e portador dos homens para os deuses e vice-versa, das orações e sacrifícios de um e das ordens e recompensas dos sacrifícios do outro.”

Se perguntarmos de onde vieram estes demônios, responder-nos-ão que são espíritos de homens da era dourada agindo como divindades protetoras, heróis canonizados, tendo grande semelhança com os santos romanos (católicos) tanto na origem quanto nas funções. Na curiosa descrição de Hesíodo com respeito às eras da raça humana, encontramos o seguinte registro:

Antes de tudo, os imortais, que possuem as mansões do Olimpo, fizeram uma raça dourada de homens de articulação falante. Eles viveram na época de Cronos, quando este governava no céu. Como deuses, gastaram a vida com o coração livre de preocupações, separados e totalmente isentos de trabalhos e problemas. Nem mesmo a velhice os ameaçava, mas, sempre fortes nas mãos e nos pés, regozijavam-se nos prazeres festivos, longe de todos os males. Morreram como se vencidos pelo sono. Todas as bênçãos lhes pertenciam, e, espontâneo, o solo frutífero produzia colheitas amplas e abundantes. Assim, ocupavam suas terras cultivadas na tranquilidade e paz com muitos bens, sendo ricos em rebanhos e queridos pelos abençoados deuses. Mas, depois que aquela terra cobriu essa geração, eles, aconselhados pelo poderoso Zeus, tornaram-se demônios bondosos, visitando a terra e sendo guardiões dos homens mortais. Estes, eu suponho, escondidos na obscuridade e rodeando a terra, observam as decisões da justiça e os atos desagradáveis e são os distribuidores das riquezas. Tama-
nha regalia real lhes pertence.

(*Works and Days* [Obras e Dias], 109-126).

Ora, se lembrarmos que, segundo o ensinamento bíblico, os deuses pagãos eram, na verdade, anjos e demônios malignos que inspiravam oráculos e recebiam adoração, compreenderemos facilmente que o período de ouro, a respeito do qual poetas antigos tão entusiasticamente cantaram, não se tratava de lembranças do Paraíso, mas dos tempos daquele mundo anterior quando o poder de Satanás ainda estava intacto. A mudança na dinastia celestial, a expulsão de Cronos ou Saturno, sempre é mencionada como tendo colocado um fim a esta era de total alegria. Não precisamos também ficar alarmados com a boa influência atribuída aos demônios por Hesíodo, pois, em um poema pagão, só podemos esperar aprender aquilo que o Príncipe do Mundo escolhe dizer, e não há motivo para surpresa se ele elogia seus próprios agentes.

Tais são, então, os demônios dos escritores clássicos. Não parece haver também qualquer razão para mudar o significado do termo no Novo Testamento, pois não podem ser estes demônios os espíritos daqueles que pisaram esta terra na carne antes da ruína descrita no segundo versículo de Gênesis e que, na ocasião daquela grande destruição, foram desencarnados por Deus e ainda deixados sob o poder do líder (Satanás), cujo pecado foi por eles consentido, e de cujo destino irão participar no fim? Certamente, um fato registrado com freqüência parece confirmar tal teoria: não lemos que os demônios estão continuamente apoderando-se dos corpos dos homens e procurando usá-los como se fossem seus? Será que essa propensão não pode indicar uma enfadonha ausência de tranqüilidade, um vaguear sem descanso, cuja causa é um sentimento de imperfeição, um anseio para escapar da condição intolerável (de se estar despido, isto é, sem o corpo, situação para a qual não foram criados) tão intensa que, se não puderem satisfazer seus desejos de nenhum outro modo, entrarão até mesmo no corpo imundo de porcos (Mt 8.31)?

Não encontramos essa propensão por parte de Satanás e seus anjos. Eles, sem dúvida, ainda conservam seus corpos celestiais (pois

como poderiam realizar seus conflitos com os anjos de Deus?) e certamente tratam com grande desdém os tabernáculos grosseiros e toscos dos homens. Eles podem, sim, entrar em corpos humanos, mas não por inclinação. Quando existe absoluta necessidade de tal atitude, para o avanço de alguma grande conspiração do mal, isso pode acontecer.

Desse modo, no Novo Testamento, os súditos espirituais de Satanás são claramente divididos em duas classes. Não seria difícil também provar uma distinção semelhante no Antigo Testamento. Tais anjos, como os príncipes da Pérsia e da Grécia dos quais já falamos, sem dúvida pertencem à primeira ordem, enquanto os espíritos familiares e provavelmente os *Shedim*, *Seirim*, *Lilith*, *Tsiim* e *lim* seriam idênticos aos demônios.

EVIDÊNCIAS DA RAÇA PRÉ-ADÂMICA

Mas aqui surge naturalmente uma pergunta: se uma raça pré-adâmica realmente existiu sobre a terra na carne, por que não encontramos algumas indicações de sua existência entre os resíduos dos fósseis? É certo que os ossos humanos ainda não foram detectados nas rochas primitivas. Todavia, se alguns forem descobertos daqui para a frente, não precisaremos encontrar nesse fato qualquer contradição à Escritura.

Porém, a ausência, na camada fossilífera, de qualquer vestígio do homem pré-adâmico não constitui nenhum obstáculo para a interpretação que aceitamos, pois somos totalmente desconhecedores das condições de vida naquele mundo antigo, o qual pode não ter sido e certamente não era como o nosso. Porquanto Adão foi criado depois, e aparentemente, como iremos ver, devido a um fracasso anterior. Por isso, é possível que a morte não tenha tocado aqueles homens primitivos antes da destruição final, e que o apodrecimento e estado mortal do reino animal e vegetal fossem uma advertência constante diante dos olhos deles com respeito à ira que finalmente

alcançariam a menos que se arrependessem. É bem possível que seus corpos tenham sido dissolvidos em elementos principais, deixando o espírito despido, e não a saída do espírito entregando o corpo para se decompor, como acontece conosco. Pode ser que o Senhor os tenha ferido com uma praga consumidora, o que lhes mudou a forma elegante em massas de corrupção indistinguíveis (Zc 14.12), ou, então, tenha-os reduzido, em um abrir e fechar de olhos, a cinzas sobre a terra (Ez 28.18; Ml 4.3). Pode ser que a terra tenha aberto a boca e os tragado, com tudo o que lhes pertencia, fazendo-os descer vivos ao abismo (Nm 16.30). É possível que todos tenham perecido no que é o mar para nós hoje, e que seus restos mortais estejam cobertos pelos resíduos no fundo do oceano. Evidentemente, nossa terra habitável foi, uma vez, o soalho do mar; a deles pode ser agora.

Na verdade, podemos encontrar indicações que talvez acrescentem algumas pequenas confirmações a esta última suposição e ajudem a fazer o elo entre os espíritos desencarnados com o lugar que pode ter sido o cenário dos seus pecados na carne e da justa punição, pela qual foram finalmente apanhados. Pelo menos, existe uma prisão mencionada na Escritura que está nas profundezas do mar, ou relacionada com elas, e na qual, podemos deduzir, com probabilidade, muitos demônios já estejam confinados, enquanto novos cativos são colocados, de tempos em tempos, sob a mesma restrição, sempre que um ultraje de atrevimento acima do comum exige a justa indignação de Deus e O leva a pôr um fim repentino e definitivo à carreira perversa dos seus perpetradores.

Certamente, o conhecimento de alguns fatos como esses parecem ter aterrorizado a legião de espíritos que nosso Senhor expulsou do gadareno; caso contrário, que significado podemos dar à súplica agonizante deles para que Jesus não os mandasse para o Abismo (Lc 8.31)? No registro de Mateus, as palavras que utilizam são diferentes, mostrando o temor de serem atormentados antes do tempo (8.29). Porém, a última expressão dá a mesma idéia da anterior, e, desse

modo, ficamos sabendo que, em um tempo já determinado e bem conhecido por eles, todos os demônios que ainda estão em liberdade serão lançados na mesma prisão. Ela é chamada de “o Abismo”⁷, e, em algumas passagens, tal como o nono capítulo do Apocalipse, este termo é evidentemente aplicado a um buraco em chamas no centro da terra; mas é usado também para designar as profundezas do mar, significado este que se encaixa muito bem em sua derivação. Por exemplo: na Septuaginta, ele é o mar sobre o qual as trevas estavam colocadas antes dos Seis Dias e também o grande abismo, cujas fontes foram rompidas para inundar a terra (no Dilúvio). A relação pode ser apenas a idéia de profundidade em ambos os sentidos. Todavia, é provável que o Abismo no centro da terra tenha sido assim chamado por duas razões: o compartimento que o forma fica logo abaixo do mar, e o caminho para se entrar nele é através do mar profundo, sendo esta certamente a sua proteção.

A explicação para o fato de não haver mais o mar na Terra Renovada está nisto: depois do último julgamento, todos os prisioneiros do Abismo terão sido lançados no Lago de Fogo e Enxofre.

Considerando o mar como a tranca do abismo, ou assumindo que o Abismo, às vezes, pode ser chamado de mar, assim como o mar profundo é chamado de Abismo, parece que somos auxiliados no tocante à exposição de uma passagem que não tem recebido, até o momento, uma interpretação adequada. No registro do último grande julgamento, lemos: “Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além” (isto é, “o mundo invisível”, porque a tradução “inferno” é incorreta) “entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, por um, segundo as suas obras” (Ap 20.13). Geralmente, imagina-se que o mar, aqui, está entregando as sementes

⁷ O termo *abismo* (ἄβυσσος) geralmente é derivado de α (o alfa grego) negativo e βύσσος, semelhante a βύθος, βένθος, βαθύς, “profundezas” e, principalmente, as águas profundas do mar. Mas isso faria com que significasse “o que não é profundo”, “o raso”, em vez de “sem fundo”. É melhor, então, derivá-lo do α intensivo e βύσσος; neste caso, o sentido seria “o grande profundo”, “o abismo”.

corpóreas daqueles que morreram afogados ou foram enterrados nele. Porém, se o significado não for além disso, por que não se menciona a terra entregando os mortos em número muito maior do que os que jazem debaixo dela? Entretanto, em vez de o mar ser relacionado com a terra, vemos que é misteriosamente ligado com a morte e o mundo invisível; quer dizer, ele é mencionado em uma lista de lugares cheios, não com os resíduos de formas materiais, mas com espíritos desencarnados.

Isto é certamente uma objeção fatal à interpretação popular. Mas, se o mar for a prisão dos demônios, todos os pontos difíceis desaparecem, e, neste caso, entendemos perfeitamente por que ele é o *primeiro* a entregar os seus mortos: todos serão julgados em sua ordem. Por isso, estes seres pré-adâmicos terão uma precedência terrível aos prisioneiros da Morte e do Além, cujas celas inumeráveis talvez estejam lotadas exclusivamente com criminosos do nosso mundo atual.

Agora, no entanto, precisamos prosseguir além desse assunto estupendo. Bastante tem sido dito visando a demonstrar as indicações da Escritura com respeito às eras anteriores e a destruição pré-adâmica. Uma vez que o que é colocado diante de nós é apenas uma forma vaga, não devemos convencer-nos de que estamos vendo um contorno claramente definido. Ser sábio acima daquilo que está escrito é enredar-se em uma trama de Satanás, da qual é quase impossível escapar.

Entretanto, não devemos falhar em aprender uma lição das coisas maravilhosas que estamos a contemplar. Rebelião é ruína, não importa quão nobre, sábio ou honesto seja o seu líder, pois mesmo Lúcifer, a Brilhante Estrela da Manhã, o mais elevado dos anjos de Deus, despencou do seu estado elevado e, em breve, despojado de toda a sua sabedoria, poder e beleza, será lançado na noite perpétua do Abismo. Só existe uma atitude natural ou possível

para um ser criado: submissão total e obediência irrestrita à vontade daquele que o criou e o sustém.

Que os arrogantes da terra considerem isso, aqueles que loucamente voltam contra Deus as próprias habilidades e vantagens concedidas por Sua generosidade e os que audaciosamente andam nos caminhos do próprio coração. Entretanto, se alguém despreza a lei, a destruição deve acontecer; caso contrário, o universo inteiro logo se desintegraria em anarquia. Por causa do restante da criação, a misericórdia de Deus está restrita a um limite fixo, e, a menos que o rebelde se arrependa a tempo, destituído de tudo o que elevou seu coração, fulminado pelos raios do Onipotente, deverá afundar no horrível silêncio das trevas eternas (1 Sm 2.9).

Capítulo 3

Os Seis Dias

Agora, devemos retornar à terra arruinada, e só podemos conjecturar sobre sua condição pelo que nos é dito nos seis dias da restauração. Convulsões devem ter acontecido, pois ela foi inundada pelas águas do oceano; seu sol havia-se extinguido, as estrelas não eram mais vistas, suas nuvens e atmosfera, não tendo força de atração para mantê-las em suspensão, haviam descido em umidade para a superfície; nem um só ser vivo podia ser encontrado em todo o planeta (Gn 2.5).

A retirada da influência do sol provavelmente havia ocasionado aquele período glacial, cujos vestígios, segundo nos dizem os geólogos, são claramente distinguidos no final da Era Terciária. A mesma causa explicará a mistura das águas que estavam acima do firmamento com as que estavam abaixo dele. Ambos os efeitos são bem ilustrados pelo seguinte trecho de uma das *Palestras Familiares sobre Assuntos Científicos de Herschel*:

Em três dias, desde a extinção do sol, não haveria, com toda a probabilidade, nenhum vestígio de vida animal

ou vegetal no globo; a menos que estivesse entre os peixes do mar profundo e os habitantes subterrâneos das grandes cavernas calcárias. As primeiras 48 horas seriam suficientes para precipitar cada átomo de umidade do ar em dilúvios de chuva e montes de neve, e, a partir daquele momento, causariam uma geada universal tal como a Sibéria ou os mais altos picos do Himalaia jamais experimentaram, como uma temperatura de 200 ou 300 graus abaixo de zero em nossos termômetros... Nenhum animal ou vegetal poderia resistir a tal geada por uma hora, como não poderia viver por uma hora em água fervente.

(p. 48)

Dessa descrição, podemos formar alguma idéia da ruína que veio sobre o mundo pré-adâmico. Das suas características mais relevantes, existe uma descrição em uma importante passagem de Jó, na qual a tolice de contender com Deus é aplicada por uma referência óbvia à rebelião de Satanás e suas conseqüências:

Ele é sábio de coração e grande em poder; quem porfiou com Ele e teve paz? Ele é quem remove os montes, sem que saibam que Ele na Sua ira os transtorna; quem move a terra para fora do seu lugar, cujas colunas estremecem; quem fala ao sol, e este não sai, e sela as estrelas.

(Jó 9.4-7)

As terríveis convulsões pelas quais a terra foi arruinada e destruída quase são colocadas diante dos nossos olhos nessa sublime descrição, enquanto a repentina catástrofe é claramente apresentada pela noção poética de que as montanhas foram removidas antes que tivessem consciência disso. A extinção do sol e também o encobrimento das estrelas são nitidamente indicados para que as densas trevas não fossem aliviadas nem mesmo por suas luzes escassas.

Nos versículos seguintes, o patriarca faz alusão à reconstrução dos seis dias:

Quem sozinho estende os céus e anda sobre os altos do mar; quem fez a Ursa, o Órion, o Sete-estrela e as recâmaras do Sul; quem faz grandes cousas, que se não podem esquadrinhar, e maravilhas tais que se não podem contar.

(vs. 8-10)

Visto que o “estender os céus” aponta evidentemente para a obra do segundo dia, pode ser que “os altos (as ondas) do mar” indiquem as águas acima do firmamento. A menção das constelações indica a inversão da ação anterior de Deus em selar as estrelas. Com respeito ao significado da palavra hebraica *asah*, traduzida por “faz”, veja págs. 50 e 51 e o comentário sobre a obra do quarto dia neste capítulo.

Por quanto tempo o período glacial permaneceu é impossível até mesmo conjecturar, mas, na cena que o segundo versículo de Gênesis coloca diante de nós, devemos supor que o gelo partiu – talvez, por meio de algum desenvolvimento do calor interno da terra¹, que, em seus esforços convulsivos, pode também ter deslocado

¹ Esta conjectura pode ser sustentada pelas seguintes considerações: o calor aumenta à medida que penetramos na terra, e, daí, muitos cientistas têm mantido a tese de que o interior do nosso globo é um reservatório de fogo líquido. Com essa opinião, as Escrituras concordam, pois, quando o poço do Abismo é aberto (Ap 9.2), uma fumaça, como a fumaça de uma fornalha, sai tão copiosamente que o sol e o ar são escurecidos por ela. Tal descrição nos inclina também a preferir a tradução de 2 Pedro 3.7, que faz o apóstolo falar da terra como “entesourada para fogo”. Talvez, o contexto da expressão sugira que, assim como Deus rompeu as fontes do grande abismo para provocar o Dilúvio, Ele também ordenará a Seus fogos armazenados que passem impetuosamente pela crosta terrestre para sua futura destruição. Um calor se desenvolverá tão intensamente a ponto de fundir os próprios elementos, ou materiais dos quais a crosta é composta. Tampouco isso será uma coisa nova, pois a condição das camadas não-fossilíferas parece indicar a ocorrência de uma catástrofe semelhante em eras anteriores. Será que não podemos, então, imaginar algum desenvolvimento desses fogos internos, consideravelmente leves, mas suficientes para derreter o gelo com o qual a terra estava coberta? Em algumas localidades da Itália vulcânica, podem-se encontrar solos bastante quentes, e, há pouco tempo, os jornais estavam dando relatórios de uma extensão de terra na Alemanha que se tornara tão quente por fogo subterrâneo, que plantas tropicais cresciam sobre ela.

o leito do oceano. Desse modo, o globo inteiro foi coberto com água, e sua superfície já estava sendo preparada pelo Espírito de Deus.

Então, surpreendendo o profundo silêncio e ribombando sobre as negras inundações de ruína, foi ouvido o trovão da voz do Todo-Poderoso, e a ordem saiu: “Haja luz!” Imediatamente, ela lampejou do ventre das trevas e iluminou o globo rolante, mas apenas para revelar um desperdício de águas espalhadas.

Esta “luz” do primeiro dia deve ser cuidadosamente distinguida dos “luminares” do quarto dia, uma vez que a palavra usada não indica qualquer idéia de concentração ou lugar determinado. Entretanto, a luz deve ter sido confinada a um lado do planeta, pois nos é dito que Deus logo fez divisão entre a luz e as trevas, e que a alternância de dia e noite começou de imediato.

Nos dias passados, os infieis debocharam da idéia de a luz ser chamada à existência independentemente do sol. Certamente, parece difícil acreditar que Moisés pudesse ter antecipado a ciência por tantos séculos, a não ser pela suposição de que ele foi instruído pelo Espírito de Deus, o Qual não é restrito pelos limites do conhecimento humano. Hoje, porém, a ciência também descobriu que o sol não é a única fonte de luz, mas que a própria terra e, pelo menos, mais um planeta de nosso sistema, podem, sob certas circunstâncias, brilhar sem o auxílio de uma fonte de luz.

Em seguida, é-nos dito que Deus chamou à luz “dia” e às trevas, “noite”, e que a tarde e a manhã foram o primeiro dia. A fim de verificar certos sistemas de interpretação, tentativas têm sido feitas para mostrar que, neste capítulo, um dia deve ser entendido como significando uma era.

Sem dúvida, a palavra “dia” é usada, algumas vezes, para designar períodos prolongados, como na expressão “o dia da tentação

no deserto" (Hb 3.8) e muitas outras. Entretanto, sempre que um numeral é relacionado a ela, o significado logo é restrito e só pode ser utilizado em sua aceitação literal do tempo que a terra leva para fazer uma revolução sobre seu eixo. Portanto, é claro que devemos entender os seis dias como sendo seis períodos de 24 horas cada.

[Além do mais, o mandamento do Decálogo referente à dedicação de um dia (de 24 horas) ao descanso, que deve ocorrer no sétimo dia, tem como base o fato de Deus ter descansado da Sua obra criadora naquele dia, o que nos leva a inferir que o período do Seu descanso teve a mesma duração do período no qual Suas criaturas devem descansar.]

Mais ainda: estes dias são mencionados como incluindo uma tarde e uma manhã, constituídos como dia e noite. Aqui, então, está outro alerta contra a interpretação figurativa, a qual devemos cuidadosamente evitar para não nos expormos a ataques como este:

É evidente que a teoria vazia de que um dia significa uma era ou um grande período geológico poderia ser feita para produzir alguns resultados bastante estranhos. O que é feito da tarde e manhã das quais se diz consistir cada dia? Cada período geológico foi dividido em dois longos intervalos, um de trevas totais e outro só de luz? E se assim for, o que seria feito das plantas e árvores criadas no terceiro dia ou período, quando a tarde do quarto dia começou (as tardes, devemos observar, precedem as manhãs)? Elas devem ter passado por um período de meio século de trevas totais, sem ser estimuladas nem mesmo por aquela fraca luz que o sol, sem ter-se manifestado plenamente, supriu na manhã do terceiro dia. Essa experiência teria destruído completamente toda a criação vegetativa, mas, mesmo assim, vemos que ela sobreviveu e foi designada, no sexto dia, para ser alimento do ho-

mem e dos animais. Na verdade, só precisamos substituir a palavra período por dia na narrativa mosaica, para tornar bem claro que o escritor pelo menos não tinha essa intenção, nem poderia transmitir tal significado àqueles que primeiro ouviram sua narrativa sendo lida.
(*Essays and Reviews* [Ensaaios e Resenhas], p. 240).

Ora, a imparcialidade dessas observações não pode ser negada, e a lição a ser aprendida é esta: se os cristãos se prendessem às declarações claras da Bíblia, haveria muito pouco para os infiéis criticarem; mas tão logo começam a formar teorias e distorcer a revelação para concordar com eles, passam a expor-se, e, o pior, expõem as Escrituras, ao ridículo.

No dia seguinte, uma segunda ordem saiu, e, em obediência a ela, um movimento começou a surgir entre as águas. Pela Palavra de Deus, o firmamento, ou atmosfera que respiramos, foi formado, e, por sua colocação, as águas que flutuavam por cima da terra foram novamente levantadas e separadas daquelas que estão sobre a terra.

Existe, entretanto, no registro da obra desse dia, uma omissão que provavelmente é significativa, pois a conclusão normal “e Deus viu que era bom” foi omitida nesse caso. Visto que as razões comumente dadas para essa omissão são insatisfatórias, aventuramo-nos a sugerir a seguinte explicação: não seria a ausência da aprovação de Deus uma indicação da ocupação imediata do firmamento pelos demônios, aqueles que são, na verdade, seus atuais habitantes? Uma vez que estiveram envolvidos com a queda do homem, eles devem ter aparecido rapidamente na atmosfera recém-formada. Não teriam eles estado aprisionados no abismo e, tendo encontrado alguma forma de escapar no levantamento das águas, subiram para o domínio do ar, do qual o líder deles é o Príncipe? Neste caso, é possível que o firmamento estivesse repleto de demônios antes do término do segundo dia, e não devemos

surpreender-nos pelo fato de Deus ter recusado pronunciar o reino deles como sendo bom.

Em vinte e quatro horas, o firmamento foi completado, e, então, a voz do Senhor foi novamente ouvida. Em resposta imediata, o planeta inteiro ressoou com o barulho de ondas impelidas, enquanto se dirigiam apressadamente da terra seca para os receptáculos que lhes haviam sido preparados e revelavam as montanhas e os vales da terra. Este grande movimento é assim descrito no Salmo 104.5-9:

*Lançaste os fundamentos da terra,
para que ela não vacile em tempo nenhum.
Tomaste o abismo por vestuário e a cobriste;
as águas ficaram acima das montanhas;
à Tua repreensão, fugiram,
à voz do Teu trovão, bateram em retirada.
Elevaram-se os montes, desceram os vales,
até ao lugar que lhes havia preparado.
Puseste às águas divisa que não ultrapassarão,
para que não tornem a cobrir a terra.*

Nesta passagem, podemos observar uma forte confirmação da interpretação que adotamos, pois, enquanto o abismo é representado como espalhado sobre tudo, as montanhas, entretanto, com todas as suas áreas fósseis, são mencionadas como existindo por baixo dela. Elas evidentemente haviam sido formadas muito antes do terceiro dia, e, em estrita concordância com este fato, está a ordem de Deus: “Apareça a terra seca”, ou mais literalmente “seja vista” e não “venha a existir”. As expressões “elevaram-se os montes, os vales desceram” são um parêntese e descrevem, naturalmente, o resultado geral da cena para um espectador no momento em que as águas baixaram ao seu próprio nível; caso contrário, entrariam em conflito com a declaração do versículo 6.

No mesmo dia, a Palavra de Deus saiu pela segunda vez, e o solo, então liberado, começou a cobrir-se com um vestido de vegetação, cujo verdor fresco foi diversificado com as colorações de incontáveis flores.

Desse modo, a própria terra foi completamente restaurada e de novo preparada para o sustento e prazer da vida; só faltava estabelecer suas relações com os corpos celestiais. Isso fez Deus no quarto dia, concentrando o material de luz que Ele havia criado anteriormente em detentores de luz, pois a palavra usada para a luz do primeiro dia é *or*, e a do quarto dia, *maor*. *Maor* é a mesma palavra que *or*, mas com um prefixo locativo que a faz significar “um lugar onde luz é estocada”, ou “um detentor de luz”.

Devemos observar cuidadosamente que não se diz que Deus criou estes detentores de luz no quarto dia, mas que simplesmente os fez ou os preparou. Eles foram criados, como já vimos, no início; mas, já que o sol parece ser um corpo obscurecido envolvido por nuvens luminosas, foi sem dúvida ao redor de sua massa que a terra estava girando desde o princípio. Provavelmente, o grande luminar do nosso mundo tenha sido também a luz dos pré-adâmicos, mas sua lâmpada havia-se extinguido, e, no quarto dia, Deus concedeu ou restaurou-lhe a capacidade de atrair e difundir o material de luz por meio do exercício do poder que formou rapidamente a sua fotosfera.

Assim, os raios solares, enquanto prosseguiram pelo espaço, atingiram a lua e iluminaram sua orbe prateada no firmamento da noite.

Em seguida, recebemos a informação de que Deus fez ou preparou (não criou) as estrelas também; ou seja, alterou ou modificou o firmamento, talvez pela concentração de luz no sol, e aparentemente foi assim que elas primeiro apareceram ou reapareceram. Que elas haviam sido criadas anteriormente temos prova positiva. No término do terceiro dia, a terra estava concluída e preparada para o

recebimento da vida, enquanto as estrelas não foram mencionadas até o quarto dia. Contudo, em uma passagem de Jó, é dito que “as estrelas da alva”² eram testemunhas admiradoras quando Deus lançava a pedra angular da terra e cantavam juntas de alegria pelo seu término (38.4-7). Portanto, elas devem ter sido preexistentes, e, assim, o fato de Deus tê-las preparado no quarto dia deve referir-se apenas ao seu aparecimento em nosso firmamento para o propósito ao qual deveriam servir com respeito a nossa terra.

Assim, o quarto dia chegou ao seu término; tudo estava concluído; a obra de restauração terminara, e a habitação estava preparada. Então, o poder criativo de Deus foi manifestado, e as águas, que até ali não abrigavam nenhum ser vivo, receberam ordens para que se infestassem de criaturas que tinham vida. A versão que diz “produzam as águas” é incorreta; a tradução exata é: “Que as águas sejam infestadas de criaturas vivas”. Porém, o texto não nos diz que estas criaturas foram produzidas a partir das águas.

A cláusula seguinte é ainda mais gravemente mal traduzida, pois o texto em inglês dá a entender que até mesmo as aves foram formadas do mesmo elemento. Isso seria uma contradição direta do versículo 19 do segundo capítulo, no qual se diz que elas foram formadas de terra. Entretanto, a contradição não existe no hebraico, sendo o seu sentido exato este: “E que as aves voem sobre a terra na face do firmamento do céu”. De modo que, neste versículo, tanto os peixes quanto as aves são simplesmente ordenados a aparecerem em seus respectivos elementos sem qualquer indício no tocante à sua origem.

O mar e o ar foram assim repletos de vida. Depois, no final de tudo, no sexto dia, Deus passou a povoar a terra, a qual foi ordenada a produzir – e aqui a tradução está correta – três classes de criaturas

² [Será que as “estrelas da alva” não são anjos, como em Isaías 14.12? Os “filhos de Deus” são mencionados em seguida, significando seres celestiais.]

viventes: gado ou animais domésticos, bichos que rastejam ou répteis da terra, insetos e vermes, e animais do campo ou animais selvagens.

Todavia, como foi mostrado acima, todas estas criaturas eram herbívoras, pois, no versículo 13, somente a erva verde lhes é oferecida como alimento. Nem mesmo o homem teve permissão para se alimentar de carne animal; no versículo 29, sua dieta também é restrita à erva que dá semente e aos frutos das árvores. O presente estado das coisas, no qual o alimento animal é permitido e necessário ao homem, aos animais carnívoros, aos peixes e às aves, testifica uma condição lamentavelmente desorganizada e artificial – que seria impossível salvar em um mundo em discórdia com o Deus da ordem, da paz, do amor e da perfeição.

Anteriormente, vimos que nem as plantas do terceiro dia nem as criaturas do quinto e sexto dias têm a ver com os restos fossilizados encontrados na crosta terrestre, pois se supõe que a crosta tenha sido formada antes da grande catástrofe pré-adâmica, já que as montanhas, com todo o seu conteúdo, são descritas como já existindo debaixo das águas e tendo aparecido sem necessidade da criação ou preparação tão logo as águas ultrapassaram seus limites. Hoje, somos capazes de acrescentar outras razões convincentes a fim de confirmar esse ponto de vista.

Durante os seis dias, houve três atos distintos do poder criativo, a partir do qual a vegetação, os peixes e as aves, os animais terrestres e o homem foram sucessivamente criados. Somos claramente levados a entender que todas as plantas do mundo surgiram no terceiro dia, ao passo que nenhuma criatura vivente que se movimenta foi chamada à existência até o quinto dia. Se, então, a teoria que faz de cada dia um período geológico estivesse correta, os restos das plantas apenas seriam encontrados na camada fossilífera mais baixa. Estes satisfariam as formações de sua própria era e da era seguinte, depois da qual seriam misturados aos fósseis de peixes e aves.

Assim, nas rochas de um período posterior, os restos de animais terrestres também apareceriam. Essa seqüência formaria o único acordo possível com o relato de Gênesis.

Todavia, qual é o resultado da investigação das camadas? Sendo que o sistema fossilífero mais baixo é o siluriano, será que encontramos apenas petrificações vegetais? Exatamente o contrário. As rochas silurianas mais baixas e médias contêm de fato algumas algas marinhas, mas nenhuma planta terrestre. Apesar disso, elas abundam em criaturas pertencentes às três das quatro divisões do reino animal: moluscos, articulados e radiados. Somente quando chegamos às camadas mais altas das rochas silurianas, começam a aparecer as plantas terrestres e algumas espécies de vertebrados, a divisão remanescente do reino animal. Se, então, neste antigo sistema fossilífero, raramente encontramos plantas, mas, mesmo assim, toda divisão do reino animal representada, como podemos tentar forçar esse fato em concordância com a narrativa mosaica?

Mais uma vez, a história de Gênesis menciona, como vimos, tão-somente três criações distintas – plantas, aves e peixes, e animais terrestres. Porém, nas oito classificações das camadas, desde o Terciário até o Siluriano, pareceria terem ocorrido, pelo menos, tantas criações quanto o número de sistemas, cada uma delas incluindo uma proporção muito grande de animais e plantas peculiares. Agassiz prossegue como mostra a seguinte citação:

Acredito que deve ser demonstrado que a totalidade dos seres orgânicos foi renovada não apenas nos intervalos daqueles grandes períodos, que designamos como formações, mas também na estratificação de cada divisão separada de toda formação. Não acredito na descendência genética das espécies viventes a partir das divisões terciárias que foram consideradas idênticas, mas que considero serem especificamente diferentes. Por isso, não posso ado-

tar a idéia de uma transformação das espécies de uma formação em outra. Ao anunciar essas conclusões, deve-se ficar entendido que elas não são induções – originadas do estudo de uma classe particular de animais – tais como os peixes – e aplicadas a outras classes, mas resultados da comparação direta de coleções muito consideráveis de petrificações de diversas formações e classes de animais.

Portanto, a crosta terrestre parece ser um vasto aterro que Deus acumulou com os restos de muitas criações. A geologia nos mostra que as criaturas desses antigos mundos pereceram por enfermidade ou destruição mútua, ou foram subjugadas, em um instante, pelas convulsões mais terríveis da natureza.

Por último, está registrado, em Gênesis 1.26, 29, que todas as plantas e criaturas viventes criadas durante os seis dias foram dadas ao homem. É razoável, portanto, supor que foram planejadas para permanecerem com ele ao longo de toda a trajetória de seu mundo. Por conseguinte, obtém-se a certeza de que os fósseis de plantas e animais, quase todos extintos antes da criação de Adão, nada têm a ver com as criaturas do terceiro, quinto e sexto dias.

Logo, tendo sido realizada a criação dos habitantes da terra mais pobres, outro trabalho deveria ser feito. Tudo estava preparado para a introdução daqueles que deveriam dominar o mundo como vice-regentes do Altíssimo. Conseqüentemente, Deus procedeu a fim de criá-los à Sua própria imagem e semelhança. Porém, no primeiro capítulo de Gênesis, a chamada à existência do homem, macho e fêmea, é simplesmente mencionada para anunciar seu lugar na criação. Outros detalhes estão reservados para o presente, e a história continua a dizer que Deus viu que o que tinha feito era muito bom.

Nenhum mal jamais se originou das mãos Divinas. Deixemos que esta verdade seja estabelecida em nosso coração, e, sempre que

nos sentirmos incomodados pelo espinho, pela erva daninha imprestável ou venenosa, pelo animal nocivo, pelo extremo frio ou calor ou pela situação atual, sempre que nos sentirmos desanimados em virtude das lutas externas e dos medos internos, lembremos de que Deus fez todas as coisas boas e evitemos pensar coisas ruins a Seu respeito, mas digamos que o inimigo causou tudo isso.

Então, segue-se a instituição do Sabá no sétimo dia, e o fato de ter sido introduzido é suficiente para mostrar que não há uma ordenança especial para o israelita, mas uma lei de Deus para todos os moradores da terra desde os dias de Adão até o final dos tempos.

Por isso, a primeira divisão dessa história fantástica se finda com um resumo do assunto e uma introdução à próxima parte com as palavras:

Esta é a gênese dos céus e da terra quando foram criados, quando o SENHOR Deus os criou. Não havia ainda nenhuma planta do campo na terra, pois ainda nenhuma erva do campo havia brotado; porque o SENHOR Deus não fizera chover sobre a terra, e também não havia homem para lavrar o solo. Mas uma neblina subia da terra e regava toda a superfície do solo. (Gn 2.4-6).

Por conseguinte, a criação dos céus e da terra, ou seja, de todo o universo, refere-se, é claro, à criação no princípio. Contudo, a feitura ou preparação dos céus e da terra aponta para os seis dias de restauração, e esse fato é indicado não apenas pela mudança do verbo, mas também pela ordem inversa “a terra e os céus” que é encontrada em outra passagem e é altamente significativa. Já que a palavra hebraica para “céus” não tem singular, logo foi impossível fazer uma distinção, no Antigo Testamento, como a que encontramos com frequência no Novo, na qual a palavra grega no singular é geralmente usada para designar o primeiro céu ou o firmamento da nossa terra, enquanto o plural engloba os reinos estelares e o céu

dos céus. Por conseguinte, algum outro artifício é necessário, e o fato de que “os céus”, na segunda cláusula desse versículo, significam o firmamento da terra é indicado pela ordem invertida. Esta ordem também é histórica, pois o firmamento não foi criado perfeito, com o sol, a lua, e as estrelas, até depois da completa restauração da terra. A mesma seqüência presente no salmo 148 é explicada pelo sétimo versículo: “Louvai ao Senhor da terra”, pois este salmo é dividido em duas partes: nos primeiros seis versículos, louvar ao Senhor é invocado do arco estrelar e do céu dos céus; nos últimos oito, da terra e de sua atmosfera. Assim sendo, no 13º versículo, a majestade do Senhor é adequadamente dita como estando acima “da terra e do céu”, a terra sendo mencionada primeiro, pois, nessa passagem, o céu significa o firmamento que pertence e é, portanto, subordinado a ela.

No verso seguinte, se adotarmos a Versão Autorizada que segue a Septuaginta, deveremos, é claro, compreender o verbo “fazer” ou “preparar” como aplicado não apenas à terra e ao céu, mas também a toda “planta do campo” etc. O sentido será, então, que Deus preparou as sementes e as colocou no solo, e, assim sendo, as plantas e ervas do nosso mundo não brotaram dos restos das criações anteriores nem cresceram espontaneamente, mas foram introduzidas há pouco por Deus naquele tempo. Isso é corroborado pelo fato de que, desde a retirada do sal e das águas estéreis das profundezas, Ele ainda não tinha feito chover sobre a terra, e também não havia sido poupado da destruição precedente nenhum pré-adâmico para cultivar o solo. Todo o nosso frescor e as nossas plantas cresciam, portanto, dos novos germes colocados no solo por Deus e, depois, desenvolvidos e alimentados por um vapor que subia da terra.

Esse parece ser o significado da passagem, e essa alusão especial à obra do terceiro dia parece estar inserida como uma introdução ao relato seguinte do Éden e de seu jardim.

Ao concluir nossas observações a respeito da história contínua dos seis dias, podemos observar que muitas pessoas têm alegado existirem discrepâncias entre o primeiro e o segundo capítulos de Gênesis. Já explicamos algumas destas discrepâncias, mas nenhuma delas teve qualquer fundamento real. Temos apenas de manter em mente que os diferentes objetos dos dois registros e de toda dificuldade desaparecerão: enquanto o primeiro capítulo relata uma história contínua da semana de restauração, o outro é evidentemente um suplemento, acrescentando detalhes acerca da criação do homem a fim de podermos entender melhor sua natureza e queda. Por conseguinte, neste segundo relato, há referências às outras obras dos seis dias apenas quando acontece de serem imediatamente ligadas ao assunto principal e sem qualquer consideração à ordem na qual foram realizadas.

Capítulo 4

A Criação do Homem

A narrativa detalhada da criação do homem, que agora se nos apresenta, é um assunto do maior interesse, pois constitui a única base possível da verdadeira doutrina com relação à origem e à natureza da nossa raça. Devemos, portanto, examiná-la cautelosamente, mas o trabalho não será tedioso, pois toda uma revelação está contida no seguinte registro sucinto: “Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (Gn 2.7). Portanto, temos três pontos a considerar: a formação do corpo, a infusão do fôlego de vida e o resultado, que fez com que o homem passasse a ter consciência, sendo, assim, uma alma vivente.

Em primeiro lugar, a Bíblia nos diz que o Senhor Deus formou o homem, isto é, moldou sua forma corpórea assim como o oleiro faz com o barro. Na verdade, o significado do verbo hebraico é tão claro, que o particípio presente, usado como substantivo, é a palavra comum para designar o oleiro. A este primeiro ato, Jó se refere quando diz: “Lembra-te de que me formaste como em barro;

e queres, agora, reduzir-me a pó?” (10.9) – uma vez que o material moldado foi o pó da terra que havia acabado de ser umedecido por um vapor; e, por conseguinte, é dito posteriormente: “Tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3.19).

A palavra traduzida como “terra” é *adamah*, que significa adequadamente “terra vermelha”, e da qual o nome Adão parece originar-se. Ela corresponde à cor natural da pele humana, que é rosada, e em concordância com a qual a descrição de Salomão da beleza ideal começa com as palavras: “O meu amado é alvo e rosado” (Ct 5.10).

O espírito do homem não tinha nada a ver com a sua forma física. Primeiro, Deus modelou a estrutura inerte e, depois, soprou nela “o fôlego de vidas”, pois o original da última palavra está no plural. Entretanto, não observamos previamente esse fato, porquanto pode ser apenas o famoso plural hebraico de destaque: a palavra, que é um termo comum para vida, é raramente encontrada no singular. Porém, desejamos dar importância ao número, pois é possível que ele se refira ao fato de que a inspiração de Deus produziu uma vida bipartida (sensitiva e espiritual), a existência distinta de cada parte do que podemos, com freqüência, detectar dentro de nós mesmos pelo seu antagonismo.

Esse fôlego de “vidas” tornou-se o espírito do homem, o princípio de vida dentro dele – pois, como o Senhor nos diz, é “o espírito que é salvo” –, e, pela maneira de sua introdução, entendemos que foi uma emanção direta do Criador. Devemos, portanto, evitar cuidadosamente confundi-lo com o Espírito de Deus, do qual a Escritura distingue totalmente e que é representado como dando testemunho com nosso espírito (Rm 8.16). No entanto, Provérbios 20.27 nos diz que é a lâmpada do Senhor, capaz de ser iluminada por Seu Espírito e dada por Ele como meio pelo qual o homem pode esquadrinhar o íntimo do seu coração e conhecer a si mesmo.

Logo, o homem foi formado apenas de dois elementos, o corpóreo e o espiritual, mas, quando Deus colocou o espírito dentro do invólucro de terra, a combinação destes elementos produziu uma terceira parte, e o homem tornou-se alma vivente.¹ Uma vez que a comunicação direta entre carne e espírito é impossível, sua relação só pode ser realizada por intermédio de alguém, e a produção instantânea deste alguém resultou do contato da carne e do espírito em Adão.

O homem se tornou em uma alma viva no sentido de que o espírito e o corpo foram completamente unidos em três partes; de modo que em seu estado de não-caído ele não conhecia nada dos incessantes esforços do espírito e da carne que são objeto da experiência diária para nós. Há uma perfeita combinação dessas três naturezas em uma, e a alma como meio de unidade veio a ser a causa de sua individualidade, de sua existência como um ser distinto. Foi também para servir o espírito como uma cobertura, e um modo de usar o corpo, não como Tertuliano erradamente entendia que a carne é o corpo da alma, e a alma, do espírito.

É interessante observar que, enquanto a alma é o ponto de encontro dos elementos de nosso ser na vida presente, o espírito será o poder dominador em nosso estado ressurreto, pois o primeiro Adão foi feito alma vivente, mas o último Adão, espírito vivificante [doador de vida] (1 Co 15.45). “Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual” (v. 44).

Assim sendo, no princípio da Escritura, somos alertados contra a fraseologia popular da alma e do corpo que tem sustentado, por muito tempo, a crença equivocada de que o homem é constituído de apenas duas partes. Essa idéia, na verdade, foi de tal forma enraizada entre nós que produziu uma deficiência em nossa lingua-

¹ Por conseguinte, possível significado do plural na expressão “fôlego de vidas”. A inspiração de Deus tornou-se espírito e, ao mesmo tempo, pela sua ação sobre o corpo, produziu a alma. Logo, foi a causa da vida espiritual e sensitiva.

gem, pois, embora tenhamos os substantivos “alma” e “espírito” – que são, no entanto, tratados como sinônimos muitas vezes –, não temos, em português, adjetivos derivados do primeiro termo e somos, portanto, incapazes de expressar a conexão com a alma a não ser por uma paráfrase. Certamente, está sendo feita uma tentativa de aportuguesar o termo grego “psíquico”, mas a forma rara e o som da palavra parecem ser propensos a impedir sua incorporação à linguagem comum. Todavia, a necessidade de um adjetivo quase ocultou a doutrina da natureza tripartida do homem em nossa versão das Escrituras, e os leitores de língua portuguesa são afastados do sentido pelas traduções inadequadas de uma palavra grega que significa “pertencente à alma”, mas é, às vezes, traduzida como “natural”, “terrena” e “sensual” (1 Co 2.14; Tg 3.15; Jd 19)².

Contudo, há uma ou duas passagens nas quais a referência à composição tripartida do nosso ser não pôde ser obscurecida. Trata-se do versículo extraordinário na Epístola aos Hebreus: “Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (4.12). Aqui, Paulo fala claramente a respeito da parte imaterial do homem que consiste em dois elementos inseparáveis – alma e espírito –, enquanto descreve a porção material como composta de juntas e medulas, órgãos de movimento e sensação. Por conseguinte, ele reclama, para a Palavra de Deus, o poder de fazer a separação e despedaçar o ser do homem, espiritual, psíquico e corpóreo, assim como o sacerdote esfolava e dividia, membro a membro, o animal para a oferta queimada a fim de expor cada parte e descobrir se havia alguma mancha ou deformidade escondida.

² Como explicamos em uma nota de rodapé no livro *Guerra Contra os Santos*, de Jessie Penn-Lewis, usamos o neologismo *almático* para expressar o que pertence à alma, o que lhe é próprio, em oposição ao que é espiritual, pertencente ao espírito e a ele relacionado. O termo *almático* é bastante comum na versão em português de obras, como *O Poder Latente da Alma*, de Watchman Nee, autor que deu muita atenção ao assunto. (N.E.)

Outra passagem óbvia é a conhecida intercessão de Paulo pelos tessalonicenses: “O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Ts 5.23).

Hoje, podemos chamar o corpo de consciência dos sentidos, a alma, de consciência de si, e o espírito, de consciência de Deus, pois o corpo nos proporciona o uso dos cinco sentidos, a alma compreende o intelecto, que nos ajuda no presente estado da existência, e as emoções, que procedem dos sentidos, enquanto o espírito é nossa parte mais nobre, vinda diretamente de Deus e pela qual somos capazes de compreendê-Lo e adorá-Lo.

O último elemento, como assinalamos acima, somente pode agir sobre o corpo por intermédio da alma, e temos uma boa ilustração do fato nas palavras de Maria: “A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador” (Lc 1.46, 47). Aqui, a mudança de tempos verbais demonstra que o espírito primeiro concedeu-lhe alegria divina e, depois, comunicando-se com a alma, incitou-a a expressar o sentimento pelos órgãos corporais.

Entretanto, o espírito do não-convertido é colocado em um repouso parecido com a morte, exceto quando desperto para um senso momentâneo de responsabilidade pelo Espírito do Senhor, que convence até mesmo o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Tais homens são incapazes de relacionar-se com Deus; a alma, às vezes manifesta na intelectualidade, às vezes na sensualidade e às vezes em ambas, domina-os de forma indiscutível. É isso que Judas deseja expressar no versículo 19, que deveria ser traduzido desta maneira: “São estes que fazem separações, homens dominados pela alma, que não têm espírito”³. Até mesmo no caso de um convertido,

³ ψυχικοί, πνεῦμα μὴ ἔχοντες. Dificilmente trata-se do “Espírito”. O precedente ψυχικοί grego faz o contraste entre a alma e o espírito humano tão óbvio e natural que, se Judas quisesse referir-se ao Espírito Santo, ele certamente teria mantido seu significado, adicio-

os poderes do espírito estão hoje em grande parte suprimidos, tendo seu lugar ocupado, embora inadequadamente, pelas faculdades do corpo e da alma.

Quão inadequado cada um de nós não se sente? Já que, depois de um longo tempo, quando despertamos do sonho deste mundo, e os nossos olhos são abertos para contemplar a realidade, e a convicção assustadora da natureza decadente e rapidamente transitória de tudo o que é visível surge em nossa mente, somos possuídos, a partir de então, por um desejo absorvente de chegar à vida eterna. Porém, para esse fim, que direção podemos esperar dos sentidos físicos, cujo avanço incessante é sempre em direção à sepultura? Além disso, até a alma, embora inteligente e diligente em sua procura, não pode descobrir, por quaisquer dores, o caminho da sabedoria. Com freqüência, ela tenta fazê-lo sem dúvida, mas suas conclusões são tão completamente indignas de confiança que podemos ver, na dificuldade de descobrir, até mesmo dois homens da mais alta ordem de intelecto com uma identidade de opinião. A razão é tão-somente um instrumento incerto e enganoso na melhor das hipóteses, e o orgulho cego do homem piora ainda mais as coisas, pois, quando alguém coloca em seu coração uma idéia – que é, talvez, apenas a criação de sua própria fantasia como o castelo fraco de um sonho –, seus poderes são, mais tarde, usados para o único propósito de fazer a imagem de sua imaginação tornar-se tão vívida e real quanto possível.

Assim, podemos ver facilmente que o intelecto não é meramente falível, mas também o mais perigoso de todos os dons a menos que seja guiado pelo Espírito de Deus, uma vez que pode denominar o bem de mal e o mal de bem, trocar a luz pelas trevas e as trevas pela luz, a amargura pela doçura e a doçura pela amargura.

nando o artigo a πνεῦμα. Entretanto, não parece necessário especular mais sobre o sentido para entender que, no homem descrito, a consciência de Deus é reprimida pela sensualidade. Até mesmo no caso dele, o espírito pode ainda ser uma potencialidade embora, com relação à influência presente, esteja morto.

Além disso, o movimento de sua varinha mágica pode colorir não apenas esta vida, mas também a região além do rio da morte com paisagens e belas cenas, para todos aos quais é capaz de dar a aparência de firme realidade, até o momento fatal em que separa corpo e espírito, e, em um instante brilhante, a vista é manchada para sempre pela escuridão ardente do perdido.

Até mesmo no caso daqueles que nasceram de novo e receberam poder para tornar-se filhos de Deus, a faculdade intelectual ainda é tão incompetente que, embora possuam verdade na revelação divina, são, todavia, como nos diz Paulo, apenas capazes de conhecer e compreender em parte o presente (1 Co 13.12). Entretanto, quando, no futuro, o espírito, nossa vida real, for liberada e restaurada ao seu trono, deveremos tornar-nos de imediato conscientes dos poderes que não podemos compreender ou imaginar agora. Não povoaremos mais as trevas com os fantasmas dos sonhos turvos e mutáveis da razão, mas nos encontraremos em um mundo onde não há noite e capacitados com uma visão aguda e acertada que Deus concederá a todos os Seus redimidos. No lugar da lógica incerta e enganadora da alma, seremos dotados de uma percepção instintiva da verdade, que é a prerrogativa dos espíritos incorruptos.

Portanto, o Senhor criou o homem à Sua imagem, e podemos imaginar a alegria com a qual Adão despertou à consciência em meio ao lindo mundo preparado para a sua morada e possessão. Porém, bela como era a terra, a bondade incansável de Seu Criador ainda impressionaria mais o coração do homem ao preparar, para ser sua residência, uma cena da beleza preeminente e dos deleites superabundantes. Na banda do oriente do Éden, o Senhor Deus plantou um jardim e o enriqueceu com toda árvore agradável à vista e boa para a alimentação, incluindo, dentre elas, a árvore da vida e a do conhecimento do bem e do mal. Ele, então, tomou o homem que havia formado e o colocou no Paraíso, local que o homem deveria cultivar e, como diz nossa versão, guardar. Porém, o último ver-

bo em hebraico também sugere a idéia de vigiar e parece indicar a presença de um inimigo e possível assaltante.

Então, iniciou-se a primeira era ou dispensação de nosso mundo, ou seja, a primeira tentativa de o homem determinar se, quando em posse da inocência, é capaz de mantê-la. Pela obra dos seis dias, a terra foi repleta de bênçãos não-misturadas, ou seja, tudo o que continha era bom, e o domínio supremo foi dado a Adão, que era um ser puro e destituído de pecado. Além do mais, havia um único mandamento; logo, o pecado era circunscrito, e tão-somente uma transgressão era possível. Das inúmeras árvores que existiam no jardim, o homem poderia comer livremente, e até mesmo a árvore da vida estava-lhe aberta, mas ele foi ordenado a adorar o grande Deus que lhe havia dado todas as coisas, a pagar o dízimo em reconhecimento à inesgotável generosidade que lhe fora concedida, abstendo-se de uma única árvore, a do conhecimento do bem e do mal. Ele não deveria comer desta árvore, ou se mostraria rebelde e perderia seu reinado e sua vida.

Com relação aos habitantes hostis do ar, ele não parece ter recebido um alerta distinto, mas apenas foi lembrado da ordem de cultivar e guardar o jardim. O homem não precisava de mais nada, pois, conhecendo a única proibição de Deus, poderia, de uma só vez, detectar um inimigo em qualquer ser que o tentasse a desobedecê-la.

Não há menção a esta aliança com Adão no primeiro capítulo de Gênesis, pois temos simplesmente um registro da criação e restauração ao passo que, na narrativa suplementar, somos relacionados à responsabilidade moral do homem. Conseqüentemente, uma mudança na denominação de Deus, que, quando considerado apenas o Criador e Dominador, é chamado de Eloim ou o Deus Altíssimo, mas que toma o título de Jeová – normalmente traduzido como “o SENHOR” em nossa versão – tão logo aparece na relação pactual com o homem. Na primeira introdução, o nome Jeová é juntado a Eloim a fim de evitar dúvidas e identificar o Ser designado pelas duas palavras.

Hoje, é evidente que, enquanto um destes nomes satisfará algumas passagens, deve haver, porém, muitos casos em que um deles seria apropriado, e o outro, não. Os autores sacros tomam cuidado com isso, e deveremos presentemente encontrar outros exemplos de sua discriminação cuidadosa. Logo, parece que o fato fornecido pelos racionalistas como prova de que as Escrituras são uma compilação volumosa de diversos documentos incongruentes, que chamam de eloístas e javistas, exhibe lindamente a unidade e consistência de todo o volume.

Apesar disso, outra alegria majestosa estava reservada para Adão. Seu bondoso Criador, sabendo que não era bom para ele estar sozinho, determinou conceder-lhe uma companheira e parceira a fim de proporcionar-lhe alegria. Entretanto, Deus, primeiro, levou até o homem todos os animais do campo e todas as aves do céu a fim de ver como ele os denominaria, ou seja, se ele chamaria algum deles de osso dos seus ossos e carne da sua carne. Adão deu-lhes nome, mas a nenhum o nome de mulher – resultado que tinha sido antecipado por Deus, é claro. Na verdade, não parece improvável que Ele tenha feito a tentativa de estimular, em Sua criatura, um desejo que Ele pretendeu gratificar.

Se o primeiro homem foi capaz, no próprio dia da criação, de dar nomes – com base, sem dúvida, nas peculiaridades dos animais e das aves –, é evidente que a linguagem foi um dom que Deus lhe concedeu no momento em que o fôlego de vida foi soprado em suas narinas. Os cristãos, no entanto, não podem permitir as especulações dos filósofos modernos com relação ao desenvolvimento gradual da fala.

Ao nomear o reino animal, Adão tomou posse do domínio antes de surgir a mulher, e, assim sendo, ela compartilha de seu senhorio sobre a criação, não por direito próprio, mas em virtude de ser osso dos seus ossos e carne da sua carne. Nessa situação, pode-

mos discernir um tipo óbvio do segundo Adão com Sua noiva, pois a Igreja, apesar de possuir todas as coisas, não as possui por mérito ou direito próprio, mas apenas por ser a noiva de Cristo, herdeira de todas as coisas (1 Co 3.21-23).

Na história da criação da mulher, devemos observar a íntima relação entre macho e fêmea e as responsabilidades de amor mútuo que essa relação envolve; de um lado, a proteção devida e, do outro, a sujeição. Cada detalhe sugere o grande mistério de Cristo e Sua Igreja, o que será bom para observarmos alguns pontos de comparação.

Em princípio, o Senhor começou Sua obra final, fazendo com que Adão caísse em um sono profundo, ao passo que fez o segundo Adão dormir três dias o sono da morte antes que a criação de Sua noiva pudesse começar.

Enquanto o primeiro Adão dormia, Deus abriu seu corpo e tomou uma costela com a qual fez a mulher. Assim, quando o segundo Adão dormia o sono da morte na cruz, um soldado furou seu lado para que pudesse jorrar sangue e água, e, por meio deste sangue, sem o derramamento do qual nunca poderia ter havido remissão de pecados, a Igreja hoje passasse pelo processo de formação. “Com o Teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9) é o clamor dos anciãos quando é chegado o tempo de entoar um novo cântico.

Depois de a costela ter sido extraída, Deus fechou o lugar com carne. Não foi preciso retirar uma segunda costela: apenas uma mulher foi feita para Adão, embora muitas fossem nascer dele posteriormente. Também ocorrerá o mesmo com o segundo Adão: Ele terá apenas uma noiva celestial, a Igreja do Primogênito, os que são Seus em Sua vinda ou, melhor, em Sua “presença”. Esse corpo será concluído durante a Sua presença no ar, ou primeiro céu, e Seu casamento ocorrerá um pouco antes da terrível destruição que pre-

cederá o império milenar conforme pode ser visto pela ordem dos acontecimentos mencionados nos capítulos 19 e 20 de Apocalipse. Multidões serão posteriormente salvas por Ele, filhas de reis estarão entre as Suas damas de honra, mas, à Sua direita, estará a rainha adornada de ouro finíssimo de Ofir (Sl 45.9).

Lemos em seguida: “E a costela que o SENHOR Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher” (Gn 2.22). Porém, as últimas palavras não são uma tradução completamente adequada do original, que deveria ser traduzido como “edificou uma mulher”⁴. Existe uma coincidência notável no uso desse termo e uma freqüente aplicação das palavras “construir” e “edificar” para a Igreja no Novo Testamento.

Quando Deus fez a mulher, Ele a levou até Adão. Da mesma forma, Deus está levando o escolhido, em espírito, até o celestial Noivo, e nenhum homem pode ir a Cristo se o Pai não o enviar (Jo 6.44). Assim, Ele levará a noiva concluída pessoalmente ao segundo Adão e responderá a esta oração: “Pai, a Minha vontade é que onde Eu estou, estejam também comigo os que Me deste, para que vejam a Minha glória que Me conferiste” (Jo 17.24).

Ao receber sua esposa, Adão exclamou: “Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne.” Assim, o segundo Adão nos diz que Ele é a videira, e nós, os ramos (Jo 15.5), enquanto Seu apóstolo ainda afirma claramente: “Porque somos membros do Seu corpo [da Sua carne e dos Seus ossos]”⁵ (Ef 5.30).

Adão prossegue: “Chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada.” *Ish* é a palavra hebraica para homem, e *isha*, para mulher. Ela partilhou da natureza de Adão e, então, foi nomeada depois dele. Assim, na Sua vinda, Cristo, tendo mudado o corpo de Seu povo à semelhança do Seu corpo glorioso e feito de todos participantes de

⁴ Conferir nota de rodapé na RC. (N.É.)

⁵ [As melhores autoridades omitem as palavras nos colchetes.]

Sua natureza, cumprirá a promessa para o sujeitado: “Gravarei sobre ele o nome do Meu Deus” (Ap 3.12).

Por último, as palavras: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” são, na aplicação à mulher, comparáveis aos dizeres do Senhor “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a Mim não é digno de Mim” (Mt 10.37). E, mais uma vez, as palavras de exortação à noiva mística – “Ouve, filha; vê, dá atenção; esquece o teu povo e a casa de teu pai. Então, o Rei cobiçará a tua formosura; pois ele é o teu senhor; inclina-te perante ele” (Sl 45.10, 11). Estas palavras têm mais força se lembramos que aqueles que são salvos por Cristo – mas não pertencem à Igreja do Primogênito – provavelmente habitarão na terra onde nasceram e não serão chamados de sua morada antiga aos lugares celestiais.

Portanto, podemos ver quão evidentemente a história de Adão e Eva prenuncia coisas fantásticas e produz o mistério do casamento em referência a Cristo e a Sua Igreja.

Capítulo 5

A Queda do Homem

O homem e a mulher foram criados no mesmo dia, e, por isso, Adão só pôde ter vivido algumas poucas horas antes de sua mulher ter sido formada. Nada faltava para completar a alegria de ambos salvo a certeza de que essa alegria seria duradoura, e, a este respeito, eles não sentiam medo, pois como poderiam suspeitar de algum poder do mal? Como poderiam ver em tudo o que os cercava a destruição das criações mais poderosas? Eles não conheciam os segredos da terra que pisavam, mas se regozijavam pelas plantas floridas e não viam as ruínas do mundo debaixo do mundo que alcançava as entranhas da terra. Eles não imaginavam que o mar azul estivesse ondulando sobre uma vasta prisão de pecado, e que a atmosfera estivesse abundando de anjos caídos e espíritos desencarnados daqueles que se tinham rebelado contra o Altíssimo.

Eles também foram destinados a ser [apenas prestes a ser] vencidos pelo mal e logo deveriam experimentar o significado daquela palavra horrível – morte – que os lábios do Criador haviam proferido, sentir o terror de Sua ira, a desolação da ruína e os horrores da corrupção, pois o Deus Onisciente bem conhecia o grande obstácu-

lo para a perfeição da criatura, e que, até poder ser removido, Ele era incapaz de demonstrar Seu amor e derramar completamente Sua generosidade. Deus não poderia capacitar os homens com grande poder e sabedoria, torná-los excelentes em majestade e gloriosos em poder, rápidos como as asas ou relampejantes para fazerem a Sua vontade até que tivessem passado pelo perigo de abusar dos Seus presentes e, então, cair como ocorreu com os anjos pecaminosos.

Assim sendo, eles não teriam de ser perfeitos desde o dia em que foram criados, mas, pela experiência dolorosa ainda mais salutar, precisariam aprender suas fraquezas; deveriam ser aprisionados no corpo de humilhação (Fp 3.21), abandonados a fim de tentar agir de acordo com suas forças, empenhando-se em meio aos hostis poderes das trevas, que não deveriam, portanto, estar consignados à maldição do rebelde obstinado. Eles deveriam cair, mas, pelo misericordioso arranjo anterior de Deus não seria uma queda eternamente fatal e sem esperança. Eles deveriam saber o que é viver no pecado e, então, ser consumidos pela ira de Deus, perturbados pela Sua cólera, sujeitos ao orgulho, à destruição e à decadência. Com pavor, teriam de entrar na escuridão espessa que envolve os temerosos portais da morte – toda a beleza que possuíam deveria tornar-se corrupção, e o corpo, embora majestoso ou belo, tornar-se repulsivo e abominável.

Por tudo isso, eles deveriam ser salvos por um poder que não vinha de dentro deles. Ignorantes, inúteis, confusos, sem saber para onde ir, eles deveriam ser dirigidos pela mão de Outro. O pecado que cometeram, que seriam completamente incapazes de expiar, tinha de ser punido na pessoa de um Substituto; o único Filho gerado pelo Criador amoroso deveria morrer no lugar deles. Logo, eles teriam de aprender a dependência absoluta da criatura no amor e poder do Deus Altíssimo.

Caso conseguissem humilhar-se sob a mão do Altíssimo, confiar em Deus no tempo das trevas, acreditar que Ele estava fazendo

com que todas as coisas cooperassem para o bem deles e aceitar, com gratidão, Seu caminho de paz e salvação, depois de um pequeno espaço de tempo, os dias de lamento acabariam. Ele limparia toda mancha de pecado ou lágrimas; em vez das vestes de corrupção, Ele os vestiria com as vestes de imortalidade, colocaria a coroa da vida em sua cabeça, e a alegria permanente surgiria dentro deles sem a possibilidade de uma nuvem de perturbação. Muitos deles, dotados, pelo Seu favor, de uma submissão mais completa, uma fé mais forte, deveriam até mesmo ser exaltados para sentar-se no trono de Seu Filho e, debaixo Dele, reinar em glória sobre a terra que havia sido o cenário de suas esperanças e temores, de seus erros tristes e cansativos enquanto carregavam consigo o corpo dessa condição presente de morte (Rm 7.24).

Esse parece ser o esboço dos propósitos divinos com relação ao homem conforme indicado nas Escrituras; tal é a razão da nossa residência provisória aqui na terra em fraqueza, contínua tendência à infelicidade e o certo progresso a decair. Satanás, em primeiro lugar, despertou à consciência na luz ofuscante da glória de Deus para tornar-se um príncipe poderoso, perfeito em sabedoria e formosura (Ez 28.12-15). Porém, não tendo conhecido outra condição, pensou que seu poder e esplendor procediam de si mesmo, perdeu o senso de dependência e caiu sem esperança.¹ No nosso caso, a previsão e a misericórdia de Deus impediram essa ruína irremediável.

CONDUZIDOS PELA NOITE

Portanto, nosso ser começa nas trevas, longe da luz e da alegria de Sua presença. Não somos príncipes, mas escravos dos horríveis déspotas – pecado e corrupção –; nossa beleza é defeituosa e passageira; nossa sabedoria é tolice; nossos propósitos são continuamente interrompidos; nosso corpo tende à dissolução desde o dia em que nascemos. Todavia,

¹ [A Escritura Sagrada mostra que Satanás, desde sua queda original, não tinha esperança? Veja pp. 86, 87.]

há um braço estendido a fim de conduzir-nos pela noite, e, se o segurarmos, desistindo de nossas idéias a respeito do caminho correto, ele nos guiará ao longo do caminho, duro, cansativo e perigoso de fato, o qual, porém, afinal nos levará com segurança ao lar de nosso Pai.

Depois, quando o corruptível tiver vestido a incorrupção, e o mortal houver sido colocado na imortalidade; quando, após termos criado a imagem do terrenal, carregaremos a imagem do celestial; quando descansarmos, não mais na esperança, mas na satisfação abundante e infalível após despertarmos na semelhança de Deus, teremos, então, finalmente alcançado o objetivo de nosso ser, a posição para qual Ele nos criou e, além disso, a qual Ele nos ordenou antes da fundação do mundo. Por isso, saberemos por que Ele nos convida a considerarmos-nos estrangeiros e peregrinos na terra; saberemos o que Ele quis dizer quando falou que, na carne, estamos mortos, e nossa verdadeira vida está oculta com Cristo em Deus (Rm 7.24; Cl 3.3). Quando o tesouro celestial for desvendado diante de nossa contemplação fascinante, entenderemos por completo Seu adágio sombrio: “Se não vos tornastes fiéis na aplicação do alheio, quem vos dará o que é vosso?” (Lc 16.12).

Ou, depois de termos, assim, passado pelas trevas e perigos até Deus, não sentiremos qualquer vontade de desgarrar-nos pela noite novamente. Com tal retrospecto, não seremos tentados a pensar que nossa glória e beleza são uma parte inseparável de nosso ser e não apenas teremos aprendido, pela experiência atemorizante, a dependência das criaturas, mas também nosso ser inteiro será penetrado com um amor ardoroso e insaciável do nosso Criador.

Porquanto, até mesmo nesta vida, quão grandes Suas misericórdias aparentam ser! Porém, quando nos encontrarmos salvos no Paraíso de Deus, livres para sempre dos ataques do mundo, da carne e do diabo, o primeiro olhar para trás para os perigos dos quais acabamos de escapar agirá, talvez, sobre nós com um poder maior do que todo o curso de disciplina pelo qual passamos anteriormen-

te, porque veremos, então, nossa acumulação terrível de pecado, compreenderemos sua natureza pavorosa e nos perderemos em asombro no amor que nos gerou enquanto continuávamos, dia após dia, repetindo e multiplicando transgressões. Olharemos para os milhares de perigos que ficaram para trás dos quais fomos livrados de tempos em tempos e de apenas alguns poucos suspeitávamos. Contemplaremos as hostes horrendas e inumeráveis das trevas, de cujo poder maligno fomos defendidos durante tantos anos e, enfim, resgatados por Alguém mais poderoso do que elas. Observaremos a cova que lhes foi preparada, para a qual também deveríamos necessariamente ter descido se um resgate não tivesse sido encontrado, até o sangue mais precioso do Senhor Jesus.

À medida que nos afastamos destas cenas sombrias e dolorosas – durante o tempo inteiro de nossa conexão com o que é nada senão um passo entre nós e a morte – para o sorriso resplandecente de nosso Deus reconciliado, para a glória que nos foi dada, para a cidade de ouro que foi preparada para ser nossa morada, para a eternidade da alegria que sempre se aprofunda diante de nós, não deveremos, esvaziados enfim do orgulho e da vontade própria e capacitados de gratidão humilde, chorar em voz alta, com a força do amor e da devoção desconhecida deste mundo: “Bênção, e honra, e glória, e poder sejam dados ao que se assenta no trono e ao Cordeiro para sempre!”

Com pensamentos como estes, deveremos confortar uns aos outros sempre que estivermos passando por sofrimento e pesar durante a presente e breve estância de julgamento.

ADÃO E EVA

Agora, devemos voltar a Adão e Eva, que deixamos desfrutar, com inocência, dos prazeres que Deus lhes proporcionou. Entretanto, foi curto o tempo que desfrutaram de felicidade, pois os poderes do

mal já estavam preparando a cilada fatal e, talvez, fossem estimulados ao seu propósito terrível de destruição não apenas pela pura malignidade e o desejo de opor-se a Deus sempre que pudessem fazê-lo indiretamente, mas também pela vontade de prolongar seu reinado. Sabendo serem rebeldes, eles provavelmente tinham consciência de que o Altíssimo nunca intentou que um homem sem pecados lhes fosse sujeito e que, em Adão, Ele estava levantando uma descendência não meramente para habitar a terra, mas também para tomar posse dos reinos do ar. Por conseguinte, podemos compreender com facilidade a ansiedade dos demônios de, pelo menos, retardar o conselho de Deus, reduzindo a nova criação ao seu próprio nível de pecado e ruína. Talvez, eles possam ter sabido, por experiência, que o resultado seria um prolongamento de longas eras, durante as quais a misericórdia do Supremo garantiria às Suas criaturas tempo para arrependimento e cura.

O plano de Satanás mostrava que Deus ainda não o tinha desprovido de sabedoria, embora – ai de mim! – tal sabedoria houvesse sido alterada em virtude de sua queda: do poder nobre de um príncipe do Altíssimo para um intrigante perspicaz e enganador! Ele não daria seu golpe com poder e terror, porquanto isso lançaria o atacado nos braços de seu Protetor ao invés de jogá-lo para longe Dele, e seus clamores mais ardentes por ajuda rapidamente atrairiam os raios de fogo sobre o ousado inimigo. Porém, ele se apresentaria na forma de um animal inferior e subalterno do qual eles nunca suspeitariam causar danos, pois, como todos os filhos deste mundo, Satanás, embora orgulhoso até da destruição, pode ainda degradar-se ao pó a fim de cumprir seus propósitos.

Ele não tentaria o homem e a mulher ao mesmo tempo, pois, juntos, poderiam manter-se na obediência e no amor de Deus. Uma vez que ele sabia disso muito bem, se fosse detectado e confundido, uma segunda tentativa seria feita com dificuldades bem mais sérias, e, além disso, se Adão clamasse por Deus, seu clamor tornaria esta tentativa impraticável.

Repito: duas razões parecem tê-lo desencorajado a tentar apenas Adão, pois, se ele tivesse começado sujeitando o homem e, depois, trabalhado na queda da mulher, sua destruição teria sido incompleta, e Eva não teria sido totalmente indesculpável diante de Deus visto que teria agido sob a ordem ou a influência daquele que o Senhor havia colocado diante dela.

Em segundo lugar, o homem, conforme vimos antes, é constituído de três partes: espírito, alma e corpo. Das três, a alma é a predominante em função do poder que exerce sobre o corpo. Por isso, a fraqueza do homem se encontra no fato de seu corpo ser psíquico e não espiritual. Todavia, Adão foi criado diretamente a partir da imagem de Deus, e Eva, apenas do intermediário. Se, então, o homem foi uma imagem imperfeita pela predominância de sua alma, este defeito naturalmente aumentaria na mulher, que, portanto, seria mais suscetível à forma e à beleza exterior e a todas as emoções relacionadas ao sentido e à própria consciência enquanto a influência do seu espírito diminuiria proporcionalmente. Neste segundo relato, Satanás também parece tê-la escolhido como sendo o objeto mais adequado para o primeiro ataque.

Influenciados, portanto, por algumas das considerações acima mencionadas, os poderes das trevas esperaram que Adão se ausentasse ou, talvez, pelo misterioso poder que freqüentemente sentimos, mas não podemos explicar, afastaram-no de sua esposa e, quando ela foi deixada sozinha, atraíram-na pelo jardim em direção à árvore situada no meio. Pode ser que as sugestões que deram conseguiram fazê-la pensar na estranheza da proibição divina. Por que razão Ele plantou a árvore no jardim deles se eles não poderiam comer dela? Que grande diferença poderia haver entre ela e as outras árvores das quais podiam comer à vontade? Talvez, uma tola curiosidade pode tê-la feito examinar o objeto proibido a fim de ver se conseguia detectar sua peculiaridade.

Contudo, seja como for que tenha acontecido, ela sofreu por ter sido seduzida ao lugar fatal e deu brecha ao diabo. Devemos

manter-nos o mais longe possível do que é proibido, evitando tentar a Deus desnecessariamente pela aproximação, curiosidade ou qualquer outra causa estimulante. Se Eva tivesse evitado os arredores da árvore, é possível que nunca tivesse lançado sobre a árvore o olhar que arruinou sua própria vida e o mundo. Quantos de seus descendentes têm construído sua infelicidade da mesma forma, ou seja, permanecendo nas fronteiras do erro, examinando-o com curiosidade e desejando compreender o que sabem ser maligno!

Enquanto Eva estava perto da árvore, a serpente se aproximou e dirigiu-se a ela. O fato de ela não se ter assustado parece indicar a existência de uma comunicação inteligente entre o homem e as criaturas inferiores antes da queda. Porém, é claro que não devemos pensar na serpente como sendo um réptil repulsivo e venenoso pelo qual parece sentirmos uma antipatia instintiva, pois ela ainda não havia sido amaldiçoada, mas se mantinha correta, sendo o animal mais inteligente e, provavelmente, o mais belo de todos os animais do campo. É um fato interessante que, nessa escultura notável – a mais antiga representação sobrevivente da queda – encontrada no templo de Osíris, em Philae,² Eva é vista oferecendo o fruto a Adão, a árvore estando entre eles, e a serpente em uma posição ereta. Talvez, se sustentasse por asas, e, de fato, o epíteto “voadora” é aplicado às *saraph* ou espécies brilhantes em uma passagem de Isaías (14.29). Logo, a criatura era livre de veneno e não improvavelmente alada, ao passo que suas escamas brilhavam ao sol como ouro polido. Talvez, tenha sido reconhecida por Eva como o animal mais inteligente e sociável e, logo, de toda

² Em egípcio antigo, “philae” significa “o fim” e definia a fronteira sul do Egito. A Ilha de Philae, outrora domínio da deusa Ísis (esposa de Osíris), foi visitada por turistas do mundo inteiro, sendo considerada um dos locais mais pitorescos do vale do Nilo e do Alto Egito. Com a construção das barragens, as águas provocaram a submersão do templo, deixando à vista apenas a parte superior. A corrosão permanente, gerada pelas variações diárias do nível das águas, condenou os monumentos de Philae ao desaparecimento. O governo egípcio decidiu mudar o conjunto de edifícios para a Ilha de Agilka, situada a 300 metros de Philae. Os trabalhos começaram em 1972 e foram concluídos em 1980, e o templo pode ser de novo visitado atualmente. (N.T.)

forma, podia ser o mais adequado para agradar aos olhos da mulher e atrair sua atenção.

Pouco ela suspeitou de que um poderoso inimigo se escondia sob aquela forma bela e aparentemente inocente assim como pouco desconfiaram os discípulos de que o inimigo mais amargo do Mestre estava sentado com eles, para a refeição, no corpo de Judas Iscariotes. Não podemos, em nenhum momento, ter certeza de estarmos seguros em emboscadas similares. Todavia, há um teste sempre possível, que, como a lança de Ituriel³, compele Satanás a assumir sua forma verdadeira, o que poderia ter salvado Eva. Devemos pensar no pior e agir conforme pensamos logo que ouvimos alguma sugestão oposta à vontade e às leis de Deus e devemos estar muito mais em guarda em proporção quanto ao que vem de uma fonte improvável e está astutamente misturado com a verdade.

“É verdade que Deus lhe proibiu de comer de toda árvore do jardim?”, começou a serpente. Talvez, o fato de Eva ter lançado um olhar demorado em direção à árvore e, mesmo assim, ter-se recusado em tocá-la sugeriu esta pergunta esperta. Simples como pode parecer em princípio, a serpente estava impressionantemente cheia de engano fascinante, maravilhosamente adaptada ao propósito de atrapalhar o ser moral de Eva e preparar, assim, seu caminho para a

³ Personagem da novela *O Mundo Como Está*, escrita pelo filósofo e escritor Voltaire (1694-1778) na fase em que ainda lhe restava certo otimismo. Ituriel é apresentado como sendo um dos “gênios” (anjos) que preside os impérios do mundo e deseja castigar a cidade persa de Persépolis, que julgava assolada por várias iniquidades e contínuos desmandos. Babuc, personagem encarregado pelas divindades de observar pessoalmente Persépolis e apresentar um relatório para que os deuses decidissem ou não pela destruição da cidade, acaba descobrindo, em sua tarefa, que não se pode pretender a perfeição absoluta do ser humano e, como forma de apresentar-lhes o relatório, manda fazer, no melhor fundidor da cidade, uma estatueta composta de todos os metais, das terras e pedras mais preciosas e mais vis e a leva a Ituriel, perguntando-lhe se seria capaz de destruí-la apenas por não ser feita toda de ouro e diamante. Ituriel compreende a mensagem e resolve deixar o mundo como se encontra, poupando a cidade. No final, o autor faz uma menção fugaz à história bíblica de Jonas. O texto está disponível no site www.ebooksbrasil.com/eLibris/omundo.html. (N.T.)

completa subversão. O tentador pensa que ela se abstém, porque Deus proibira duramente a mulher e seu marido de tocarem em qualquer um dos belos frutos ao seu redor. Em sua pergunta breve, mas hábil, ela começa a embrulhá-la em vapores de erro com, pelo menos, cinco sugestões. Primeiramente, a serpente tira Eva da posição de defesa pela sua ignorância assumida. Em segundo lugar, ela se movimenta das bobagens às profundezas de consciência própria de Eva, dando-lhe a oportunidade de corrigir e instruí-la. Em terceiro lugar, ela utiliza o termo Eloim e não o nome de aliança, Jeová, a fim de representar o Criador como estando distante e tendo pouco interesse pelas Suas criaturas. Em quarto lugar, ela gera uma dúvida com relação a se Deus tinha pronunciado mesmo a proibição e insinua a possibilidade de um equívoco. Por último, ela insinua o pensamento blasfemo de que a rigidez e o capricho da parte de Deus não são inconcebíveis, mas podem ser esperados às vezes.

Os efeitos cegos desta pergunta são imediatamente evidentes na resposta de Eva, que replica, dizendo que eles podem comer de outras árvores do jardim e são apenas admoestados a afastar-se do fruto da árvore situada no meio do jardim. Deus havia dito: "Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais" (Gn 3.3). Entretanto, Deus não os havia proibido de o tocarem, e, por conseguinte, parecemos ver, no exagero desta cláusula adicional, um descontentamento secreto e uma inclinação a considerarem o mandamento do Altíssimo o mais cruel possível.

Isso não é tudo. Ela não apenas aumenta a severidade da lei, mas também enfraquece o castigo. Deus havia falado: "Certamente morrerás", o que Eva altera para: "para que não morrais". A dúvida já estava trabalhando em sua mente, e, agora, ela estava preparada para ouvir a verdade de Deus abertamente negada.

Mais uma vez, ela segue a direção de Satanás para as trevas e se refere a seu Criador e Benfeitor como Eloim – o Poder, de fato

poderoso, mas vago, distante e quase desconhecido para os homens – em vez de Jeová [o Senhor], o Deus da aliança. Satanás desejava banir de seu coração todo pensamento de um Deus próximo e intimamente ligado, e ela aceita sua sugestão e coopera com ele, pois a imagem de Jeová é rapidamente apagada de sua mente, e o eu e o pecado começam a ocupar o espaço.

Solene é o aviso que a análise de seus pensamentos permite aos seus descendentes, à prole pela qual seu próprio caminho triste é incessantemente trilhado. Com quanta freqüência, quando somos perfeitamente conscientes de algum mandamento direto de Deus ao qual não desejamos obedecer, somos seduzidos ao exagero de sua magnitude e inconveniência até que, enfim, pelo contínuo jogo das imaginações malignas, quase chegamos à sua impossibilidade. Ao mesmo tempo, esforçamo-nos para diminuir sua importância e a penalidade que sua negligência provavelmente envolve, sem perceber que, enquanto estamos trabalhando nossa própria vontade em desafio à vontade de Deus, Seu Santo Espírito está gradualmente saindo de nós, e nossa consciência de Deus – ou, como seria ordinariamente designada, sentimento religioso – está tornando-se cada vez mais fraca. Entretanto, o pecado que habita em nós e está crescendo proporcionalmente e adquirindo força até que, por fim, quando nossos olhos estão novamente abertos, encontramos-lo como algum terrível tumor que, abominável e doloroso, tem sido negligenciado há tanto tempo que dificilmente deixará vida em nós se for retirado.

Com rapidez, Satanás percebeu o estado mental de Eva. Seu plano estava obtendo êxito, pois, enfim, ela havia começado a duvidar. De imediato, ele apertou seu ataque por uma mentira corajosa combinada com a verdade, de fato distante do real, mas apresentada à moda satânica característica, para que a mulher pudesse perder seu significado real e interpretá-la de acordo com sua própria vaidade crescente. “É certo que não morrereis”, disse esse mentiroso desde o princípio, ousando colocar sua asserção em oposição ao Altíssimo.

com prazer permitido, Eva, contudo, descartou-os, trocando-os pelo que Deus havia proibido. O Senhor, por outro lado, como homem, sem nada possuir, recusou, mesmo assim, com indignação, as belezas, glórias e os prazeres de todo o mundo espalhados diante de Sua contemplação (vs. 8-10).

Por fim, Eva viu que a árvore era algo a ser desejado para tornar alguém sábio, o que foi o orgulho da vida e correspondeu à tentação do nosso Senhor de lançar-se do pináculo do templo. Eva desejou levantar sua condição embora não houvesse ninguém maior do que ela na terra, salvo seu marido. Porém, o Senhor, ainda que despido e rejeitado pelos homens e conhecido tão-somente como o filho de um carpinteiro de Nazaré, recusou-se a descer do pináculo do templo e ser rapidamente saudado pela multidão reunida como sendo o sinal esperado há tanto tempo do céu, como o Messias verdadeiro.

Eva tinha, em primeiro lugar, dado lugar à dúvida e, depois, se submetido a ouvir a contradição direta a Deus e, por fim, voltado a contemplar a árvore proibida. Então, a torrente de seu desejo surgiu com tamanha violência impetuosa que levou toda barreira. Sem esperar para consultar seu marido e parar para pensar no seu Deus, ela estendeu a mão, e, em um momento, o feito fatal, que, aproximadamente seis mil anos não foram suficientes para obliterar, foi realizado. Os dias de inocência de Eva estavam terminados, e, pouco tempo depois, na chegada de seu marido, ela se permitiu um outro triste exemplo desse egoísmo do pecado, desse desejo insaciável e ligeiro da parte do caído de envolver outras pessoas em sua ruína miserável, o que foi previamente exibido por Satanás, pois o tentador imediatamente passou a ser o tentador.

Agora, Paulo nos diz expressamente que Adão não foi enganado, mas apenas a mulher o foi (1 Tm 2.14), pois, quando Satanás fez com que soubesse as qualidades do fruto, ela admitiu sem demora, como única explicação possível da proibição de Deus, que Ele

era impiedoso ou que temia rivais. No entanto, Adão provavelmente viu tanto a impiedade quanto a total estupidez de tamanha imaginação, soube que o mandamento era indubitavelmente dado na sabedoria de Deus para o bem dos dois e era, talvez, nem um pouco confirmado em sua visão pela condição na qual encontrou sua mulher. Portanto, parecemos ser levados pela suposição de que o amor excessivo o dirigiu às súplicas da mulher e o fez determinar compartilhar seu destino. Neste, vimos sua incapacidade de receber tal presente de Deus, pois, embora tivesse feito bem em amar Eva mais do que a si próprio, foi confundido na mesma cilada de estupidez quando a idolatrou, transgredindo, por amor a ela, a lei de seu Criador.

Logo, o Príncipe do Mundo prevaleceu. A nova criação tinha sido seduzida à rebelião. Não havia mais qualquer barreira para a continuação de seu domínio. Do chão, ele se ergueu triunfante e expandiu suas asas tenebrosas pelo território recuperado, impedindo os puros raios do sol de Deus e deixando cair densamente os vapores venenosos do pecado, sob os quais as flores da terra murcharam, seus frutos feneceram, sua abundância foi restringida, e ela gerou o mal além do bem.

Capítulo 6

O Juízo e a Sentença

O pecado foi irrevogavelmente cometido: o tentador vencera. Porém, o que dizer da afirmação: “Se vos abrião os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gn 3.5)? Ah! De fato, isso se mostrou verdadeiro, mas de um modo amplamente diferente das expectativas de Eva, pois, na impetuosidade de seu orgulho, ela não demorou a refletir que o conhecimento divino deve, necessariamente, ser repleto de perigos destrutivos para quem não possui nem sabedoria nem o poder de Deus. Os olhos da mulher e do homem foram realmente abertos, mas apenas a fim de enxergarem a si próprios, para contemplar a triste situação de nudez e vergonha na qual se encontravam. Então, eles passaram a ter consciência, de súbito, da vilania da carne, que havia sido a intermediária na transgressão que cometeram. Ambos ficaram desorientados com a sensação dolorosa da queda do destaque que Deus lhes havia dado, da semelhança que agora tinham com os brutos que os cercavam e, além disso, da incapacidade de serem vistos.

Esses sentimentos parecem ter sido intensificados em um grau razoavelmente grande pela mudança instantânea e visível da aparência

exterior, pois, enquanto se mantinham na obediência, o espírito que Deus soprara dentro deles guardava total poder e vigor. Sua influência impregnável os defendia completamente – corpo, alma e espírito – das invasões de corrupção e morte ao passo que, ao mesmo tempo, seu esplendor, brilhando pela forma física, projetava uma auréola lustrosa ao redor de ambos a fim de que o elemento mais espesso do corpo fosse escondido dentro do véu de glória radiante.¹ Logo, como dominadores da criação, eles se distinguiram, de forma notável, de todas as criaturas que lhes foram colocadas em posição de inferioridade.

Todavia, o pecado só ocorreu por causa da aliança entre a alma e o corpo, o que destruiu o equilíbrio da existência do homem e da mulher. O espírito abatido foi reduzido à condição de prisioneiro destituído de poder e quase calado. Por conseguinte, a luz espiritual desbotou e, por fim, desapareceu. A influência espiritual estava terminada e não mais poderia preservar o corpo de ambos da decadência ou vesti-los com sua glória como de um manto. A ameaça de Deus foi um fato consumado; o reinado da morte começara.

Não é difícil provar que a recuperação da glória visível será o resultado instantâneo da restauração do espírito, da alma e do corpo à perfeita ordem e harmonia, ou seja, trata-se do sinal de que somos manifestos como filhos de Deus. Contudo, esta glória resplandecerá com fulgor muito mais intenso do que brilhou em Adão, pois, como vimos anteriormente, o corpo do homem não-caído não era um corpo espiritual. O espírito, na verdade, exercia uma influência poderosa e vigorosa, mas a alma era o poder dominador (como ainda continua sendo), uma vez que o primeiro homem tornou-se alma vivente (1 Co 15.45). Entretanto, quando ocorrer a ressurreição, ou a mudança referente à volta de nosso Senhor, nosso corpo se tornará espiritual (v. 44), a consciência de Deus será suprema em nós, mantendo tanto a alma quanto o corpo em absoluto controle e derramando o poder completo de sua glória sem atraso ou obstáculo.

¹ Compare a descrição de Deus no Salmo 104.2: "Coberto de luz como de um manto."

Portanto, falando a respeito deste tempo, diz Daniel: “Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente” (12.3). Então, o próprio Senhor declara: “Então, os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai” (Mt 13.43).

Mais uma vez, repito que João e Paulo nos dizem que, quando formos chamados à presença do Senhor Jesus, seremos semelhantes a Ele, isto é, Deus transformará o nosso corpo de humilhação para ser igual ao corpo da sua glória (1 Jo 3.2; Fp 3.21). Não fomos deixados na ignorância quanto à natureza do corpo de Sua glória, pois, no monte da transfiguração, Ele permitiu que três escolhidos contemplassem o Filho do Homem na mesma forma em que aparecerá quando vier em Seu reino. Por isso, o Seu Espírito, já restringido e escondido durante Sua residência provisória na terra, foi subitamente liberto, e, em um único instante, toda a Sua Pessoa resplandeceu com esplendor, para que a Sua face brilhasse como o sol, e suas vestes se tornassem brancas como a luz (Mt 17.2).

O homem e sua mulher estão envergonhados, e esse fato foi a única ponta de esperança que contemplavam à frente, pois, caso estivessem mortos para a vergonha da culpa, não se teriam diferenciado em nada dos espíritos malignos, e a salvação de ambos teria sido impossível. Porém, a existência deste sentimento mostrou que a consciência de Deus presente dentro deles, embora devastada, ainda não estava extinta por inteiro. A chama havia diminuído, mas a torcida ainda estava queimando e poderia até ser soprado para o fogo novamente pelo Espírito de Deus (cf. Mt 12.20).

Desnorteados em virtude da condição modificada, eles imediatamente tentaram suprir a cobertura perdida de forma artificial, o que seus descendentes continuaram fazendo desde então. Toda criatura vivente, seja de terra, água ou ar, possui sua forma corporal apropriada, e apenas o homem é destituído e compelido a recorrer à

ajuda artificial, porque, por causa do pecado, perdeu seu poder natural de receber o derramar do mais glorioso traje de luz. Por conseguinte, podemos ver por que nosso Senhor preferiu as vestes do humilde lírio a toda magnificência de Salomão (Mt 6.29), pois as esplêndidas vestimentas do rei israelita não eram dele mesmo, enquanto a beleza do lírio foi desenvolvida dentro dele e é o simples resultado de seu crescimento espiritual.

Mal o casal decaído acabara de conseguir roupas miseráveis quando ouviram a voz do Senhor Deus – aquela voz que, até então, tinha sido a maior alegria de ambos. Contudo, quão diferente parecia agora apesar de o tom ser o mesmo! O homem e a mulher correram aterrorizados para os arbustos do jardim e tentaram esconder-se. Vã tentativa! Quando estamos cometendo pecados, podemos, talvez, conseguir deixar de pensar completamente em Deus e convencer-nos de que, uma vez que O esquecemos, Ele não nos observa mais. Todavia, quando Ele sai para fazer juízo, essa ilusão não é mais possível; não há escapatória. Não pode haver demora. Entretanto, devemos, ainda que despreparados, encontrá-Lo face a face. Ao chamado de Deus, Adão é obrigado a sair do esconderijo. Andando com tremor, ele se arrasta na presença de seu Criador. Em primeiro lugar, é constrangido a reconhecer que fugira de vergonha e, depois, que a vergonha surgiu da transgressão ao único mandamento que lhe havia sido imposto. A confissão do homem, porém, não é sincera, e ele dá uma prova miserável de sua condição decaída, da perda de toda a lealdade de sua natureza na tentativa de culpar a mulher além de censurar o próprio Deus. “A mulher”, ele disse, “que me deste como esposa, ela me deu da árvore, e eu comi” (Gn 3.12).

Quando o Senhor se dirige à mulher, a resposta de Eva não é mais satisfatória do que a do seu marido, pois não reconheceu sua culpa e lançou-se sobre a misericórdia de Deus, mas jogou toda a culpa na serpente, embora esta não fosse a agente responsável.

O Senhor ouve o que os dois acusados têm a dizer e, pacientemente, dá-lhes a oportunidade de se defenderem, mas, quando se dirige à serpente, Sua forma de tratá-la é diferente. Ele não faz perguntas ao Tentador nem lhe dá chance para defender-se, mas, tratando-o como já estando condenado, pronuncia a sentença de imediato. Que pensamentos profundos são sugeridos nesta mudança de procedimento! Que antecedentes terríveis de rebelião parecem flutuar como espectros nas trevas deste julgamento instantâneo e sem esperança!

“Visto que isso fizeste...” Não há equívoco quanto ao motivo da maldição: não é acidente, nem meramente azar natural, mas a marca profundamente queimada que testifica a repulsa de Deus por ele, que trouxe o pecado ao novo mundo. A primeira parte da sentença tem referência imediata e literal à serpente, que coopera com Satanás, mas existe um tipo impressionante de degradação do próprio Filho da Manhã.

As palavras “Maldita és entre todos os animais” (Gn 3.14) parecem indicar uma maldição geral sobre o reino animal, o que não é mencionado em nenhuma outra parte. É possível que esta maldição tenha atingido os animais, não pelo pecado de Adão, mas pela serpente, cabeça e representante de todos os animais do campo, usada como um instrumento do diabo. Esta maldição deveria estender-se, portanto, a todo animal, o que não é mais surpreendente do que a transmissão do pecado por Adão a toda a raça humana. A causa desse fato não nos foi revelada; o segredo é uma das coisas profundas que não podemos compreender agora, mas o conseguiremos entender no futuro, quando o mistério de Deus for terminado.

Certamente, há, porém, um elo estranho que mantém em união as criaturas do nosso mundo a fim de que todas sejam misteriosamente afetadas, em uma medida responsável, pela conduta de cada uma. Isso parece ser uma grande lei da criação e, talvez, tenha

sido planejada, pelo menos em parte, para ser um meio de preservar a unidade. Seja como for, Paulo, ao focar sua aplicação para a Igreja, germina, como seu objeto, “para que não haja divisão no corpo” (1 Co 12.25). Quão bem-vinda será sua plenitude quando, assim como nascemos em pecado em virtude da transgressão de Adão, seremos todos feitos justiça de Deus em Cristo.

A partir da primeira cláusula da sentença acerca da serpente, é claro que a criatura não rastejava na origem. Portanto, sua estrutura deve ter sido inteiramente modificada, e alguém que não é induzido por qualquer desejo de provar a inspiração da Escritura assinala:

Concorda-se que o organismo das serpentes é de extrema degradação. O corpo foi alongado pelas meras repetições vegetativas das vértebras; assim como os vermes, elas avançam apenas pelas placas externas semelhantes a anéis localizadas no abdome, sem membros frontais ou traseiros. Embora pertençam às últimas criaturas do reino animal, representam um claro retrocesso na escala dos seres.

(Kalisch, *Genesis*, p. 125).

Pelas palavras “Comerás pó todos os dias da tua vida” (Gn 3.14), é provável que não compreendamos que o pó da terra deveria ser o único alimento da serpente, mas que, sendo destituída de órgãos com os quais pudesse caçar sua presa, a serpente seria compelida a comer do que há no chão e, logo, a engolir pó com o alimento. “Todo alimento da serpente tem gosto de pó”, diz um comentarista judeu.

Visto que, ao submeter-se a tal punição visível, a serpente é um tipo de Satanás, com quem cooperou diretamente, sua condição é desesperançada e não será melhorada quando o restante da criação for liberto do cativeiro da corrupção. Até mesmo nos tempos dos mil anos, o pó ainda será a refeição da serpente e, talvez, sua única alimentação (Is 65.25). A vista de sua degradação e o espetá-

culo horrorizante das carcaças no vale de Jeosafá (66.24) servirão como alertas do pecado durante a era dos mil anos.

De longe, a sentença parece não fazer mais do que uma referência tipológica a Satanás. Porém, nas cláusulas seguintes, a serpente começa a sair de vista, e o grande Adversário, que estivera escondido dentro dela, é levado a julgamento e ouve a frustração das esperanças que tinha, da brevidade de seu triunfo e de sua terrível e inevitável maldição. Maravilhosamente abundantes em significado são as poucas palavras dessa primeira parte da profecia, pois contêm o germe de tudo o que tem sido revelado desde então e permitem uma evidência notável da consistência dos propósitos de Deus, de Seu conhecimento perfeito do fim desde o princípio.

Satanás iludiu Eva em uma aliança contra o Criador, mas Deus romperia a confederação. A aliança com a Morte deveria ser anulada, e o acordo com o Inferno não poderia continuar. “Porei inimizade entre ti e a mulher” foram as palavras do Altíssimo para a serpente embarçada e muda. Não foi difícil, para Satanás, adivinhar o significado dessa separação: ele seria lançado para a perdição, mas Eva, salva pelo Senhor.

Desde então, desprovida de sua linda morada, lançada à terra amaldiçoada e não-cultivada e sujeita ao trabalho, à dor e à gradual decadência que terminaria em completa dissolução, a mulher deveria saber que sua falsa amiga era a causa de sua infelicidade e, então, passar a enfrentá-la como seu pior inimigo.

Por sua vez, o mero fato de a mulher não mais querer servir aos propósitos do anjo caído teria bastado para provocar-lhe a ira. Entretanto, Deus lhe deu, presentemente, um incentivo muito mais agudo para o ódio ao declarar que a descendência da mulher enganada deveria, por fim, destruir o enganador.

A inimizade não deveria ser confinado à serpente e à mulher, mas também estender-se à descendência de ambas. Quem, então, é a descendência da serpente? São aqueles que manifestam o espírito de orgulho independente pelo qual se deu a queda de seu pai, o diabo; são aqueles que não reconhecerão sua condição perdida e não se submeterão a ser salvos pelos méritos do Filho de Deus, mas eles mesmos farão o que deve ser feito ou negarão orgulhosamente a necessidade de fazer qualquer coisa e gritarão contra Deus – se é que crêem em Sua existência –, pois Ele não satisfaz rapidamente seus desejos sem qualquer referência à Sua lei infringida. Por isso, cegos e loucos pela arrogância, acreditam na mentira da serpente e, julgando-se deuses, não têm, por conseguinte, reverência por Deus e não hesitam a desafiar Sua vontade se sua própria inclinação os prontifica a fazê-lo. Esta é a descendência da serpente, distinguida pelo espírito que dá vigor ao seu pai e cabeça central e amaldiçoada a, por fim, compartilhar com ele do Lago de Fogo.

Não foi muito tempo depois que esta descendência apareceu na pessoa de Caim, “que”, como nos diz o apóstolo, “era do Maligno e assassinou a seu irmão” (1 Jo 3.12). Muito relevante é a observação que João acrescenta a esta declaração: “E por que o assassinou? Porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas.” Em outras palavras, o inimigo previsto foi a única causa do assassinato.

Quando estava na terra, nosso Senhor conseguiu reconhecer a descendência da serpente nos pecadores, cuja contradição Ele suportou. “Raça de víboras” (Mt 12.34), clama Jesus, usando uma frase que já havia saído dos lábios do Seu precursor, “como podeis falar coisas boas?” Com estas palavras, Jesus claramente designa os fariseus como uma geração “da antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo” (Ap 12.9). Entretanto, Ele exclama mais uma vez: “Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?” (Mt 23.33). Porquanto, em virtude de ser a descendência da serpente, deve compartilhar do mesmo destino.

Em ambas as passagens, a referência é óbvia, mas, se houvesse qualquer dúvida, ela poderia ser inteiramente dissipada por um terceiro discurso, no qual, deixando de lado toda metáfora, o Senhor diz com clareza: “Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos” (Jo 8.44).

Portanto, não há dificuldade, mas a importância da expressão “semente da mulher” não é de imediato aparente. Não é possível que seja toda a raça humana, como mostram as observações prévias. O gênero humano também não poderia ser chamado de descendência da mulher, mas do homem, e Deus está-se referindo exclusivamente à semente da mulher, pois foi ela quem primeiro pecou e causou o pecado do marido e a destruição do mundo. Logo, ela teve uma dupla punição, mas, para que a culpa não lhe pesasse sobremaneira, e ela não fosse engolida pelo sofrimento demasiado, a mulher foi nomeada, pela misericórdia de Deus, para ser a única agente humana a trazer o Libertador ao mundo.

Não é difícil descobrir este Libertador, pois apenas Cristo poderia, no sentido estritamente literal, ser chamado de a semente da mulher. Logo, temos um maravilhoso exemplo de consistência da Escritura. A partir dessa primeva profecia, proclamada quatro mil anos antes de seu cumprimento, encontramos a declaração de que o Senhor Jesus deveria nascer de uma virgem. Se os tradutores de língua inglesa tivessem percebido isso, poderiam ter evitado um equívoco, pois, na famosa predição de Isaías 7.14 e na citação do primeiro capítulo de Mateus 1.23, eles optaram pela tradução “uma virgem” em desacato ao original, que diz “a virgem” em ambas as passagens.² Eles não compreenderam o significado do artigo definido e, portanto, resolveram a dificuldade, omitindo-o da versão. Porém, é evidente que Isaías está-se referindo à sentença proclamada à serpente e menciona a virgem particular que deveria ser escolhida como instrumento da raça humana para o cumprimento do propósito divino.

² A versão em português utilizada traduziu corretamente ambas passagens. (N.E.)

Sendo assim, Cristo é a semente literal da mulher. No entanto, como todos aqueles que com determinação negam a verdade com pecado são a descendência da serpente, existe também a descendência que serve o Senhor (Sl 22.30), sendo considerada por Ele como uma geração e reconhecida como uma com Ele. Cristo e Sua Igreja são um: Ele é a cabeça, e ela é o corpo. Juntos, compõem o místico Cristo.

Por conseguinte, vemos a inimizade sobre a qual Deus falou na longa imagem de indiferença e amargo conflito entre a Igreja e o mundo. Pertencemos, por um lado, às alternâncias da perseguição maligna e à bajulação traidora e, por outro lado, à tolerância paciente e à transformação da maldição em bênção. Entretanto, a parte da Igreja não é completamente confinada ao sofrimento, mas também continuamente agressiva, pois os filhos da luz foram encontrados primeiro vagando dentre os habitantes das trevas. A ovelha perdida sempre está enganando-se no meio dos lobos e deve ser corajosamente procurada e tirada do perigo por aqueles que já foram resgatados de perigos semelhantes.

Mas não havia esperança. Será que a batalha dolorosa e sempre mutante deveria continuar para sempre? Não; deveria terminar e ser decidida depois de muitos anos por meio de um conflito mortal entre a semente da mulher e a da antiga serpente. Cristo deveria ferir a cabeça da serpente e aplicar um golpe fatal. Entretanto, a serpente antes feriria Seu calcanhar e causaria uma ferida, mas não mortal, em uma parte vital.

Temos, então, o germe de toda profecia relacionado aos dois adventos de Cristo. Na ferida do calcanhar, reconhecemos que a primeira vinda de Cristo a fim de sofrer pareceu ser uma derrota total para descobrir que Seu próprio povo não O receberia, suportar a contradição e os insultos da descendência da serpente, ser rejeitado pela Sua geração e, finalmente, perder Sua vida e passar por uma curta estação sob o domínio daquele que tinha o poder da morte. A ferida

na cabeça da serpente é, nas profecias posteriores, desenvolvida na segunda vinda de Cristo com poder e grande glória a fim de conduzir o falso rei do ar e da terra e lançá-lo amarrado no abismo. Além disso, ocorrerá a rebelião pós-milênio, gerando a destruição final de Satanás e de sua consignação para sempre no Lago de Fogo e Enxofre.

Visto que as palavras de Deus ditas à serpente prenunciam dois grandes acontecimentos, pode ser que tenham ocorrido quase simultaneamente. De fato, ao longo do Antigo Testamento, os adventos são geralmente tratados como se não houvesse intervalos entre eles. Os profetas israelitas os contemplam no futuro remoto, assim como poderíamos vislumbrar alguns cumes de montanhas longínquas, estando cada um deles mais distante do que o outro, que, à nossa primeira vista, parecem, de fato, estar bastante próximos uns dos outros, mas se revelam à medida que trilhamos a distância sempre crescente do vale que os separa.

Essa foi a maldição pronunciada para a serpente. Por isso, não podemos deixar de surpreender-nos e render graças pela grande misericórdia concedida aos ancestrais decaídos de nossa raça. Deus, na verdade, não poderia dar a Adão uma promessa direta acerca de quanto tempo o homem iria esperar – assim como um criminoso condenado – para receber a sentença. Portanto, Sua benignidade amorosa desenvolveu o plano do primeiro julgamento pronunciado sobre a serpente, o que implicava que os caídos não deveriam afundar sem esperança na mesma condição de quem os enganou, mas serem colocados em aguda oposição a ele até que, depois de uma luta dolorosa, a Semente da mulher conquistadora o ferisse sob os pés e fizesse tanto com que a morte – da qual eles fugiram, mas devem agora vencer – e o Hades – a morada horrível dos espíritos desnudos – morram para sempre (Ap 20.14).

Então, um brilhante raio de esperança surgiu em meio ao desespero, e eles foram fortalecidos ao ouvir seu próprio lamento.

Logo, tendo sentenciado o Tentador, o Senhor voltou-se, em seguida, à mulher, que foi quem primeiro cedeu à tentação, pois levou o pecado até o marido, sendo um com ele, e, em virtude de tê-lo induzido a transgredir, teve de sofrer uma maldição especial adicionada que afetou a raça humana inteira, o que é expresso nas palavras: “Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da *tua* gravidez” (Gn 3.16). Perceberemos a força dessas palavras se observarmos que Adão também é amaldiçoado ao sofrimento com a mesma palavra hebraica tendo sido usada em ambos os casos.

Finalmente, o Senhor decreta a punição do homem. Adão havia-se justificado, dizendo que Eva era a responsável por tê-lo tentado, e Deus começa, mostrando que esse fato aumentou a atrocidade de sua culpa. Se Eva tivesse pecado pela influência de seu marido, ela não teria alegado defesa, pois Deus a fizera sujeita ao homem. No entanto, Adão, cujo dever, como líder, era cuidar, reprimir, orientar e dominar sua mulher – por ter esquecido, em um determinado momento, suas responsabilidades a fim de seguir a sugestão pecaminosa dela, obedecendo à voz da mulher em vez de a voz de Deus, o que foi uma séria provocação ao seu delito. Portanto, o motivo da maldição é: “Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que Eu te ordenara não comesses” (Gn 3.17).

A sentença em si não é tão direta no caso do homem quanto no caso da serpente, mas atinge Adão pelas suas cercanias. A terra, seu domínio, é amaldiçoada, e, nesse fato, vemos uma refutação de todas as teorias concernentes ao mal inerente da matéria que figura tão proeminentemente na história antiga da Igreja nominal, e estão, hoje, sendo revividas pelas seitas dos assim chamados espiritualistas. O mal procedeu não da matéria para o espírito, mas do espírito para a matéria. Adão não foi amaldiçoado por causa da terra, que Deus declarara ser muito boa em si mesma, mas a terra foi amaldiçoada devido ao pecado de Adão, que, mais uma vez, originou-se do espírito do Maligno. Como castigo pela transgressão do homem, o solo

deveria ser, a partir de então, comparativamente estéril, ou seja, não deveria mais render abundância espontânea, mas o homem seria compelido a esforçar-se a fim de obter sustento da terra, com trabalho árduo e o suor do seu rosto, até mesmo para as necessidades limitadas da vida.

CARDOS E ABROLHOS

Esse não seria o fim do problema, uma vez que a terra deveria passar a produzir tanto do bem quanto do mal e, proliferando cardos³ e abrolhos⁴ ou espinhos, frustraria e prolongaria o labor dos agricultores. É provável que estas plantas nocivas existissem, embora em condições bastante diferentes, antes de a maldição ser pronunciada e, então, relacionando-se à esterilidade do solo ressecado, não foram mais capazes de chegar a ter um desenvolvimento e uma fertilidade apropriados, tornando-se, assim, o que são hoje em dia: abortos. As observações seguintes, feitas pelo professor Balfour, ilustrarão o que acabei de expor.

Ao contemplarmos o mundo vegetal do ponto de vista científico, podemos ver muitas evidências do grande plano com base no qual o Onisciente Criador parece ter formado essa parte de Suas obras. Ao mesmo tempo, existem muitos indícios do que podemos chamar, com reverência, de incompletude. Portanto, vemos que há, em todas as plantas, a tendência à acomodação das folhas e dos ramos em espiral, mas raramente vemos isso acontecer plenamente em consequência de numerosas interrupções para crescer e anormalidades no desenvolvimento. Quando os ramos são detidos no crescimento, com fre-

³ Planta considerada praga da lavoura, de flores amarelas, folhas com espinho, acinzentadas, e caule ereto, revestido de pêlos. (N.T.)

⁴ A palavra *abrolho* é usada comumente para designar diversas plantas rasteiras e espinhosas. (N.T.)

qüência surgem na forma de abrolhos ou espinhos, e, logo, os espinhos podem ser a indicação de uma imperfeição no ramo.

A maldição que foi pronunciada sobre a criação vegetal pode, portanto, ser vista na produção de espinhos no lugar dos ramos – espinhos que, enquanto desprovidos de folhas, são, ao mesmo tempo, a causa da ferida do homem. O fato de que estes espinhos são ramos abortivos é bem observado em casos nos quais desaparecem se cultivados. Nestes casos, são transformados em ramos. A maçã selvagem é uma planta espinhenta, mas, se cultivada, deixa de ser. Essas mudanças são resultados de um constante estado elevado de cultivo e podem mostrar-nos o que poderia ocorrer se a maldição fosse retirada.

Mais uma vez, os espinhos são prejudiciais em consequência do pápus e dos pêlos anexos ao fruto, o que o faz boiar em todas as direções e prejudica o trabalho do homem no que se refere às operações agrícolas. Agora, é interessante assinalar que este pápus se apresenta como um estado abortivo do cálice, que não se desenvolveu a partir de instâncias comuns, mas se transformou em pêlos. Aqui, então, vemos uma alteração no cálice que faz com que o espinho seja uma fonte de trabalho e problema para o homem. Poderíamos conceber o cálice de outra forma desenvolvido e, então, prevenir as consequências danosas, liberando os campos da presença de espinhos.

Logo, tenho-lhe afirmado com muita antecipação o que ocorreu, na minha imaginação, com a maldição dos cardos e abrolhos e me esforçado para mostrar que os espinhos e pêlos são abortivos, ou, trocando em miúdos,

partes imperfeitas das plantas. As partes não se desenvolvem com total perfeição como teria ocorrido no Éden e como ocorrerá quando a maldição for removida.

Sendo assim, os cardos e abrolhos são objetos adequados para fazerem o homem lembrar-se da maldição. Mantendo a origem dessas plantas, podemos ver um significado profundo naquela cena aterrorizante, na qual nosso Senhor sofreu, sendo coroado com espinhos para que até mesmo Seus inimigos O condenassem como Aquele que carregou a maldição, na cena em que Ele colocou em Sua testa ensangüentada aquilo que se relacionou à Sua existência e foi o sinal do pecado que veio expiar.

Por fim, o homem não deveria mais comer dos frutos do Paraíso, mas, a partir de então, encontrar o sustento para a sua vida passageira nas plantas do campo produtoras de alimentos até que ele próprio tornasse à terra da qual obteve sua alimentação, uma vez que o homem é pó e ao pó deve voltar.

Quão obscurecida terá sido a visão ímpia produzida por Satanás por essas últimas palavras de terror, palavras que tem submergido do profundo do coração do homem e se erguem à superfície quando ele se encontra na presença de Deus, ou quando se desanima, e suas esperanças perecem? Disse Abraão: “Eis que me atrevo a falar ao SENHOR, eu que sou pó e cinza” (Gn 18.27).

Por conseguinte, surgiram o costume de prostrar-se em terra e o hábito de espalhar o pó na cabeça, sem dúvida, no tempo de maior aflição, sendo sinal da quebra do orgulho e do reconhecimento humilde da verdade das palavras do Criador. Então, Jeremias diz a respeito do homem que carrega o jugo em sua juventude: “Ponha a boca no pó; talvez ainda haja esperança” (Lm 3.29). Com relação à verdadeira volta ao pó, Jó declara tristemente a respeito de sua esperança: “Ela descera até às portas da morte, quando jun-

tamente no pó teremos descanso” (17.16). Mais uma vez, entretanto, ele fala acerca do próspero e do miserável: “Juntamente jazem no pó, onde os vermes os cobrem” (21.26).

Todavia, se é para o pó que vamos na morte, é do pó que ressurgiremos na ressurreição. “Os vossos mortos”, é a proclamação fantástica de Isaías, “e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o Teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos” (26.19). Também Daniel nos diz que, na primeira ressurreição, “muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão” (12.2). Logo, até mesmo a terra é um lugar onde descansa a esperança para o povo de Deus.

Portanto, a sentença foi pronunciada. Para a serpente, o julgamento foi eterno, enquanto o homem e sua mulher foram amaldiçoados à degradação e à angústia, mas não para sempre. Deus parece ter-se despedido, a serpente, desaparecido, e Adão e Eva foram deixados sozinhos como aqueles que acabaram de acordar de um sonho de paz e se viram pressionados ou sobrepujados por algum tipo de medo ou sofrimento.

Tudo em volta deles, além dos limites do jardim pelo menos, estava mudando. A terra estava-se revirando sob o primeiro golpe da maldição, as flores, murchando, os frutos, apodrecendo. A abundância anterior da vegetação não poderia ser suportada pelo solo agora estéril e a atmosfera enfraquecida. As criaturas viventes que passavam não mais homenageavam seu senhor, mas tinham, em seus olhos, o olhar selvagem da crueldade principiante. Além disso, até o sol – conforme podemos inferir, talvez, de uma passagem anteriormente citada de Isaías (30.26) – parece ter perdido seis sétimos de sua luz, ou seja, embora seus raios ainda sejam tão brilhantes como nunca para nós, o casal distraído deve ter sentido que a sombra da morte havia caído sobre o mundo doente.

As trevas, literais e espirituais, de que as Escrituras falam com freqüência, haviam aparecido – a estação horrível durante a qual os principados e poderes do mal dominam o mundo; aquela grande escuridão é apenas iluminada por alguns poucos detentores de luz colocados aqui e ali na obscuridade, o espírito dos quais tem sido aceso pelo Espírito Santo, para que se tornem lâmpadas do Senhor. Aquela noite de negrura e horror durante a qual o choro deve durar até que a alegria volte pela manhã; aquela noite com relação a qual Paulo animou seus contemporâneos com a garantia de que já estava acabada, os quatro mil anos que já tinham transcorrido sendo a maior parte de todo tempo; aquela noite, cujo amanhecer os servos sábios e fiéis estão agora observando ardentemente, com expectativa, a aparição do Senhor como a Estrela brilhante da manhã antes que Ele surja com toda a Sua glória como o Sol da justiça e restaure a luz e a vida à terra anuviada e tomada pela morte.

Desnorteados com essas novas sensações, os decaídos permaneceram, talvez por pouco tempo, calados, no torpor do profundo e devastador sofrimento. Porém, depois de um longo período de tempo, a luz da fé começou a infiltrar-se no semblante suave de Adão. Ele havia-se apropriado da promessa implícita, percebido a misericórdia de Deus unida com Seu juízo, enxergado uma ponta de luz em meio às trevas e sentido que ainda havia esperança para seu fim.

Dessa forma, assumindo novamente a função de nomear, a qual Deus lhe havia concedido, ele chamou a sua mulher Eva, isto é, Vida, porquanto, sem contestação ou dúvida, ele francamente tomou Deus para seu mundo e creu que, pela semente prometida da mulher, ele e sua posteridade deveriam ser libertos da morte, a qual se tornaram devedores, e viver para sempre. Portanto, se qualquer sentimento de estranhamento tivesse surgido entre o homem e sua mulher, ele tinha sido removido agora; e sendo levados pelos maravilhosos caminhos do grande Pacificador, mais uma vez unidos em coração, eles estavam mais bem preparados para enfrentar os problemas que viriam.

Adão tinha professado uma simples verdade na promessa de Deus, embora tivesse tão-somente uma turva apreensão de seu significado, e encontramos imediatamente o Senhor voltando aos enlutados e recompensando sua fé com mais misericórdia e conhecimento. Ele levou suas roupas de folhas de figo e os vestiu com casacos de pele. O mais significativo foi a atitude, pois, por ela, Ele testemunhou que a vergonha de ambos não era infundada, que havia necessidade de uma roupa, mas que o melhor que os pecadores conseguiram fazer por conta própria de nada valeu. Eles ainda não estavam familiarizados com a corrupção e a decadência e não sabiam que as folhas de figo feneceriam rapidamente e cairiam – um símbolo apropriado de cada artifício que o homem sempre inventou a fim de cobrir sua vergonha e estar adequado para a presença de seu Criador. Além disso, eles deviam aprender que é possível ser redimido apenas pela vida, e que, se o pecador não morrer, deve haver um Substituto, e que o Altíssimo é santidade, justiça e amor e não pode limpar o culpado de jeito nenhum.

Agora, o sacrifício, como uma expiação, deve ter sido ordenado pelo próprio Deus. O homem jamais poderia ter imaginado tal coisa, ou ousado, em sua adoração, a tirar a vida de nenhuma das criaturas de Deus a menos que fosse comandado a fazê-lo. Provavelmente, foi no tempo mais apropriado que o Senhor instituiu o ritual como um tipo do grande sacrifício vindouro. Ele matou as vítimas, e, à medida que derramava seu sangue vital, Adão e Eva, pela primeira vez, contemplaram a morte com olhos aterrorizados. Depois, Ele lhes mostrou como deitar as carcaças sobre o altar, que poderiam ser uma oferta queimada para o Senhor. Enfim, Ele tomou as peles dos animais mortos e fez delas vestes com as quais vestiu o temeroso casal.

Assim, o Evangelho foi pregado desde o princípio. O Cordeiro de Deus, morto desde a fundação do mundo, foi revelado logo que o pecado fez com que Sua morte fosse necessária. As vestes de Sua justiça, que podem ser usadas por qualquer pecador pelo qual Ele

morreu, foram mostradas como a única vestimenta que cobrirá a vergonha do homem decaído com eficácia. Ao comparar a promessa da Semente da mulher e a ferida de Seu calcanhar com o sacrifício morto e as vestes feitas com as peles das vítimas, Adão pode ter sido rapidamente capaz de discernir o esboço do grande plano da salvação.

Contudo, era necessária uma precaução. O homem tinha obtido o conhecimento do bem e do mal sem o poder de resistir ao mal. Por isso, ele não deve permanecer mais no lindo jardim, para que não levante a mão, tome da árvore da vida e, assim, torne seu estado de pecado eterno, pois ser imortal, em sua condição decaída, seria a maior de todas as calamidades; continuar em pecado para sempre seria nada mais do que a segunda morte. Era apenas passando pela primeira morte que o homem poderia ser restaurado à inocência imaculada mais uma vez.

Logo, depois de outra consulta solene à Trindade Abençoada, o casal pesaroso (mas não desesperançoso mais), foi expulso do jardim da beleza e levado ao mundo frio a fim de procurar outra moradia. Com o coração contrito, eles abriram seu caminho dentre as pirâmides elevadas de verde, brilhantes com fruto vermelho ou espalhado com densa florescência, pelo labirinto luminoso de flores e frescor até passarem pelo grande portal, que imediatamente se fechou atrás deles.

Eles permaneceram em pé, exilados do lar, sob um clima comparativamente frio, olhando para a vegetação, que, para eles, deve ter parecido reduzida e deformada, não mais esperando o alimento diretamente da mão generosa de Deus, mas amaldiçoados a trabalhar pelo sustento com fadiga e suor. Não havia também qualquer esperança de libertação até que rendessem seu espírito a Ele, que lhes deu, e deixassem sua estrutura moral imóvel e sem vida, mesmo como vítimas mortas cujas carcaças eles haviam observado recentemente com pavor e tremor.

Agora, o Jardim do Éden desaparece de vista e é raramente mencionado de novo até chegarmos ao último dos livros de revelação. Porém, em Apocalipse, ele aparece diante de nós mais uma vez com sua beleza original, e vemos os filhos de Adão caminhando às margens do rio cristalino e não sendo mais excluídos da árvore da vida.

A maneira como essa feliz restauração será efetuada é o assunto de toda a Bíblia, que trata – conforme o significativo fato que acabei de mencionar indica – das maneiras pelas quais Deus conduz os homens ao redor do doloroso círculo do Paraíso perdido para o Paraíso recuperado.

Capítulo 7

A Era da Liberdade

Portanto, a primeira dispensação acabou em fracasso, restando, como resultado, a triste prova de que o homem é um ser muito fraco para guardar sua inocência até mesmo nas circunstâncias mais favoráveis. Agora, resta ser visto se, após a experiência da queda e do gosto amargo das conseqüências do pecado, ele poderia recuperar sua posição e tornar-se, mais uma vez, obediente e santo. A respeito disso, Deus fez julgamento de diversas maneiras.

Primeiramente, no que podemos denominar a era da liberdade, durante a qual Ele deixou Adão e seus descendentes quase inteiramente aos seus próprios caprichos. O casamento, de fato, havia sido instituído [e o sétimo dia estabelecido para o descanso], e eles foram instruídos a aproximarem-se de Deus por meio dos sacrifícios típicos e ordenados a trabalhar duro pelo pão de cada dia, cultivando a terra. Entretanto, além disso, Deus não editaria leis ou forçaria os homens a criá-las. A espada do magistrado não poderia ser usada para reprimir o crime ainda que o assassino fosse deixado impune, como podemos ver no caso de Caim. Não era permitido nenhum

governo, mas todo homem deveria trilhar seu próprio caminho e fazer o que considerava correto.

Logo, a adaptação do homem à condição de extrema liberdade e o valor da confiança na justiça inata, que deveria estar fundamentado no coração humano, já foram testados pelo grande Criador. Os filósofos modernos encorajam a repetição do experimento, mas a história dos tempos antigos prova a falácia do ponto de vista filosófico, pois a maldade do homem se tornou maior. Toda carne corrompeu seu caminho na terra, e a terra encheu-se de violência. "Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do homem" (Lc 17.26).

Por conseguinte, uma consideração da segunda era deve ser peculiarmente interessante para nós, pois nos ajudará a compreender os tempos em que vivemos e, pela trajetória dos acontecimentos anteriores ao Dilúvio, dar-nos uma idéia do que pode ser esperado na dispensação presente, as cenas concluídas do que parece já estar projetando suas sombras negras.

Depois da expulsão de Adão do Paraíso, Deus não parece ter removido o belo jardim, mas seus portais foram inexoravelmente fechados, e, no lado oriental, foram colocados os querubins e a espada flamejante que se movia continuamente e guardava todo acesso à árvore da vida. Por isso, parecemos encontrar aqui também os rudimentos de um tabernáculo, assim como os encontramos no Éden de Satanás. A árvore da vida, com os querubins debaixo dela, e o *Shekiná*,¹ ou glória

¹ *Shekiná* é a palavra hebraica para designar a habitação ou presença de Deus e, na mente judaica, originou-se do fato de Deus ter "habitado" ou "descansado" em meio ao Seu povo. De acordo com a tradição judia, o esplendor do *Shekiná* (da glória divina) ainda se manifesta nos piedosos e íntegros. Também se diz que o *Shekiná* habita nos puros, benevolentes, hospitaleiros e no casal de marido e esposa que vive em paz e harmonia. Os escritos do Talmude, que apresentam a doutrina e as jurisdições da lei mosaica, concebiam o *Shekiná* como uma essência espiritual de beleza indescritível e de grande resplendor. Geralmente, era denominado como uma luz brilhante ou um esplendor e, quando se aproximava, era anunciado por um tilintar como um sino etéreo. Uma lenda judaica descrevia Moisés agonizante até ser envolvido com afeto pelas "asas" do *Shekiná*. É dito que "Onde quer que o povo judeu vá, o *Shekiná* o segue". (N.T.)

ao redor dela, são o Santo dos Santos, o Paraíso do Santo Lugar e o Éden, distrito no qual o jardim foi plantado, o Átrio do Tabernáculo.

Tanto no Paraíso quanto no Tabernáculo, podemos, talvez, discernir um esboço de nosso caminho até Deus, pois, assim como foi o distrito do Éden para Adão, assim nos é esta terra, a qual foi, uma vez, como o Éden, um reino de deleite, mas, hoje, está contaminada pela maldição do pecado. O decaído Adão orou e ofereceu sacrifícios diante dos portais fechados do Paraíso à vista da árvore da vida – é o que fazemos com os olhos da fé diante do trono da graça, além dos limites deste mundo presente, e, lançando-nos diante dele, clamamos pelo sacrifício de Cristo uma vez oferecido.

Todavia, na morte, o Paraíso de Deus nos será aberto, porquanto a palavra “paraíso” é usada, no Novo Testamento, para designar o lugar onde permaneceremos durante o estado intermediário. “Em verdade te digo que hoje estarás Comigo no paraíso”² (Lc 23.43), disse Jesus ao ladrão moribundo.

A palavra “paraíso” é de origem persa e tinha um significado bem definido, o qual o Salvador certamente pretendeu sugerir quando a utilizou. Os reis e nobres persas eram acostumados a cercar seus palácios com reservas ecológicas de grande magnitude, plantados com belas árvores e arbustos e repletos de animais selvagens e domésticos. Alguns supõem que estes parques sejam reminiscências da tradição do Éden, mas, de qualquer forma, são lugares que acabaram sendo chamados de paraísos. Por isso, ao adotar a palavra, Cristo parece indicar que, na morte, passamos, de acordo com a situação, para um jardim fantástico que cerca a casa do Pai, mas não faz parte da própria casa.

² [Para uma discussão a respeito desta palavra e do estado intermediário, consulte meu livro *Firstfruits and Harvest* (Primícias e Colheita).] (Este livro será publicado em breve por esta Editora. (N.E.))

Porquanto Ele declarou aos discípulos que estava indo a fim de preparar morada para eles naquele lugar glorioso e voltaria em breve para buscá-los (Jo 14.2, 3) – volta, conforme anunciaram subsequente-mente os anjos, à maneira como foi elevado às alturas (At 1.2), presente no corpo físico. Na morte, portanto, deveremos adentrar o jardim, mas apenas na volta de Cristo e na ressurreição poderemos obter acesso à árvore da vida, que está no meio do Paraíso de Deus (Ap 2.7) e que parece corresponder ao verdadeiro lugar onde está o Paraíso.

Por isso, também o Átrio do Tabernáculo parece representar este mundo atual, em cujo átrio devemos apresentar nossas oferendas, acreditando, com gratidão, no sacrifício de Cristo, e seremos purificados e santificados pela lavagem de água pela palavra (Ef 5.26).

Então, usando as vestes brancas da justiça de Cristo, deveremos, no estado intermediário, entrar no Santo Lugar, onde os instrumentos do nosso serviço não mais serão de simples metais – que são continuamente assunto para o mofo do pecado –, mas apenas de ouro puro.

Por fim, na ressurreição, deveremos ser admitidos no Santo dos Santos, o local onde habita a glória de Deus, e nas mansões preparadas para nós na casa do Pai.

Acerca dos querubins, devemos falar o mais sucintamente possível, mas o assunto é muito importante, uma vez que esses seres gloriosos parecem estar intimamente ligados à redenção da criação. Ao mencioná-los pela primeira vez, o original hebraico, todavia, os intitula de “os querubins”, de que podemos inferir que a forma deles era familiar aos israelitas do tempo de Moisés e, logo, são os mesmos representados no Tabernáculo. Na realidade, as palavras pelas quais foram introduzidos, se traduzidas literalmente, são: “E colocou querubins no tabernáculo, ao oriente do jardim do Éden.” A narrativa mais detalhada da aparição desses seres é a contida no primeiro capítulo de Ezequiel, que agora examinaremos.

O profeta nos diz que se encontrava dentre os hebreus exilados, na orla do rio Quebar, quando os céus foram-lhe abertos, e teve visões de Deus. Ele viu uma tempestade vindo do norte, uma grande nuvem contendo fogo que se revolia dentro dela e resplendor ao redor dela. No meio do fogo, havia, como é narrado, o brilho do metal polido, e, quando contemplou este resplendor, com os incríveis objetos próximos a ele, aproximou-se dele e começou a distinguir formas gloriosas. Havia quatro criaturas viventes, e cada uma delas permanecia ao lado de uma roda incrivelmente alta. Estendido por sobre a cabeça desses seres impressionantes, havia algo semelhante ao firmamento, da cor do cristal que metia medo. Acima do firmamento, havia um trono de safira, e, sobre o trono, uma figura semelhante a um homem radiante com glória celestial e cercado pela aparição do arco-íris. Era a carruagem do Senhor; era Jeová unido aos querubins trazendo o juízo.

Cada querubim tinha a forma de um homem, isto é, revelava o corpo e a posição ereta do homem. Porém, cada um tinha quatro rostos: o primeiro rosto era de homem, o segundo, de leão, o terceiro, de boi e o quarto, de águia. O leão, o boi e a águia são representantes dos animais do campo, do gado e das aves do ar respectivamente. Por conseguinte, a partir desta visão, surgiu o ditado judaico: “Quatro criaturas são as mais elevadas da criação: o leão, entre os animais, o boi, entre o gado, a águia entre as aves, e o homem acima de todos estes, mas Deus é o maior de todos.”

No templo de Ezequiel (Ez 41.18-20), os querubins estão associados às palmeiras e, no de Salomão (1 Rs 6.29), a palmeiras e flores. A palmeira era considerada a rainha das árvores. Humboldt a denomina de “a mais nobre das plantas, para a qual as nações sempre determinam o prêmio da beleza”. A flor é a glória da erva do campo.

Portanto, os querubins e os acessórios com os quais são circundados parecem ter sido feitos das formas mais elevadas dos rei-

nos animal e vegetal e parecem ser representantes da criatura vivente em sua perfeição, obediência e união com o Criador.

Cada querubim também tinha quatro lados e, aparentemente, seis asas, embora apenas quatro sejam mencionadas no princípio (Ez 1.6). A Bíblia nos diz que duas das asas se estendiam, unindo-se às asas do outro lado, enquanto com outro par, os querubins cobriam o corpo como forma de reverência. Contudo, torna-se rapidamente evidente que, no início da descrição, Ezequiel fala apenas acerca da aparência dos querubins de um ponto de vista, porquanto, um pouco depois, diz-nos que “cada um tinha outras duas asas com que cobria o corpo de um e de outro lado” (v. 23). Debaixo das asas, havia mãos de homem, e os pés eram direitos, brilhando como a cor do bronze polido, e as plantas dos pés eram semelhantes às plantas das patas de um bezerro. Por fim, o corpo todo, as costas, mãos e asas, assim como as rodas ao lado das quais permaneciam, eram repletos de olhos, o que indica, talvez, a intensa vigilância e a inteligência.

Cada uma das rodas era, pelo que se conta, uma roda dentro de outra roda, isto é, cada roda passava transversalmente pelo centro da outra, para que a carruagem pudesse mover-se em direção das quatro faces sem girar. Com relação à aparência, as rodas eram da cor do berilo, ou melhor, da crisólita [esverdeada]; os anéis, ou cambotas, eram cheios de olhos, e o espírito de vida, ou, talvez, da criatura vivente, estivesse nelas. Para onde o Espírito de Deus queria ir, para lá a carruagem dos querubins se apressava e voltava como o brilho do relâmpago.

Uma vez que os querubins parecem ser símbolos de criaturas viventes, não é improvável que as rodas representem as forças da natureza: “Fogo e saraiva, neve e vapor e ventos procelosos que Lhe executam a palavra” (Sl 148.8).

Assim eram os querubins vistos por Ezequiel. Embora haja algumas diferenças de detalhes³ – relacionadas, provavelmente, a diferenças de circunstâncias –, não pode haver dúvida de que eles são idênticos aos seres vivos que João contemplou aos pés do trono (Ap 4.6). A palavra empregada em Apocalipse é uma tradução literal da expressão “ser vivo” que aparece em Ezequiel, sendo, na verdade, a palavra exata pela qual o hebraico é traduzido nessa passagem da Septuaginta. Mas, infelizmente, na nossa versão do Novo Testamento, ela é traduzida como “ser vivente”, o que simplesmente indica um ser vivo. Trata-se de um termo bastante diferente do utilizado para as bestas de dez chifres e a de dois chifres dos capítulos finais.

Mais uma vez, os serafins de seis asas de Isaías (6.2) parecem ser também iguais aos querubins, porquanto o número de asas que possuem corresponde, e eles adotam a mesma posição em glória; simplesmente abaixo do trono. Além disso, o clamor que fazem (“Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos”) é similar ao dos seres vivos vistos por João.

A palavra serafins parece significar “os que queimam”, e, talvez, os querubins assim fossem chamados em virtude do ardor de sua adoração. Ou pode ser que a mudança de nome indique uma função diferente, pois os querubins eram representados tomando brasas de fogo para a execução da ira do Senhor (Ez 10.7), enquanto um serafim traz uma brasa viva do altar e, ao tocá-la nos lábios de Isaías, purifica-o de sua iniquidade e de seu pecado (Is 6.6, 7). Portanto, é possível que o primeiro nome seja usado quando o Senhor aparece como fogo consumidor, e o último, quando a glória divina age como chama purificadora.

³ Em Ezequiel, por exemplo, cada querubim tem quatro rostos, o que não é o caso em Apocalipse. O motivo da diferença parece ser que, na passagem anterior, na qual os querubins estão servindo na carruagem do Senhor, seus quatro rostos e lados correspondem à roda atravessando transversalmente o centro da outra e permite que eles se movam na direção sem a necessidade de voltar. No entanto, em Apocalipse, eles estão diante do Trono, e não é requerido o movimento.

É evidente que os querubins não são anjos, pois, se fossem, a relação que teriam com os reinos animal e vegetal não teria paralelos na Escritura.

Além do mais, eles são diferenciados dos anjos em duas passagens de Apocalipse. Na primeira, lemos acerca de “muitos anjos” e, na segunda, de “todos os anjos” ao redor do trono, e acerca dos seres viventes e dos anciãos (5.11; 7.11). Sempre, então, que eles aparecem na Escritura Sagrada, seja no Jardim do Éden, na Arca da Aliança ou diante do Trono, devemos lembrar que mantêm suas formas peculiares.

Não estavam eles, segundo pensa a concepção popular, segurando a espada ardente que proibia a aproximação da Árvore da Vida. O hebraico afirma expressamente que a espada se revolia, ou seja, era uma chama giratória correspondente à glória que aparecia acima dos querubins no Tabernáculo.

No número de querubins, podemos, talvez, discernir outra evidência da conexão que eles têm com a terra, uma vez que o quatro é, na Escritura e sobretudo em Apocalipse, o número da criação terrestre. Logo, dentre outros exemplos, lemos a respeito dos “quatro cantos da terra” e dos “quatro ventos da terra” (Ap 20.8; 7.1). Novamente, os seres criados são descritos como “toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar” (5.13). A raça humana é contada com “toda tribo, língua, povo e nação” (v. 9), e existem “quatro maus juízos” para a criação – “a espada, a fome, as bestas-feras e a peste” (Ez 14.21). Assim sendo, os destinados a governar a terra foram conduzidos, quando caminhavam pelo deserto, a levantar suas tendas em quatro acampamentos, voltados em direção aos quatro pontos cardeais (Nm 2). Enfim, as visões de Daniel revelam quatro impérios mundiais, e a interrupção de seu número pelo quinto altera a dispensação e causa o clamor alegre de ir adiante; “o reino do mundo deve tornar-se o reino do nosso Deus e de Seu Cristo” (Ap 11.15).

Passando, então, por estas considerações preliminares, prosseguiremos rumo a investigar a importância real dos querubins. A sugestão para isso parece fundamentar-se nos termos do pacto feito entre Deus e Noé.

Já vimos que, durante os Seis Dias, Deus criou seis tribos de criaturas viventes para habitarem a terra – os peixes, as aves dos céus, os animais domésticos, os seres que rastejam, os animais selváticos e o homem. Dentre estes, os primeiros cinco foram colocados sob o domínio humano, mas três deles foram, subseqüentemente, diferenciados dos demais em duas ocasiões memoráveis.

Quando Deus levou as criaturas viventes ao pai de nossa raça, Adão “deu nome a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos” (Gn 2.20), mas ele não recebe a mesma orientação quanto aos peixes e às criaturas rastejantes.

De novo, há uma omissão semelhante na aliança entre Deus e Noé, que é expressa nos seguintes termos: “Eis que estabeleço a Minha aliança convosco, e com a vossa descendência, e com todos os seres viventes que estão convosco: assim as aves, os animais domésticos, e os animais selváticos” (9.9, 10).

Agora, se observarmos que as quatro tribos especialmente incluídas na aliança – o homem, as aves, os animais domésticos e os animais selváticos – também são os indicados pelas formas dos querubins, deveremos perceber de pronto o significado do último. Eles se colocam diante de Deus como representantes das quatro grandes tribos da terra com as quais Ele fez a aliança de que nunca mais os destruirá totalmente da face da terra.

O caráter que os representa parece ser ainda mais falado pelo nome hebraico *Kerubim*, a derivação óbvia da qual é obtida pela separação de *Ka-robim*, isto é, “como os muitos”.

A conexão que têm com a aliança de Noé pareceria ser demonstrada pelo fato adicional de que, em duas de três passagens subsequentes, nas quais suas formas são minuciosamente descritas, o grande sinal desta aliança (o arco-íris) é visto ao redor deles (Ez 1.28; Ap 4.3). Na terceira passagem, a do décimo capítulo de Ezequiel, não é, na verdade, mencionado. Contudo, sua presença está implicada já que o profeta observa que a glória do Deus de Israel apareceu nessa ocasião assim como a que ele vira previamente no vale (Ez 8.4).

É difícil conjecturar o que quer dizer a omissão dos dois grupos ou, pelo menos, de qualquer menção especial a eles nas listas daqueles que foram indicados a ser nomeados por Adão e incluídos na aliança com Noé e o motivo pelo qual não estão representadas no simbolismo dos querubins. Se nos lembrarmos também de que o pecado entrou no mundo por intermédio da serpente, e que, na terra renovada, não haverá mais mar, poderemos inferir que as tribos das criaturas rastejantes e dos peixes desaparecerão no fim das contas. Por outro lado, é possível que sejam incluídas nas formas superiores de vida. Seja como for, isso não interfere no fato de que os querubins representam todas as criaturas com as quais Deus está comprometido a salvar.

Todavia, se o grande Criador estabeleceu a aliança de nunca destruir os quatro grupos de seres da terra, também há uma necessidade muito mais envolvida nessa promessa. Outras passagens, ao abrirem as cortinas do futuro, revelam a alegre verdade de que os tempos de refrigério e restituição estão-se aproximando, quando a terra será liberta da maldição, e seus habitantes, mais uma vez, serão restaurados à inocência e à paz. Portanto, já que os quatro grupos devem ser preservados ao longo desta era gloriosa, devemos também participar de suas condições, ou, em outras palavras, sermos redimidos da consequência do pecado.

Esse destino é certamente indicado pela posição na qual encontramos os querubins na Arca, pois cada um deles mostra as qua-

tro cabeças descritas por Ezequiel,⁴ aparecem em grande proximidade da terrível *Shekiná* ao passo que a lei violada abaixo deles é coberta pelo trono de misericórdia dourado sobre o qual descansam em segurança. Logo, eles transmitem, como símbolos fantásticos, a redenção e a reconciliação do homem com o animal por intermédio dos méritos e da morte do Senhor Jesus.

Contudo, uma característica importante deste símbolo nos mostra como exclusivamente sua profética satisfação está voltada para o futuro, para as grandes modificações de uma dispensação vindoura. Os querubins permanecem na presença imediata do Altíssimo, mas dois dos seres viventes representados pelas cabeças são impuros. No entanto, Deus deverá purificá-los presentemente, e eles não serão mais comuns ou impuros. Eles são também criaturas de rapina, mas, quando a era do descanso vier, “o leão comerá palha como o boi” (Is 11.7), e a águia deixará de pegar a presa distante, e não se ouvirá mais dizer a seu respeito que “onde há mortos, ela aí está” (Jó 39.29, 30). Para citar as palavras inflamadas do apóstolo, “a própria criação”, que hoje está gemendo e sentindo dores de parto, “será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8.21).

Portanto, os querubins permanecem diante do Senhor devido a um propósito similar ao do Livro das Memórias, sobre o qual fala Malaquias, como lembranças das tribos da terra que Ele prometeu salvar. O ministério especial destas tribos parece ser o de estar na presença do Senhor, ou seja, enquanto Ele se dedica a governar o mundo, elas agem como Seu executivo elevado, chamando à exis-

⁴ Quase não é necessário assinalar que não existe autoridade qualquer para as imagens convencionais da Arca na qual os querubins aparecem como anjos. Não temos o direito de representá-los de quaisquer formas exceto as que lhes são atribuídas na Escritura Sagrada. Uma vez que as quatro cabeças são evidentemente necessárias para o simbolismo, enquanto só havia dois querubins na Arca, não devemos, neste caso, extrair nosso modelo ou padrão da descrição dada em Apocalipse, mas devemos compreender que cada querubim tem quatro cabeças conforme a visão de Ezequiel. [As variações na descrição não indicam que as descrições são apenas simbólicas, demonstrando as funções e relações dos querubins e não de sua verdadeira aparência?]

tência os poderes que infligem julgamentos e fornecendo anjos com a tarefa de cumprir a Sua vontade.

Logo, na abertura sucessiva dos primeiros quatro selos, cada um dos seres vivos clama por sua vez: "Vem!", e, instantaneamente, os cavalos e seus cavaleiros aparecem (Ap 6.1-8). Certa versão diz: "Vem e vê!", embora o grito seja dirigido a João. Porém, hoje se admite geralmente que as palavras "e vê" são uma glosa que destrói completamente o sentido. Mais uma vez, na visão de Ezequiel da partida da glória do templo, um dos querubins dá ao homem vestido de linho brasas de fogo para jogar sobre Jerusalém (10.6, 7). Por fim, é um dos seres vivos que traz, aos sete anjos, sete taças de ouro, cheias da cólera de Deus (Ap 15.7).

Agora, será visto que a aparência dos querubins no Paraíso foi uma profecia gloriosa de esperança para o banido Adão, pois lhe dizia que, ainda que a coroa tivesse caído de sua cabeça, e ele e toda a criação estivessem sujeitos à decadência e à corrupção, viria o tempo em que ele deveria ter acesso novamente à Árvore da Vida, aproximar-se de Deus e ser reintegrado em sua soberania pelo mundo, o que também deveria trazer de volta sua beleza e perfeição originais. Por isso, a misericórdia de Deus o sustenta em seus problemas atuais através de vislumbres da restauração futura.

Entretanto, embora os emblemas de esperança sempre tenham estado diante dele, havia também uma espada de fogo que se revolia, girando interminavelmente com lampejos de luz a fim de guardar a árvore da imortalidade, um círculo ardente que o mantinha afastado de seu Deus e da vida, porquanto Jeová é um fogo consumidor para aqueles que estão em pecado. Ele habita na luz inacessível, da qual nenhum homem decaído pode aproximar-se (1 Tm 6.16).

Que a espada foi relacionada ao *Shekiná* podemos ver a partir de sua reprodução, o próprio fogo circundante, na visão que Ezequiel

teve da glória. Seu poder destrutivo foi demonstrado na ocasião em que o tabernáculo é consagrado, quando saiu fogo e consumiu o holocausto do altar (Lv 9.24) e quando sua chama brilhante atingiu Nadabe e Abiú, que morreram diante do Senhor (10.2).

De agora em diante, toda a atenção do homem deveria estar concentrada nos meios providenciados por Deus para a remoção da barreira flamejante, para que ele pudesse, depois de um longo tempo, obter de volta sua posição natural e descansar.

Então, Adão começou seu trabalho de cultivar a terra, labor este que, exigindo a necessidade de implementos e experiência, deve ter sido sem dúvida angustiante. Porém, depois de um tempo, o primeiro bebê veio ao mundo, e podemos imaginar a alegria de Eva ao pensar que a promessa estava, então, realizada, visto que a Semente libertadora aparecera. Em grande exultação, ela o chamou de Caim – que significa “aquisição” ou “possessão” –, exclamando: “Adquiri um varão com o auxílio do SENHOR!” (Gn 4.1). A gramática desta sentença admite a seguinte tradução: “Adquiri um varão: o SENHOR!”, mas, para dizer o mínimo, é incerto se isto poderia ser o que Eva pretendeu dizer, porquanto não temos notificação de que o grande mistério celeste – que é Deus manifesto em carne – já tivesse sido revelado. Entretanto, Eva acreditava que a promessa, conforme compreendia, tinha sido cumprida. Ela pensava que havia adquirido o Libertador e chamaria seu filho de posseção do que foi prometido.

Ah! Quão pouco sabia ela acerca das amargas decepções, da infeliz sucessão de esperanças adiadas, que teve, a partir de então, de ser o destino dela própria e de todos os seus descendentes, pois Eva não se equivocou simplesmente ao supor que Caim fosse o Libertador, mas o filho que amava e de quem esperava tantas coisas era, na verdade, a primeira semente hostil da serpente, o primeiro elo da cadeia que não terminaria em Cristo, mas no anticristo. Mas na época do nascimento de seu segundo filho, ela parece ter tido a

apreensão desta verdade. Sua alegria deu lugar à depressão, e ela chamou o seu nome Abel, que é “um sopro”, ou “aquele que passa como um sopro”, assim mostrando ter consciência da rápida mortalidade de sua descendência, e o fim de todas as suas esperanças.

DESCENDÊNCIA DE ADÃO

Todavia, visto que o nascimento de Sete deve ter seguido rapidamente a morte de Abel, e a Bíblia nos diz que Sete nasceu quando Adão tinha 130 anos (Gn 5.3), houve, provavelmente, um espaço de uns 129 anos entre o nascimento de Caim e a morte de Abel. Durante este tempo, não há dúvida de que Adão teve muitos outros filhos e filhas, e Caim e Abel parecem ter sido levados a casarem-se com suas irmãs. Esses casamentos não poderiam ser evitados no princípio da história humana já que toda a raça teve de unir-se em descendência de um único casal, e deve ser lembrado que os filhos de Adão não eram uma mera família, mas toda a família humana. Contudo, assim que esta prática se tornou desnecessária, essas conexões foram objetadas e, posteriormente, proibidas com rigor (Lv 18.9).

À medida que se tornavam adultos, os irmãos passaram a adotar diferentes objetivos. Caim tornou-se agricultor e, portanto, tinha razão de sentir toda a amargura da maldição, mas Abel foi pastor de ovelhas. Visto que os homens não tinham a permissão, naquela época, de tocar no alimento animal, estas ovelhas devem ter sido guardadas para propósitos sacrificiais e para a confecção de vestimentas. Por conseguinte, Caim auxiliava na produção de alimento para a família primeva, enquanto as tarefas de Abel se relacionavam com seus serviços religiosos e sua forma de vestir-se.

No decorrer do tempo, cada um dos irmãos levou uma oferta ao Senhor, apresentando-a, provavelmente, no portal do Paraíso, e Deus agradou-se de Abel e de sua oferta, mas não de Caim e de sua oferta.

O motivo dessa diferença enche-nos do mais profundo interesse, pois existem muitos, nesses últimos dias, que, de acordo com a profecia de Judas (Jd 11), prosseguem pelo caminho de Caim. A teologia do primeiro homicídio é a de uma escola vasta e continuamente crescente dos nossos dias. Caim não negou a existência de Deus nem se recusou a adorá-Lo, mas O reconheceu como o Doador de todas as boas coisas e levou-Lhe uma oferta dos frutos da terra como reconhecimento de Sua generosidade. Porém, ele não foi além disso. Assim, embora possa ter passado, para as pessoas com as quais habitou, a imagem de um homem bondoso e religioso, não conseguiu satisfazer a Deus, pois, estando ainda em pecado, ousou aproximar-se do Santo sem derramar sangue. Ele estava disposto a tomar a posição de criatura dependente, mas não se confessaria pecador culpado de morte, que poderia ser salvo apenas pelo sacrifício de um Substituto.

Caim representa o tipo de muitas pessoas dos tempos atuais que cantam, em segunda voz, a benevolência e o amor do Criador, que estão sempre prontas para enaltecê-Lo por Seus atributos e reivindicam o benefício que lhes pertence sem qualquer referência à própria condição indigna e pecaminosa que possuem, sem pensar na perfeita santidade e justiça que provêm, como muitos elementos, da mente de Deus – assim como o próprio amor. Contudo, o Altíssimo não aceitou o sacrifício de Caim, pois ninguém pode chegar a adorá-Lo se não for pelo derramamento de sangue, ainda que seja o sangue do cordeiro que Ele proveu. A oferta do pecado deve vir primeiro, e, depois, a oferta de agradecimento. Podemos entrar no Santo dos Santos e nos lançar diante do trono da graça apenas passando pelo véu rasgado da carne de Cristo.

Abel sabia algo a esse respeito e o confessou. Logo, ofereceu as primícias de seu rebanho e derramou o sangue de tais criaturas viventes na humilde confissão de seus próprios desertos. Sem demora, Deus aceitou sua oferta, enviando, talvez – como muitos pensam –, fogo do

Shekiná para consumi-la e, assim, mostrando, em um símbolo, que Sua cólera com relação a Abel seria saciada no Substituto.

Vendo o que acontecera, descaiu o semblante de Caim, e ele se irou, cometeu o pecado pavoroso de julgar seu Criador e despejar a raiva humana em Seus justos comportamentos. Todavia, Deus não abandonou imediatamente o pecador a seu destino, mas, com paciência, conversou com Caim como se falasse com uma criança teimosa. Ele desejava trazê-lo de volta para a posição correta, mostrando-lhe sua condição maligna, e que um pecado medonho estava abrigando-se à sua porta, pronto para aprisioná-lo como se fosse um animal esfoameado lançado sobre sua presa. Ele não cessou sem prometer que, se o criminoso se arrependesse e fizesse o bem, também deveria ser aceito e preservar, sobre seu irmão, a ascendência para a qual foi legalmente designado, tendo sido escolhido, pelo Criador, como primogênito.

Entretanto, a generosa expostulação foi desperdiçada: Caim aproveitou a oportunidade, e o germe do pecado, que havia sido plantado em Adão, amadureceu, tornando-se assassinato em seu filho mais velho.

Não demorou muito para que Deus perguntasse sobre sangue "Onde está", perguntou Ele a Caim, "Abel, teu irmão?" (Gn 4.9). Mais uma vez, como no caso de Adão, Ele questionou, embora tivesse total conhecimento das coisas, a fim de dar ao transgressor uma oportunidade de julgar a si mesmo e confessar sua culpa. Se Caim o tivesse feito, ainda teria encontrado esperança. Porém, ele imprimiu em si mesmo, pela segunda vez, a marca da serpente ao mentir quanto ao homicídio. "Não sei", respondeu; "acaso sou eu tutor de meu irmão?". Ele havia-se tornado tão endurecido que, de bom grado, negaria a verdade até mesmo na presença do Deus onisciente. Então, Caim foi instantaneamente levado a juízo: sua capa de mentiras foi rasgada, e seu crime hediondo foi descoberto pelas palavras penetrantes: "Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra a Mim" (v. 10).

Caim estava emudecido e não conseguiu defender-se ou desculpar-se. Deus, então, prosseguiu e pronunciou a sentença: a terra, que bebera o sangue de seu irmão, receberia uma segunda maldição, e, por isso, o solo não daria sua força quando fosse lavrado mesmo como resposta ao labor mais rigoroso. O assassino também não deveria permanecer com seus pais no Éden, mas ser banido da presença do Senhor, da vista dos querubins e da glória, e andar como fugitivo e errante pela terra. Nenhum humano, porém, deveria tocá-lo. Se qualquer membro de sua família ou qualquer descendente de Abel, se houvesse algum, matasse Caim, seria vingado pelo crime sete vezes, porquanto o poder magistral ainda não havia sido confiado ao homem.

Logo, nossos primeiros pais foram desprovidos de seus filhos em um único dia. Quão atemorizados eles devem ter ficado com o progresso que o mal acarretou ao mundo em virtude da transgressão que cometeram! Todavia, o Deus do consolo foi misericordioso e, naquele tempo, concedeu-lhes outro filho, que Eva chamou de Sete, isto é, “concedido”: “Porque Deus”, disse ela, “me concedeu outro descendente em lugar de Abel, que Caim matou” (v. 25). É curioso observar que, nesta passagem, Eva atribui o presente a Eloim e não a Jeová, o que é, provavelmente, uma indicação de que sua esperança tinha dado lugar ao desânimo. Depois de esperar a Semente prometida durante 130 anos, ela passara muito tempo desesperada e, vendo em Sete nada mais do que um filho natural, derramou seus agradecimentos a Eloim e não ao mantenedor da aliança – Jeová. No entanto, ela estava equivocada mais uma vez. Longo e tedioso havia sido o tempo de espera e decepções amargas, mas Eva tinha, por fim, obtido o primeiro elo da cadeia que foi o sinal da Semente prometida, pois Cristo viria da descendência de Sete.

A partir de então, encontramos um desenvolvimento duplo da raça humana: os descendentes de Sete e os de Caim permanecem separados por um tempo e representam a Igreja e o mundo.

Os descendentes de Caim, com a inquietação dos homens alienados de Deus, sempre estavam esforçando-se para fazer da terra do exílio um local agradável e reproduzir artificialmente o Paraíso em vez de ansiar pelo verdadeiro Jardim do Deleite. Eles tentavam incessantemente, por todos os meios, aliviar a maldição ao invés de seguir com paciência as orientações de Deus para livrar-se dela. O próprio Caim, que fora condenado a andar errante, foi o primeiro a edificar uma cidade, que chamou Enoque, o nome de seu filho, que foi o primeiro a tentar assentar-se confortavelmente na terra maldita.

Alguns têm cogitado sobre o lugar onde ele encontrou habitantes para sua cidade, mas esquecem que, pelo que sabemos, Caim pode tê-la edificado séculos depois de sua fuga do Éden, e não levam em consideração o crescimento prodigioso da população em uma época na qual a vida comum se estendia por 800 ou 900 anos, e um homem era contemporâneo de sete ou oito gerações de seus descendentes. Além do mais, a cidade pode ter sido, no princípio, nada mais do que uma habitação fixa e sólida para si mesmo e sua família.

Além de uma mera enumeração de nomes, não temos outro registro da posteridade de Caim até chegarmos à quinta geração da sua descendência. Contudo, os poucos particulares concernentes a Lameque e sua família apresentam uma imagem vívida da corrupção humana, do caminho dos filhos deste mundo. Vemos a família de Lameque começando na vida sensual, que envolve a perda da consciência de Deus e de todo temor de infringir as leis divinas. Continuamos a traçá-la à medida que segue adiante e torna as circunstâncias presentes o mais confortáveis e indulgentes possíveis, substituindo as artes, as ciências e as buscas intelectuais pelas aspirações espirituais e, com a ajuda de diversos divertimentos e prazeres, banindo a razão pela excitação. Por fim, encontramos-la terminando na concentração completa no “eu” e no duro desafio a Deus.

Lameque rompeu a lei primeva do casamento e foi o primeiro polígamo, provando, assim, a absoluta impiedade para a qual os descendentes de Caim haviam-se desviado. A menção e os nomes de suas mulheres talvez sugeriram o estado social de seu círculo. Ada significa “ornamento” ou “beleza” ao passo que Zilá, “matiz” em referência, provavelmente, às suas ricas e, pelo que se sabe, escuras madeixas. A filha de Lameque também foi chamada de Naamá, ou seja, “moça bonita”. Agora, na genealogia da família de Sete, não existe menção do nome de quaisquer esposas ou filhas. Sendo assim, podemos, talvez, ter uma insinuação de que as mulheres, dentre os descendentes de Caim, eram desnecessariamente importantes, e que a beleza pessoal e as atrações sensuais eram as únicas qualidades apreciadas.

Dos filhos de Lameque, Jabal foi conhecido como o primeiro homem que acumulou um grande rebanho de gado e levou uma vida normal. Provavelmente, em desacato à ordem de Deus, ele tenha introduzido a carne e o leite do animal como alimentos com o intuito de fugir do trabalho de cultivar a terra amaldiçoada. Jubal inventou a música, e Tubalcaim, as artes mecânicas.

O último fragmento de informação que possuímos referente a Lameque está contido em seu discurso às suas esposas, o que parece ser uma espécie de canção e pode ter sido popular entre os antediluvianos. Porém, transmite um espírito ostentador de autoconfiança – surgido, talvez, das armas que Tubalcaim forjara – e do orgulho de vingança, que nos prepara completamente para ouvir que a terra seria, pouco tempo depois, repleta de violência. A tradução literal diz:

*Ada e Zilá, ouvi minha voz;
vós, mulheres de Lameque,
escutai meu discurso:
Matei um homem porque ele me feriu;*

*e um rapaz porque me machucou.
Sete vezes se tomará vingança
de Caim,
de Lameque, porém,
setenta vezes sete.*

(Gn 4.23, 24)

A passagem acima parece querer dizer que Lameque havia brigado com um jovem e, tendo sido ferido e pisado por este, matou-o a fim de vingar-se. Deus determinou proclamar uma vingança sete vezes maior para quem matasse Caim, mas permitiu que todos nós soubéssemos que, se alguém prejudicasse Lameque, a vingança seria setenta vezes sete vezes maior. Se alguém simplesmente ferir ou pisar Lameque, este certamente lhe tomará a vida como recompensa.

Isso é a última coisa que ouvimos falar a respeito da família de Caim como separada do resto do mundo. Seu primeiro ancestral foi um homicida e desapareceu na pessoa de um polígamo, assassino e adorador confesso do deus das forças.

Não obstante, quando nos dirigimos à posteridade de Sete, a cena muda de figura: invejas, disputas e feitos de rebeldia e violência não estão mais diante de nossos olhos. Nossos ouvidos param de ser atacados pelos mugidos dos rebanhos, pelas melodias da música suave usada com a finalidade de apaziguar as consciências atormentadas, pelo barulho da bigorna, pelas ostentações dos fanfarrões orgulhosos e por todo ruído misturado que provém de um mundo que vive sem Deus e luta para superar Sua maldição.

Porém, vemos um povo pobre e aflito, trabalhando duro, dia após dia, de acordo com a indicação recebida de Deus, a fim de conseguir comida da terra antipática, esperando com paciência até Ele ser generoso e reconhecendo, humildemente, que Sua mão o corrigia. Eles não têm parte na história da terra, que é inteiramente

formada pelos descendentes de Caim. Como estrangeiros e peregrinos no mundo, abstêm-se dos desejos carnaís, não constroem cidades, não inventam artes e não planejam divertimentos, porquanto não estão atentos à terra onde vivem, mas procuram uma melhor, ou seja, a celestial. Por fim, como podemos vê-la na alusão presente ao nome de Noé (Gn 5.29), eles têm continuamente a maldição que Deus enviou sobre a terra diante de si.

INVOCAR O NOME DO SENHOR

Em contraste com as ostentações de Lameque, descendente de Caim, Sete deu a seu primeiro filho o nome de Enos, que significa “fraqueza” – uma confissão humilde da debilidade e do desamparo do homem, o que é naturalmente seguido pela sentença seguinte: “Daí se começou a invocar o nome do SENHOR [Jeová]” (Gn 4.26).

Todavia, em que sentido devemos compreender esta sentença, que é, a partir de então, utilizada freqüentemente nas Escrituras? Jeová [SENHOR], como vimos anteriormente, é o nome pelo qual Deus se revelou àqueles que com Ele fizeram uma aliança e aos quais fez promessas. Quando Moisés pergunta que resposta deveria dar aos israelitas caso lhe perguntassem o nome do Deus que lhe enviou, o Senhor responde: “EU SOU O QUE SOU.” “Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros” (Êx 3.14). Agora, no hebraico, é usado o futuro do verbo “ser” em vez do presente, e o nome Jeová é derivado do futuro, mas o futuro hebraico tem um significado especial: é usado, com freqüência, a fim de expressar um estado permanente, que existe e sempre existirá. Por conseguinte, as palavras traduzidas por “EU SOU O QUE SOU” podem ser mais inteligentemente traduzidas por “EU SEMPRE SEREI O QUE SOU”. Logo, “Jeová” [SENHOR] significa o Deus imutável, o Mesmo ontem, hoje e pela eternidade, cujo propósito não pode ser afetado por quaisquer circunstâncias, e cujas promessas não podem fracassar de modo algum.

Sempre, portanto, que lemos a respeito de Abraão armando sua tenda em algum lugar novo, edificando ali um altar e invocando o nome do SENHOR [Jeová] (Gn 12.8), devemos considerá-lo como se estivesse apelando a Deus, com base nas promessas que lhe foram feitas, por proteção e ajuda em suas andanças aparentemente sem objetivo.

Novamente: “Que”, diz o salmista, “darei ao SENHOR por todos os Seus benefícios para comigo?”. E a resposta: “Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do SENHOR” (Sl 116.12, 13). Em outras palavras, “Aceitarei com gratidão a libertação que Deus realizou por mim e, ao invocá-Lo pelo nome de SENHOR [Jeová], glorificá-Lo-ei como o Único imutável e que nunca fracassa em cumprir Suas promessas.”

Enfim, Joel nos diz que, no tempo temeroso imediatamente antes da aparição de Cristo e de Sua Igreja em glória, quando o mundo estiver atemorizado pelos sinais nos céus e na terra, pelo sangue, fogo e pelas colunas de fumaça, quando o sol estiver retirando sua luz, e a lua prateada, avermelhando-se da cor do sangue – ou seja, no momento tenebroso, todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo (2.32). A referência, conforme mostra claramente o contexto, dirige-se ao restante judaico, e o significado é que, se algum homem avisado pelos sinais atemorizantes ao seu redor refletir sobre as promessas feitas a Israel e apelar ao Criador pelo nome da aliança com base nestas promessas, ele será salvo.

Logo, é fácil enxergar o significado da sentença aplicada aos descendentes de Sete. Os descendentes de Caim, adorando tão-somente Eloim criador e dominador e, conseqüentemente, não tendo promessas sobre as quais descansar, arrumaram-se como puderam no mundo e usaram seus melhores esforços para livrar-se das inconveniências da maldição. Os descendentes de Sete, por sua vez, não tentaram reagir à força ou evitar a punição de Deus, mas O procuraram a fim de obter alívio, confiantes em Sua predição acerca da Semente libertadora e começaram a dirigir-se a Ele por Seu nome de

aliança – SENHOR [Jeová] – com o intuito de manter viva a esperança e expressar toda a confiança que tinham em Sua promessa.

A partir de então, eles parecem ter mostrado certo espírito que, muitos séculos depois, moveu os cristãos de Tessalônica (1 Ts 1.9, 10): não fizeram ídolos sobre a terra, mas serviram o Deus vivo e verdadeiro e esperaram pelo Seu Filho do céu.

ENOQUE

Uma coincidência curiosa nos atinge nesse ponto. No relato dos descendentes de Caim, após alguns pormenores a respeito da história de Caim, que simplesmente notificam a direção para a qual ele guiou sua posteridade, segue-se uma lista de nomes até surgir Lameque, o sétimo de Adão. Depois, temos um vislumbre momentâneo da primeira cidade do homicida e encontramos a ilegalidade e a violência lá se desenvolvendo, enquanto seus moradores fazem esforços estrênuos a fim de alcançar a felicidade sem Deus.

Da mesma maneira, ouvimos a humilde confissão de fraqueza feita por Sete e recebemos a informação de que sua comunidade começou a invocar o nome do Senhor a partir de então. Isso é seguido por um registro reduzido de nascimentos e mortes até chegarmos a Enoque, o sétimo de Adão da linhagem de Sete. Assim, a crônica é interrompida por um momento e, em poucas palavras, registra um acontecimento de inigualável importância.

Assim como o mal havia culminado em Lameque, a piedade culminara em Enoque, pois ele andou com Deus e obteve testemunho de ter-Lhe agradado (Hb 11.5). Porém, a sombra negra do fim já estava começando a projetar-se sobre o mundo. A maldade havia crescido a tal ponto que não apenas era a demonstração da inabilidade de o homem recuperar-se, mas também a necessidade de trazer o juízo rapidamente. O Senhor, portanto, concedeu um novo poder a Enoque

e enviou-o como o primeiro profeta a testificar contra o pecado do mundo e proclamar que o fim do tempo de paciência logo viria.

Cheio do Espírito de Deus, Enoque andou entre os homens, pregando a justiça, a temperança e o julgamento vindouro, o que, sem dúvida, fez com que muitos temessem. Todavia, houve muito pouco resultado permanente: ninguém, com exceção do profeta, foi tido como digno de escapar das coisas que sucederiam na terra. Somente ele foi arrebatado para o céu antes dos tempos perigosos da grande tribulação antediluviana, sendo tirado do mundo aproximadamente 169 anos antes da inundação. Embora muitos séculos intermediários possam parecer uma longa pausa, devemos lembrar que, devido à duração da vida naquela época, o tempo não seria equivalente a mais de 50 ou 60 anos para nós.

O único discurso deste primevo profeta que chegou até nós encontra-se preservado na Epístola de Judas e diz o seguinte: “Eis que veio⁵ o Senhor entre Suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra Ele” (vs. 14, 15).

Estas palavras não se referem ao Dilúvio, mas aos nossos tempos e indicam a aparição do Senhor em glória com Sua Igreja. Caso a profecia nos tivesse sido mandada sem um comentário inspirado, sem dúvida seria provável que fosse distorcida pela teoria “espiritualizadora”. Uma referência exclusiva à enchente teria sido proposta, e deveríamos ter sido admoestados a observar que a vinda do Senhor é meramente uma expressão figurativa para designar o poderoso julgamento e não significa um evento pessoal. Não obstante, tal perversão do significado é impossível, porque Judas

⁵ No grego, significa literalmente “veio”, mas a profecia está evidentemente descrevendo uma visão do futuro que passou diante dos olhos de Enoque, e, por conseguinte, o presente “vem” transmite o significado da citação de forma mais clara para o leitor comum.

nos diz que, em seu tempo, após a ascensão de Cristo para o Pai, a predição ainda estava esperando seu cumprimento. Eis, por conseguinte, a razão de sua preservação, pois se refere à aparição pessoal do Salvador no término da era atual. O conhecimento de Enoque desta aparição, uns 5000 anos antes de ocorrer, mostra-nos que os segredos de Deus sempre estão com aqueles que O temem, e, ao mesmo tempo, isso testifica da vasta importância desse acontecimento, o primeiro estágio que devemos agora esperar de hora em hora.

Sem dúvida, a profecia também foi repleta de consolo peculiar à parte piedosa da posteridade de Sete, trabalhando duro como estava sob a maldição e esperando a prometida libertação. É na aparição do Senhor que a batalha enfim levará ao desastre a serpente e sua semente. Então, a redenção de pecado e da morte de toda criação – o preço que foi pago por completo na cruz – será posteriormente iniciada, depois de todos os séculos tediosos de atraso.

Enoque, então, continuou a andar com Deus e a testificar ao mundo até os 365 anos, quando desapareceu de súbito. Porém, não foi ele quem resolveu desaparecer, mas foi levado, e ninguém conseguiu encontrá-lo, porquanto havia sido arrebatado para o trono do Altíssimo, uma primeira pista do grande segredo: que, embora Deus fizesse a terra para os homens e pretende que a habitem para sempre, Ele tenciona exaltar um eleito dentre todos para um destino superior, até mesmo morar com Cristo nos lugares celestiais...

O primeiro profeta, assim, passou, em um momento, dos labores da vida a fim de viver na presença de Deus e deixou seu filho, Metusalém, e seu neto, Lameque, que foi o pai de Noé. O nome Noé quer dizer “descanso”, e Lameque concedeu este nome ao filho com as seguintes palavras: “Este nos consolará dos nossos trabalhos e das fadigas de nossas mãos, nesta terra que o SENHOR amaldiçoou” (Gn 5.29). Este discurso não pode ser uma mera expressão de alegria pelo nascimento da criança, pois, se fosse, dificilmente teria sido

registrado. Sabemos, porém, que o avô e o filho de Lameque foram profetas, e, talvez, o dom, uma vez concedido, fosse transmitido para cada líder da família, e, por isso, Enoque, Metusalém, Lameque e Noé foram uma descendência de testemunhas levantadas por Deus a fim de testificar contra a maldade do mundo e declarar Seu propósito de julgamento.

Dessa forma, as palavras de Lameque foram provavelmente proféticas e se cumpriram no certo alívio da maldição após o dilúvio. A partir da bênção de Deus, ao aceitar o sacrifício de Noé, podemos, talvez, inferir que a condição da terra antes do Dilúvio foi pior do que qualquer tempo subsequente (8.21, 22). As estações pareciam ter sido irregulares e incertas. Não havia chuva, e as garoas, pelas quais a terra era molhada, podem ter sido escassas e raras, e, por isso, com frequência os antediluvianos usavam sua força em vão: nada se desenvolvia na terra e as árvores não produziam frutos. Densas neblinas também, ou outras causas desconhecidas, podem ter interferido no alterar de dia e noite. A maldição era recente ainda e em pleno vigor, ou, talvez, estes desastres tenham surgido dos distúrbios premonitórios da natureza similares aos que precederão o grande juízo de nossa era.

Contudo, quando o Senhor, depois do sacrifício de Noé, aspirou o cheiro suave, disse: “Não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem(...). Enquanto durar a terra, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite” (8.21, 22). O homem continuaria a trabalhar duro e a lutar contra muitas dificuldades, mas, a partir de então, Deus lhe daria estações determinadas, permitir-lhe-ia, como regra, ter sempre certeza de algum fruto de seus labores. Não é improvável que a bênção da chuva tenha contribuído ainda mais para mitigar o intenso sofrimento da maldição, ao passo que a permissão de comer comida animal forneceu, no geral, um caminho mais fácil para obter uma grande porção do sustento necessário.

Capítulo 8

Os Dias de Noé

O sexto capítulo de Gênesis contém um relato dos dias de Noé, uma descrição de grande interesse para nós, porquanto o Senhor declara que uma época similar de profanação colocará fim, depois de um longo tempo, na paciência de Deus para com os moradores existentes na terra e fará com que Ele venha em fogo, e Seus carros, como um redemoinho de vento, para entrar em juízo com toda carne com fogo e com a Sua espada (Is 66.15, 16).

Torna-se, portanto, um dever óbvio considerarmos o progresso da iniquidade e da corrupção dentre os antediluvianos, visto que agradou a Deus informar-nos de tudo, inteirar-nos não meramente da semeadura, mas também da irrigação, do crescimento e da maturação daquela repugnante colheita, contra a qual a foice resplandecente do Altíssimo relampejaria do céu posteriormente. Assim, devemos analisar a situação profana daquela época a fim de observar como o povo incentivava, várias vezes, o mal à medida que surgia e notar a influência particular de cada um desses incentivos sobre as turbas rapidamente descompostas da sociedade. A fim de conseguir fazer essa análise, teremos de armar-nos contra os erros e tentações que se multipli-

cam diariamente ao nosso redor e estar capacitados para discernir os indícios ameaçadores dos nossos tempos.

Agora, a primeira característica mencionada daqueles dias de iniquidade e perigo é o rápido aumento da população (Gn 6.1); uma circunstância que, por si própria, sempre tendeu não apenas a difundir, mas, ao mesmo tempo, intensificar o pecado, pois toda forma de mal existente, de maneira tênue, em nações populosas, também será encontrada nos locais onde os homens se multiplicaram, onde existem inúmeros vícios peculiares às regiões repletas de pessoas. Se são numerosos, os homens apóiam uns aos outros em rebelião e são propensos a tornar-se muito mais ousados e desafiantes a Deus. Em nosso próprio meio, as fortalezas de racionalismo e ateísmo são sempre encontradas nas grandes cidades.

Todavia, enquanto as famílias da terra aumentavam em número, faziam, ao mesmo tempo, grandes progressos no conhecimento e desenvolviam uma grande civilização. Caim lhes havia ensinado a organizarem-se em comunidades e a edificar cidades (4.17), e os filhos de Lameque – rapidamente seguidos, sem dúvida, por muitos outros – introduziram as artes mecânicas e primorosas e planejaram métodos ilegais de escapar do labor imposto pela maldição (4.20-22). Naquela época, os homens chegavam facilmente à idade de cem anos, e o imenso conhecimento, a experiência e a habilidade que acumulavam devem ter promovido a ciência, a arte e a invenção e produção de todas as ferramentas de uma civilização devassa com uma rapidez quase inconcebível para nós.¹

A única espécie de indústria antediluviana registrada, a arca, foi construída por um descendente de Sete e, mesmo assim, igualou-se em tamanho ao *Great Eastern*², o navio que, há poucos anos, tanto nos maravilhou.

¹ [Esta sugestão quanto à vida anterior ao dilúvio tem sido confirmada pelo conhecimento obtido a partir das camadas mais baixas da Mesopotâmia.]

Sem dúvida, muitos dos importantes trabalhos realizados pelos primeiros descendentes de Noé podem ser considerados como tendo sido desencadeados pelas reminiscências da grandeza original e dos fragmentos doutrinários herdados pelos antepassados, que passaram parte de sua existência de glória humana e depravação vivida na era anterior. Do mesmo modo podem ter sido a concepção ousada de uma torre literalmente coberta pelas nuvens, dos estupendos edifícios esplendidamente decorados da Babilônia e Nínive e da estrutura impressionante da primeira pirâmide, construções que envolvem aparentemente um conhecimento acurado da verdade astronômica que parece ter estado, ao menos, no nível dos avanços louváveis da ciência moderna. Todos esses grandes esforços estavam em progresso durante a vida de Sem e, provavelmente, na de seus irmãos também.

Não devemos esquecer as recentes descobertas quanto à civilização primitiva dos acádios, “povo atrasado e de olhos oblíquos da antiga Babilônia”, cuja existência nos era desconhecida 50 anos atrás. A linguagem dos acádios estava desaparecendo completamente e havia-se tornado um dialeto versado, assim como o latim na Idade Média, no século 27 a. C. Entretanto, tamanho fora seu poder intelectual que a famosa biblioteca de Agadé, fundada por Sargão I³ [2650 a. C.] foi estocada com livros “que eram traduzidos dos originais acádios ou basea-

² O maior e mais revolucionário navio à vapor do século 19, designado para ir da Europa à Austrália sem necessitar de reabastecimento e construído por Isambard Kingdom Brunel (1806-1859). No dia 7 de novembro de 1857, foi realizada uma tentativa frustrada de lançar o navio, ainda chamado de *Leviatã*, no Tâmis. Depois de quase três meses, em 30 de janeiro de 1858, o *Great Eastern* foi lançado ao mar. Sendo inteiramente de ferro, tinha 230 metros de comprimento e deslocava 22.600 toneladas. Possuía duas rodas de pás laterais e uma hélice com alguns metros de diâmetro. Sua velocidade alcançava 25 nós, podendo transportar quatro mil passageiros ou dez mil soldados. O navio foi, no entanto, um fiasco. Depois de lançado ao mar, verificou-se que balançava demais, não servindo para transportar passageiros. Seu construtor morreu de desgosto e a embarcação acabou servindo como navio lançador de cabos submarinos. (N.T.)

³ Conta a história que Sargão da Acádia, o primeiro conquistador regional, que vivera mais de mil anos antes de Moisés, foi colocado, quando criança, em um cesto selado com alcatrão e lançado, ao sabor da corrente, no rio Eufrates – o mesmo que também aconteceu com Moisés. Por ter sido grande guerreiro e caçador, vindo a tornar-se um dos remotos líderes assírios, os estudiosos o comparam a Ninrode, bisneto de Noé e valente caçador citado em Gênesis 10.8, 9. (N. T.)

dos em textos acádios e repletos de palavras técnicas pertencentes, outrora, à velha língua”. Um catálogo do departamento astronômico, que tem sido preservado, contém uma orientação para o leitor escrever o número da tabela ou do livro que deseja e solicitá-lo ao bibliotecário. “A disposição”, diz Sayce, “adotada pelos bibliotecários de Sargão deve ter sido produto de gerações de experiência ancestral”. Teríamos nós uma forte evidência “do desenvolvimento da literatura e educação e da existência de um número considerável de leitores nessa remota antiguidade”?

Segundo Berosus,⁴ havia uma “Cidade de Livros” antediluviana na Babilônia, e Sisuthrus,⁵ o Noé caldeu, “obrigou a enterrarem seus livros em Sippara antes do dilúvio e exumá-los após a descida da Arca”. Porém, à parte da tradição, temos a prova de que, em tempos primitivos, existiam famosas bibliotecas em Ereque, Ur, Cuta e Larsa, às quais os observatórios e universidades estavam relacionados (veja *Babylonian Literature* [Literatura Babilônica], de Sayce).

Sendo assim, se damos apenas o peso justo a essas considerações, somos compelidos a admitir que os antediluvianos podem ter chegado à quase perfeição na civilização e na cultura elevada de sua época, o que dificilmente poderá ser igualado, embora nos orgulhe-mos de nossos tempos.

Visto que não temos outra menção aos descendentes de Caim como uma tribo separada, e uma vez que, dentre os descendentes de Sete – que devem ter também aumentado em número –, apenas uma

⁴ Sacerdote caldeu que pesquisou a história antiga e a genealogia das nações do mundo. Escreveu três livros em grego, por volta de 290 a. C., mas suas obras estão perdidas embora tenham sido mencionadas pelos historiadores britânicos do período de Tudor e parecem ter estado disponíveis naquele tempo. De acordo com a Enciclopédia Britânica, a obra de Berosus sobrevive apenas de citações fragmentárias. (N. T.)

⁵ Segundo Berosus, o décimo rei caldeu, filho de Ardates, e o último rei da era mítica. De acordo com a lenda caldéia, houve um grande dilúvio durante seu reinado. Tendo sido orientado, em visão, pelos deuses, construiu um navio do tamanho de cinco estádios em comprimento e dois em largura e entrou nele, levando seus amigos, parentes e todas espécies de animais. Por fim, a arca repousou sobre a montanha de Nisir, a morada dos deuses e também considerada como o berço da raça caldéia. (N.T.)

pessoa foi trasladada para Deus do mal que viria, e tão-somente oito foram salvas deste mal, é claro que as duas famílias tinham-se, há muito tempo, misturado e contraído casamentos mistos. Seduzidos, provavelmente, pelas buscas intelectuais, pela sociedade alegre e pela vida fácil dos perversos, os descendentes de Sete primeiramente sentiram prazer em companhia dos ímpios, em suas luxúrias e suas muitas invenções hábeis e engenhosas. Depois, foram atraídos a unir-se de forma desigual aos incrédulos e, assim, sendo envolvidos pelo turbilhão do pecado, desapareceram como um povo separado.

Triste e instrutivo foi o resultado dessa amálgama, pois, quando chegou o tempo de separar, não foram encontrados verdadeiros adoradores do Senhor exceto na família de Noé. Os homens parecem ter apreciado tanto a própria sabedoria, pensado tão pouco em Deus, que sua religião havia definhado e se tornado um mero culto de adoração a heróis de seus famosos líderes (Gn 6.4), que, como Prometeu, trouxeram-lhes, por meio de suas invenções, as necessidades e confortos da vida e, assim, capacitaram-nos para o tempo de frustrar os propósitos do Poder Supremo.

OS FILHOS DE DEUS E AS FILHAS DOS HOMENS

Então, um novo acontecimento assustador explodiu no mundo e acelerou horivelmente o já rápido progresso do mal. “Vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram” (v. 2). Estas palavras, com freqüência, são explicadas como significando nada mais do que o casamento misto dos descendentes de Caim com os de Sete, mas uma investigação cautelosa da passagem produzirá um significado muito mais profundo.

As Escrituras nos dizem que, quando os *homens* começaram a multiplicar-se na face da terra, e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram as filhas dos *homens* (vs. 1, 2). Em cada caso, a palavra

homens evidentemente significa toda a raça humana, tanto os descendentes de Caim quanto os de Sete. Por conseguinte, os “filhos de Deus” são claramente diferenciados da geração de Adão.

Mais uma vez, a expressão “filhos de Deus (Eloim)” ocorre apenas quatro vezes no Antigo Testamento, e, em cada um dos casos, é utilizada indiscutivelmente para designar seres angélicos.

No início do Livro de Jó, lemos, duas vezes, a respeito dos filhos de Deus apresentando-se perante o Senhor em momentos declarados, e Satanás também os acompanha como sendo um filho de Deus, embora decaído e rebelde (Jó 1.6; 2.1).

A expressão “filhos de Eloim”, o poderoso Criador, parece ser confinada àqueles que foram diretamente criados pela mão divina e não nasceram de outros seres de sua própria ordem. Por isso, na genealogia de nosso Senhor mostrada em Lucas, Adão é chamado de filho de Deus (3.38). A Bíblia diz também que a todos os que O receberam, Cristo deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus (Jo 1.12), nascendo de novo do Espírito de Deus mesmo com o seu homem interior na vida presente. Na ressurreição, serão revestidos de um corpo espiritual, um edifício de Deus (2 Co 5.1), a fim de que sejam, então, iguais aos anjos em todos os sentidos, sendo uma nova criação (Lc 20.36).

A terceira repetição da frase ocorre em um dos últimos capítulos de Jó, em que as estrelas da alva são representadas cantando juntas com alegria, e os filhos de Deus rejubilando-se com a criação da terra (38.7).

Por fim, uma expressão semelhante é encontrada no Livro de Daniel (Dn 3.25), mas no singular e com a diferença necessária de que *bar* é a palavra usada para designar filho ao invés de *ben*, cujo singular é desconhecido em caldeu. Nabucodonosor exclama ao ver quatro homens passeando dentro do fogo e declara que o quarto é

semelhante a um filho dos deuses,⁶ querendo dizer, evidentemente, um ser angélico ou sobrenatural, distinto dos demais.

Parece, portanto, que, no Antigo Testamento, o título “filhos de Deus” é restrito aos anjos.⁷ Diversas passagens são de fato fornecidas como exemplo a fim de provar sua aplicação aos homens, mas, ao serem examinadas, todas serão imprecisas, sendo as palavras do original diferentes em cada caso e, algumas vezes, significando os filhos do Senhor. Esta última, como já vimos é uma expressão muito diferente e, provavelmente, teria sido usada pelo inspirado historiador no versículo que analisamos se ele tivesse desejado distinguir os descendentes piedosos de Sete dos de Caim, pois, ao passo que constitui uma verdadeira descrição de todos os santos da terra, teria sido peculiarmente apropriada, nesse caso, para os descendentes de Sete logo após a menção do fato de que tinham sido acostumados, desde o nascimento de Enos, a clamar pelo nome do Senhor.

Logo, parece que os filhos de Deus são seres angélicos, e a misteriosa declaração acerca deles, no sexto capítulo de Gênesis, parece referir-se a uma segunda apostasia mais profunda da parte de alguns dos Elevados na altura. Todavia, esses rebeldes mais ousados não foram encontrados dentre os espíritos das trevas que hoje povoam o ar. Eles não mais guardam a posição de principados e poderes do

⁶ Não há um artigo definido no original.

⁷ Este é o ponto de vista de Josefo, Philo Judaeus e os autores de O Livro de Enoque e *The Testament of the Twelve Patriarchs* (O Testamento dos Doze Patriarcas). De fato, essa concepção era geralmente aceita pelos judeus versados nos séculos primitivos da era cristã. Com relação à Septuaginta, todos os manuscritos traduzem a expressão hebraica “filhos de Deus” como “anjos de Deus” em Jó 1.6 e 2.1 e como “Meus anjos” em Jó 38.7 – passagens nas quais não há razão dogmática para ocupar-se do texto. Em Gênesis 6.2, 4, o Codex Alexandrinus e três manuscritos posteriores exibem a mesma tradução, enquanto outros mantêm “filhos de Deus”. Agostinho, entretanto, admite que, em sua época, o número maior de cópias também mantinha “anjos de Deus” na segunda passagem (*De Civit. Dei*, XV. 23). Portanto, parece extremamente provável que esta foi a leitura original, e certamente a interpretação que envolve foi adotada pela maioria dos escritores cristãos primitivos. As pessoas que se aprofundam nesse assunto podem ler uma pesquisa recente e exaustiva realizada pelo reverendo John Fleming intitulada *The Fallen Angels and the Heroes of Mythology* (Os Anjos Caídos e os Heróis da Mitologia).

mundo, ou até mesmo a liberdade que tinham, mas podem ser identificados com os criminosos aprisionados sobre os quais Pedro nos diz que, depois de terem pecado, Deus não os poupou, mas “precipitando-os no inferno os entregou a abismos e trevas, reservando-os para juízo”.⁸ Judas também menciona a condição presente desses anjos, empregando termos similares (Jd 6), e o contexto de uma das passagens indica, com suficiente clareza, a natureza do pecado que cometeram. Eles optaram por abandonar o mundo onde viviam e, ultrapassando os limites de Deus, ir atrás de carne estranha. Portanto, Ele lançou-os, sem demora, aos Seus calabouços mais baixos, um castigo instantâneo resultante do escândalo ímpio que causaram, e os privou para sempre do poder de produzir mais confusão.

O versículo que segue o anúncio do pecado dos anjos é um parêntese de propósito solene (Gn 6.3). A cena é, durante um momento, deslocada da maldade horivelmente crescente da terra e transferida para o céu dos céus. Lá, o Deus invisível senta-se no

⁸ 2 Pe 2.4. Utilizamos as palavras da Versão Revista e Atualizada (2ª ed.) da SBB, mas a tradução seguinte (feita diretamente do original) seria mais literal: “Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, mas os lançou no Tártaro e os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo.” O Tártaro parece ser um lugar de aprisionamento mais terrível do que o Inferno, mas não pode ser o Lago de Fogo e Enxofre, cujas chamas devem queimar especialmente a Besta e o Falso Profeta, os primeiros que serão arremessados. Compare Isaías 30.33 com Apocalipse 19.20. Na mitologia grega, o Tártaro era uma morada escura de desgraça, bem mais abaixo do Inferno na proporção como a Terra está para o Céu (Homero, *Ilíada*, VIII. 16) – uma descrição que corresponde corretamente aos “abismos de trevas” de Pedro. É, também, muito relevante o fato de que pensavam ser a prisão de Cronos e dos Titãs rebeldes

(Cronos era um dos 12 Titãs (regentes supremos do universo) e o filho mais jovem de Urano e Gaia, personificações do céu e da terra. Os primeiros filhos de seus pais eram três monstros com 50 cabeças e 100 mãos que Urano havia aprisionado em um lugar secreto. Gaia procurou salvá-los, pedindo a ajuda dos ciclopes – gigantes com um olho enorme no meio da testa –, mas Cronos, sozinho, aceitou o desafio, atacou Urano e o feriu severamente, tornando-se, assim, o regente do universo. Cronos havia sido advertido de que seria destronado por um de seus filhos. Por isso, ele engoliu cada um dos cinco tão logo nasceram, mas, posteriormente, foi obrigado a vomitá-los. Zeus, deus do céu e regente dos deuses do Olimpo, e seus cinco irmãos e irmãs engajaram-se em uma guerra contra Cronos e os outros Titãs, o que os levou a serem confinados no Tártaro, uma caverna na parte mais profunda do mundo subterrâneo. A analogia romana de Cronos é Saturno, o deus da semeadura e da colheita. (N.T.))

trono e, olhando para baixo, em direção à rebelião e ao pecado, pronuncia a sentença de maldição sobre o mundo inconsciente. O final deve vir. Seu Espírito nem sempre deverá lutar pelos homens, vendo que são irrecuperavelmente derrotados pelos desejos da carne. No entanto, eles terão um descanso maior de 100 ou 200 anos.

Assim, a história se resume numa breve dica da causa que deu vazão aos casamentos mistos entre os filhos de Deus e as filhas dos homens, ambos antes e depois do Dilúvio (Gn 6.4). Nossos tradutores de novo omitiram um artigo definido no começo deste verso, que deveria ter sido escrito da seguinte forma: “Ora, naquele tempo havia os gigantes – ou os caídos – na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens.”

Por meio de um equívoco da Septuaginta, que explicaremos, a versão que temos traduz *nephilim* como “gigantes”, mas a forma da palavra hebraica indica um adjetivo ou substantivo verbal, de significado neutro ou passivo, a partir de *naphal* – “cair”, que, por conseguinte, quer dizer “os caídos”, ou seja, os anjos caídos provavelmente. Seja como for, o termo parece ter sido transferido para a descendência, como podemos entender a partir da única outra passagem na qual ocorre. No relatório maldoso que os dez espias dão acerca da terra de Canaã, encontramos-os dizendo: “Todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura. Também vimos ali gigantes (os filhos de Enaque são descendentes de gigantes), e éramos, aos nossos próprios olhos, como gafanhotos e assim também o éramos aos seus olhos” (Nm 13.32, 33).

Foi, sem dúvida, a menção à grande estatura daqueles homens, acrescentada do fato de a Septuaginta ter traduzido a palavra hebraica para “gigantes”, que resultou “gigantes” em nossa versão. No entanto, as raízes do grego [*gigas*] não fazem referência à grande estatura, mas indicam algo muito diferente. A palavra é simplesmente outra forma de *γεννητός* [*gigenis*], que significa “nascido da terra” e foi usa-

da a fim de designar os Titãs, ou filhos do Céu e da Terra – Coelus e Terra –, porquanto, apesar de superiores à raça humana, eles eram, porém, de origem parcialmente terrena. O significado de “gigantes”, no sentido em que usamos a palavra, é geralmente secundário e surgiu do fato de que diziam serem estes produtos de nascimento mesclado, revelando um crescimento monstruoso e uma imensa força corporal. Logo, é aparente que a tradução da Septuaginta expressa com exatidão a idéia que estava na mente do tradutor, visto que ele parece ter adotado *nephilim*, em cada caso, com o intuito de designar a prole dos filhos de Deus e das filhas dos homens. Contudo, como explicamos acima, preferimos compreender que a palavra se refere primariamente aos próprios anjos caídos.

Agora, falando acerca do pecado de alguns destes anjos, Judas 6 nos diz que, depreciando a posição de dignidade e responsabilidade na qual Deus os colocara, eles, por vontade própria, deixaram seu domicílio,⁹ no reino do ar, estimulados, como parece, pelos desejos terrenos, e começaram a exercer uma influência ilícita sobre a raça humana. Talvez, como punição, Deus os tivesse proibido de voltarem. Eles foram banidos do céu e confinados aos limites da terra – assim como Satanás e o restante de seus anjos serão lançados, no futuro, um pouco depois do aparecimento de Cristo, a um abismo ainda mais profundo.

Porém, eles foram, por alguma razão, habitar na terra naquele tempo, e o fato é aparentemente mencionado em consideração aos casamentos mistos com as filhas dos homens. Então, se a moradia dos anjos caídos foi escolhida voluntariamente, eles logo passaram para um pecado muito mais aterrador. Se, ao contrário, foi resultante da punição, em vez de humilhar-se sob a mão poderosa de Deus e suportá-la com paciência até Ele diminuir Seu castigo, eles não hesi-

⁹ [Ou, por não terem guardado o corpo espiritual, adequado aos seres celestiais, e terem materializado, para eles, um corpo terreno, pois na outra única passagem em que a palavra é usada (2 Co 5.2) significa o corpo celeste com o qual o cristão deseja ser revestido.]

taram a desafiá-Lo com mais ousadia ainda e a violar a lei de seu estado original.¹⁰

A declaração a respeito de uma ocorrência similar depois do Dilúvio concorda com a passagem de Números, na qual é dito que os filhos de Enaque foram gigantes ou provêm dos gigantes (Nm 13.33); e parece também que, em consideração ao mandamento de Deus, toda a raça de descendentes de Caim deveria ser extirpada, porquanto, imediatamente depois da comissão do pecado dos antediluvianos, a maldição do mundo foi pronunciada. A profecia declara que o futuro aprisionamento dos anjos das trevas na terra será a próxima causa da grande rebelião que provocará a vinda do Senhor Jesus em fogo flamejante para vingar-se (Ap 12; 13).

Os filhos dessas relações ilícitas são renomados heróis do passado antes do Dilúvio, e a subsequente repetição do crime sem dúvida deu vazão às inúmeras lendas sobre os amores de deuses e explica as numerosas passagens nos Clássicos, nas quais as famílias humanas são relacionadas a uma origem semidivina.

OBJEÇÕES

Antes de darmos prosseguimento, deveríamos, talvez, assinalar a objeção mais comum à nossa interpretação. Ela aponta que os anjos, enquanto seres espirituais, não *poderiam* casar-se com as filhas dos homens. Entretanto, somos incapazes de reconhecer a força moral de um argumento como esse, pois as pessoas que o promovem fundamentam tal declaração em um conhecimento mais íntimo da natureza angélica do que achamos ser possível. Nesse ponto, todavia, citaremos tão-somente uma passagem escrita por Agostinho – um oponente da teoria dos anjos – que contém uma admissão que tem sido feita

¹⁰ Eles o fizeram não meramente por terem-se associado a seres de uma ordem diferente, mas também devido ao próprio ato do casamento, visto que nosso Senhor nos diz que, em sua condição normal, os anjos “nem casam, nem se dão em casamento” (Mt 22.30).

por muitos outros escritores de várias épocas e regiões e que, por mais absurda que nos pudesse parecer anos atrás, hoje é vista de forma mais provável devido às descobertas do espiritualismo moderno.

Antes de citar o Salmo 114 para provar que os anjos são espíritos, o destacado teólogo procede como se segue (*De Civit. Dei*, XV. 23):

Contudo, esses anjos apareceram aos homens em corpos de tal natureza que não puderam ser vistos, nem sequer tocados, a mesma Escritura mais verdadeira declara. Além do mais, há um rumor geral de que silvanos e faunos, que são normalmente chamados de incubos,¹¹ *improbos sæpe exstitisse mulieribus, et earum appetisse ac peregissee concubitum* (que, lascivos, muitas vezes se deitaram sobre mulheres e desejaram e realizaram o coito com elas). Muitas pessoas dignas de confiança afirmam que tiveram experiência pessoal, ou foram informadas pelos que a tiveram. E que certos demônios, que os gauleses chamam *Dusii*, estão continuamente tentando e realizando o crime é tão geralmente afirmado que pareceria imprudente negá-lo.¹²

Eis Agostinho. Que Paulo tinha algum pensamento como esse em sua mente ao ordenar que as mulheres adorassem ao Senhor com a cabeça coberta “por causa dos anjos” (1 Co 11.10) está, para dizer o mínimo, dentro dos limites da possibilidade.

Logo, sendo destruídos os fundamentos da ordem estabelecida pelo irrompimento dos anjos caídos, o mundo todo tornou-se corrupto, e sua moral foi invertida. Os homens não mais reconheciam

¹¹ Demônios masculinos que, segundo velha crença popular, vêm, durante a noite, copular com uma mulher, perturbando-lhe o sono e causando-lhe pesadelos. (N. T.)

¹² Para a prevalência desta idéia, não temos qualquer testemunho do fato de que o nome dos demônios é uma das palavras celtas que sobreviveram em nossa língua. É a origem da palavra inglesa *deuse*, ou *deuce*, que ainda é usada em frases exclamatórias ou interjecionais.

um Deus a Quem pessoalmente toda a obediência e adoração são dadas em primeiro lugar, e de Quem a igual relação com todos os homens como Criador deles imperativamente demanda de cada pessoa um amor pelo seu próximo tão grande quanto o que ela tem por si mesma. Porém, eles julgavam que tudo quanto fosse agradável a qualquer homem também era correto para si próprio. Depois disso, despedaçando as ataduras de Deus e livrando-se de Suas cordas, continuaram a acreditar que a realização de um fim desejado justificava quaisquer meios, que a possessão cobiçada deveria ser assegurada mesmo sendo necessário usar engano ou violência. Cegos pelo egoísmo da carne, que não pode enxergar nada além de si mesma, eles perseguiram seus vários objetivos sem considerar ou sequer pensar em seus companheiros – a não ser quando algum deles estivesse no meio do caminho ou pudesse ser útil. A partir de então, brotou uma abundante colheita de fraudes e assassinatos, de contendas abertas e violência, até que toda a terra se encheu de corrupção e derramamento de sangue.

Mesmo assim, tudo isso parece ter coexistido com a luxúria, com uma cultura refinada e com o amor pela arte e pela música. Essas misturas de coisas aparentemente incongruentes não foram anormais nos tempos pós-diluvianos. A libertinagem, a imoralidade e a intelectualidade sensual de Atenas são um exemplo.

Um paralelo também poderia ser traçado nas descrições dadas por Tácito, Juvenal e outros contemporâneos de César, porque toda a sociedade foi corrompida, até as ruas de Roma estavam acostumadas com a violência, e, apesar do agravamento dos vícios, a mais absoluta imoralidade, a mais libertina glotonaria e a mais devassa crueldade prevaleciam em companhia de uma magnificência esplêndida, uma elevada apreciação musical, escultural e artística e o gosto pela literatura, em especial pela poesia, tão grandes que as declamações e leituras eram um divertimento comum. Uma produção bastante característica dessa época

foi o filósofo Sêneca, que foi recentemente denominado de seguidor de Deus em virtude dos livros baseados em morais, mas que não achou que o escrito dos belos sentimentos fosse um obstáculo para levar uma vida de chocante depravação, e que apresentou ao mundo, como fruto de seu ensinamento combinado ao seu exemplo, o famoso monstro Nero.¹³

Nem foram os tempos de Leão X [papa, 1513-1521] diferentes dos dias de Noé, quando aquele conhecido pontífice, assentado dentre todo refinamento sensual e intelectual possível e cercado pelo grupo mais brilhante de estrelas que nunca havia adornado o firmamento da arte, exclamou: “Esse Cristianismo! Que farsa rentável nos provou ser!” Quando, em uma época que produzia pintura, escultura e arquitetura, e ainda maravilha o mundo, o sol, ao levantar-se dia a dia, expunha no Tibre¹⁴ os cadáveres flutuantes dos assassinatos cometidos, a infidelidade e a ilegalidade mantinham a paz fugaz com a cultura da beleza que até Maquiavel¹⁵, que não será acusado de ter proposto certas opiniões, declarou que a Itália havia perdido todos os princípios de piedade e todo o sentimento religioso, e que os italianos tinham-se tornado uma nação de ímpios guilhotinadores.

¹³ Aos 17 anos, Nero (37-68 d.C.) assumiu o poder e foi o quinto imperador de Roma, tendo, como tutor, o filósofo Sêneca. Acreditava ser artista, cantor e atleta e escandalizou a elite romana ao representar-se publicamente em peças religiosas. Foi o primeiro imperador a perseguir os cristãos e, por isso, ganhou o apelido de anticristo. Em 64, um grande incêndio destruiu Roma, e Nero foi acusado de tê-lo provocado, mas aproveitou e reconstruiu a cidade em estilo grego, com muito esplendor. Em 68, Roma foi invadida pela Espanha, e Nero foi deposto, abandonando a cidade e cometendo suicídio. (N.T.)

¹⁴ [Do lat. tiber.] Rio que banha a cidade de Roma e a divide em duas metades. Tibre é o rio mencionado na lenda a respeito da fundação de Roma, e às margens do qual Rômulo e Remo, filhos gêmeos do deus Marte e da mortal Rea Sílvia, foram abandonados ao nascer. (N.T.)

¹⁵ Filósofo, escritor e político italiano, Nicolau Maquiavel (1469 – 1527) foi Secretário de Estado da República de Florença (1498), desempenhou várias missões diplomáticas na Itália, França e Alemanha e reorganizou o exército. Sua obra teórica constitui uma reviravolta na perspectiva clássica da filosofia política grega. Ao passo que esta se preocupava primordialmente com a elaboração do melhor regime político possível, a teoria maquiavélica desmascarou as pretensões da religião e da teologia em matéria política ao substituí-las pelo conhecimento verdadeiro das relações que levam as avaliações morais às análises descritivas do campo político. Esta teoria procurava promover uma “ordem política inteiramente nova”, segundo a qual os mais hábeis utilizassem a religião para governar (que, para Maquiavel, significava arrancar do homem sua maldade natural e torná-lo bom). (N.T.)

Ainda que em uma escala muito maior, essa foi a maldade do mundo antediluviano. Todavia, o final estava-se aproximando. Deus olhou, pela segunda vez, para a desmoralização que se disseminava na terra (Gn 6.5-7) e viu que seria necessário, no término dos anos de descanso, fazer desaparecer o homem, o animal, os répteis e as aves do céu da face da terra.

Entretanto, pela terceira vez, o Criador observou a terra, e – vejam! – o mal havia feito tamanho progresso que todo ser vivente tinha corrompido seu caminho (vs. 12-21). Então, Deus profetizou a ruína iminente a Noé – que, sozinho, encontrou graça aos olhos divinos – e o instruiu a respeito da maneira como ele poderia evitar a maldição universal. Os mandamentos encarregados ao patriarca constituíram uma forte provação à sua fé. Ele deveria proclamar a vinda iminente de uma catástrofe, que, para os incrédulos, pareceria simplesmente irracional: um dilúvio que eliminaria toda a vida da face da terra.

É possível que os homens tenham sentido um desconforto momentâneo na primeira vez que ouviram a profecia desse desastre ser proclamada. A discussão pode ter ocorrido como aconteceu entre nós quando a suposta possibilidade de uma colisão entre a terra e o cometa de Donati¹⁶ causou uma breve inquietação nas pessoas que acreditavam nela. Contudo, terminada essa compunção, podemos prontamente imaginar o descaso e a zombaria que devem ter sido lançados ao profeta. Nossa própria época nos ensinará a forma como os homens da ciência logo provaram que algo parecido a um dilúvio universal foi uma impossibilidade absoluta, contrária a todas as leis conhecidas da natureza, e, uma vez que Noé persistiu, o mundo incrédulo começou a acreditar que ele fosse um fanático retardado, vazio de intelecto e indigno de atenção.

¹⁶ Corpo celeste descoberto em 2 de junho de 1858 pelo astrônomo italiano Giovanni Battista Donati (1826-1873), entre as constelações de Leão e Caranguejo, com magnitude de sete a oito. Descrito como sendo muito brilhante, o cometa desenvolveu uma espetacular cauda de poeira encurvada com duas caudas finas de gás. (N.T.)

Porém, Noé não foi apenas orientado a profetizar a maldição iminente, mas também ordenado a fazer preparativos abertos para evitá-la – preparativos de grande magnitude que devem ter atraído a atenção geral. Indubitavelmente, ele teve de suportar uma carga dolorosa de escárnio e ridicularização enquanto construía sua imensa barca em terra seca e distante da água, mas, pela fé, Noé perseverou, e, enfim, os dias de provação terminaram.

Ninguém ouviu seus alertas. Nem sequer uma pessoa além do círculo interno da própria família foi considerada digna de ser salva. No entanto, a arca foi concluída, e Noé, instruído a entrar nela com sua esposa, seus filhos, suas noras e todas as criaturas que foram impelidas por Deus para irem com ele. Ele deveria, sem nenhuma dúvida, compreender a importância do mandamento. Sabia que a cólera de Deus estava sendo refreada apenas até embarcarem os designados a ser salvos. Podemos imaginar os sentimentos de Noé à medida que observava a longa procissão lentamente enchendo a arca e, depois de um longo tempo, após a última espécie entrar, deixava o mundo inconsciente, amigos e inimigos ao inexorável alcance da destruição...

Mesmo assim, como nosso próprio Senhor nos diz, as multidões amaldiçoadas não o sabiam. Elas haviam ouvido Noé falar com freqüência, mas se recusaram a atender à voz do profeta que lhes parecia a voz de alguém de quem eles zombavam. Até mesmo na manhã do dia fatal, a terra retumbou o barulho de orgia e diversão – os homens comiam e bebiam, casavam-se e davam-se em casamento. Eles estavam absorvidos pelos prazeres do momento e não discerniam o espectro da Morte que lentamente surgia dentre as nuvens, o destruidor, com a foice levantada, prestes a cortar toda carne com um único golpe.

Todavia, o sonho humano de segurança foi, durante muito tempo, brutalmente dissipado. No dia em que Noé entrou na arca,

as janelas do céu foram abertas, e as águas que estavam acima do firmamento começaram a descer. O mundo se assombrou e, lembrando as palavras de Noé, tremeu com os rápidos pingos de chuva que caíam, o primeiro que eles já tinham contemplado.¹⁷

Não aconteceu só isso. Um rugido aterrorizante vindo do mar anunciou que alguma poderosa convulsão, igualmente além da estimativa dos cientistas hodiernos, começara nas grandes profundezas. Todas as suas fontes fechadas foram explodindo. Deus removera os limites do oceano, e suas ondas orgulhosas não deveriam mais permanecer, mas elevar-se com tumulto prodigioso e começar a avançar, mais uma vez, em direção à terra seca.

Que cenas de horror devem ter sido presenciadas debaixo do lúgubre aguaceiro desse dia terrível! Que grupos atemorizados! Que feições de angústia! Que gritos de terror! Que desmaios de medo! Que fugas precipitadas para qualquer local que parecesse oferecer segurança por um instante!

Não obstante, a misericórdia de Deus parece até ter sido misturada a Seu juízo... Sua misericórdia planejou uma maldição que, embora inexorável e completa, não foi, contudo, instantânea, mas proporcionou tempo para o arrependimento antes da morte a fim de que, pela destruição da carne, o espírito de muitos pudesse ser salvo.

As águas continuaram a subir, a arca flutuava sobre elas... E a terra foi, mais uma vez, quase como havia sido antes dos seis dias de restauração, coberta, até o pico mais elevado, pelo oceano...

¹⁷ Em Gênesis 2.5, 6, a Bíblia nos diz que o SENHOR Deus não fez com que chovesse, mas que uma neblina subia da terra e regava toda a superfície do solo. Provavelmente, esse estado de coisas continuou até o dilúvio, quando as janelas do céu se abriram pela primeira vez. O arco-íris deve ter sido um novo fenômeno quando foi dado, como sinal, a Noé – as palavras de Deus indicam isso. Além do mais, se o arco tivesse sido visto antes do dilúvio, seu reaparecimento subsequente nunca poderia ter sugerido segurança. Porém, se não houvesse arco-íris, dificilmente teria havido chuva.

Dolorosa foi a prova de que o homem, se não for contido, e deixado aos próprios desejos, não será capaz de recuperar sua inocência, mas seguirá tolamente o caminho da sensualidade e da ímpia vontade própria até encontrar-se engolfado no abismo da perdição. A experiência da liberdade havia fracassado; a segunda das eras estava terminada.

Capítulo 9

“Assim Como Foi nos Dias de Noé”

Acabamos de esforçar-nos para traçar a trajetória histórica desde sua fonte até a grande catástrofe que varreu a corrupção e a violência da face da terra. Vimos sua nascente procedendo do trono do Deus Eterno e, então, perdemo-la de vista à medida que modificou a direção de seu caminho, alcançando vastas regiões que não podem ser pisadas pelos pés mortais. Uma ou duas vezes, atingimos uma altura acessível e, a distância, observamos, com olhares extasiados, algo que resplandeceu em contato com os raios da Palavra de Deus e que supusemos serem as águas do rio que estávamos procurando, mas não conseguimos obter nenhum conhecimento a respeito da corrente misteriosa até vermos sua torrente turva e espumante emergindo da catarata terrível em meio às montanhas escuras que escondiam seu prévio curso.

Seguimos esse rio até uma terra de prazeres, na qual ele gradualmente se acalmou e firmou novamente, à medida que suas margens transbordavam de tudo o que é belo e agradável. Nós o traçamos enquanto ultrapassava os limites daquele reino jubiloso e corria com rapidez pelas regiões secas e áridas, com volume e velocidade sempre

crescentes, até, depois de muito tempo, suas águas agitadas serem violentamente engolfadas pelo grande oceano do Dilúvio.

Entretanto, não devemos liberar a história da maldição que acabamos de considerar sem fazer algumas reflexões a respeito do alerta solene dado pelo Salvador. "Pois assim como foi nos dias de Noé", é a declaração terrível de Deus, "também será a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem" (Mt 24.37-39). Logo, as cenas finais desta era atual serão uma reprodução dos dias de Noé. A mesma profanação intensa e, por fim, a incapacidade positiva de importar-se com as coisas de Deus, que foram reveladas pelos antediluvianos, também serão características do nosso mundo quando Cristo começar os julgamentos que rapidamente culminarão na glória de Sua vinda.

Parece justo, portanto, inferir que essa segunda manifestação do espírito que operava naqueles que foram desobedientes antes do Dilúvio será afetada por uma conjunção de causas similares às que o produziram nos tempos passados. Por conseguinte, como já assinalamos, torna-se assunto da maior importância prática compreendermos estas causas, porque, sempre que forem encontradas afetando simultaneamente as massas da população mundial, o fato possibilitará uma forte presunção de que estamos sendo levados, com rapidez, para a grande consumação da iniquidade, e que a glória vingativa do Senhor está prestes a ser revelada a fim de que toda carne a contemple.

Dessa forma, a grande questão a considerar é a seguinte: essas influências fatais estão em operação nos dias de hoje? São elas mais universalmente características desta época do que de qualquer outra? A consideração ponderada tem impelido muitos a devolverem uma resposta afirmativa. Vejamos se os fatos nos permitem manter

o mesmo ponto de vista. É impossível exagerar nosso interesse na investigação. Se os tempos presentes estão apenas começando a assumir a complexão dos de Noé, eles emitem um grito agudo de alerta, admoestando-nos a ficar com nosso corpo preparado e nossas lanternas acesas, esperando as convocações do Senhor, porquanto Ele levará Sua Igreja como levou Enoque antes que a maldade do homem piorasse. Ele levará o que foi, por Ele próprio, chamado de o sal da terra, e, então, a corrupção de toda carne continuará encoberta, e o mundo, rapidamente amadurecido para sua maldição.

As sete grandes causas da apostasia antediluviana já foram assinaladas e podem ser apresentadas assim:

- I. Tendência a adorar a Deus como Eloim, ou seja, meramente como Criador e Benfeitor, e não como Jeová [SENHOR], o Deus da aliança de misericórdia, lidando com os transgressores apontados para a destruição e não encontrando resgate para tais.
- II. Superioridade indevida do sexo feminino e indiferença à lei primeva do casamento.
- III. Rápido progresso das artes mecânicas e a conseqüente invenção de muitos artifícios pelos quais as dificuldades da maldição foram mitigadas, e a vida ficou mais fácil e indulgente. Além disso, proficiência nas artes refinadas, que cativaram a mente dos homens e ajudaram a estimular um total esquecimento de Deus.
- IV. Aliança entre a Igreja nominal e o mundo que rapidamente resultou na completa amálgama.
- V. Vasto aumento populacional.
- VI. Rejeição da pregação de Enoque [e de Noé], cujos alertas logo se tornaram cheiro de morte para o mundo, e homens endurecidos sem recuperação.
- VII. Aparição de seres dos principados dos ares na terra e relações ilícitas entre estes seres e a raça humana.

A OPERAÇÃO DO PRÍNCIPE DESTE MUNDO

Estas causas contribuíram para envolver o mundo em uma névoa sensual na qual nenhum raio de verdade poderia penetrar. Elas causaram total esquecimento de Deus e indiferença à Sua vontade. Portanto, ao transferirem o grande Centro, que, sozinho, é capaz de atrair os homens, tornaram os habitantes da terra tão egoístas e inescrupulosos que o mundo ficou, no mesmo instante, cheio de lascívia, injustiça, opressão e derramamento de sangue. Logo, cabe a nós considerarmos se influências similares estão agindo sobre nossa sociedade hodierna.

Certamente, não podemos deixar de confessar que a primeira causa mencionada é eminentemente característica dos tempos atuais, pois, em todas as igrejas que professam a fé cristã, existem inúmeras multidões crescentes que prosseguem pelo caminho de Caim (Jd 11), aceitando o Ser Supremo, mas não reconhecendo a Sua santidade e a própria depravação contrastante e, negando, assim, toda necessidade de um Mediador entre Deus e o homem. Muitas dessas pessoas tendem a considerar Cristo como alguém muito importante e falam de Sua sábia filosofia e vida exemplar, mas nenhuma delas O confessa como o Filho Unigênito do Pai ou sente a necessidade de Sua expiação. Por conseguinte, rejeitam a revelação divina, como autoridade absoluta pelo menos, confiando, ao invés disso, nas trevas que existem dentro delas e que elas denominam luz. Logo, fechando os olhos para as verdadeiras relações entre o homem e seu Criador, formam suas próprias concepções tanto a respeito da Divindade quanto de si mesmas. Isso envolve nada menos do que uma reivindicação, da parte delas, pela suprema sabedoria e autoridade; trata-se de moldar um ídolo a partir da própria imaginação e, diante dele, prostrar-se e adorá-lo. Também não precisamos cogitar que tal postura produza um endeusamento prático dos homens de transcendente intelecto e grande renome. Quem não detectou o trabalho dessa influência em seu próprio círculo?

Quem não observou esse “puro teísmo”, como é chamado, emergindo em todos os grupos do mundo cristão?

Se a segunda causa deve ser inferida a partir das dicas reduzidas que nos foram dadas, também está em operação na era presente, porquanto é certo que o sexo feminino começou a migrar para uma nova esfera e a tomar uma posição mais proeminente, e a negligência quanto ao laço matrimonial, que, durante muito tempo, existiu na Europa, está, agora, espalhando-se pela Inglaterra também conforme podemos ver pelos registros de nossas cortes de divórcio recentemente estabelecidas. Além do mais, não estão em falta indivíduos que, ao invés de temerem separar o que Deus uniu, afirmam abertamente que o casamento deveria ser um contrato que durasse apenas o tempo em que fosse agradável para as partes contratantes e não a vida toda.

No final da dispensação anterior, o mesmo pecado era frequente entre os fariseus, que sustentavam a tese de que o divórcio é permitido por qualquer motivo. Até mesmo o rabi Akibah¹ cita uma das razões sem constrangimento: “Se um homem encontrar uma mulher mais bonita que sua esposa...”. Por conseguinte, o fato de o Senhor mencionar continuamente o adultério em Suas denúncias aos fariseus, declarando ser criminoso o casamento posterior ao divórcio, algo que eles legalizaram. No maravilhoso sermão contido nos capítulos 15, 16 e 17 de Lucas, Jesus apresenta o divórcio, com impressionante brusquidão, como um pecado exposto e inegável, o que deveria, sem demora, convencer Seus ouvintes de terem-se provado desobedientes à lei e aos profetas como o foram ao evangelho (Lc 16.18). Conhecemos a punição que rapidamente os alcançou devido a essa e a muitas outras transgressões. Em poucos anos, os desejos dessas pessoas foram extintos à custa de sangue. Os belos muros e ruas da cidade foram destruídos. O lindo templo no qual confiavam pereceu

¹ Akibah ben Joseph (c. 50-132), conhecido estudioso do Talmude. (N.T.)

em chamas, e o santuário idólatra de Júpiter ergueu-se de forma ofensiva por sobre suas ruínas.

A respeito da terceira causa – a difusão da ciência, arte e luxúria –, é desnecessário falar, pois ninguém negará que se trata de uma grande característica dos nossos tempos, e, além disso, o fato é um assunto comum de ostentação. Ah... De quantos exemplos dispomos que demonstram a arrogância autodeificadora do homem quando freqüentemente passa a adquirir um pequeno conhecimento das leis da natureza, ou obtém certo sucesso em tais artes, ciências e filosofias, que são o prazer dos refinados e ilustrados intelectuais!² Com que confiança e desatenção os homens se assentam em meio aos confortos e às indulgências desta era luxuriante! Vendo apenas o que é bom na vida atual, quão pouco pensam em Deus e quão surdos estão para a menção do mundo vindouro! Quão incrédulos são, caso seus lábios não estejam repletos de zombaria, ao ouvirem apenas um sussurro referente à tormenta da fúria de Deus que, em pouco tempo, explodirá no mundo patético e afastará as multidões de tudo o que amam, lançando-as nas masmorras de Sua cólera (Is 2.12-17; 32.2; Ez 39.6)!

A fim de reproduzir a quarta causa, o Príncipe do Mundo tem-se esforçado há muito tempo e, certamente, parece estar próximo de sua vitória! Trata-se do resultado natural do primeiro erro: a negação da nossa posição de pecadores diante de Deus, de amaldiçoados à destruição a menos que o resgate seja encontrado. Deixe a Igreja render-se a essa “verdade”, e o que a impedirá de viver em perfeito acordo com o mundo? Se o ensinamento prático da religião diz que Deus está satisfeito com nossos problemas e conduta (mas pouco feliz com os nossos pecados), apreciando grandemente nossas obras de virtude (embora o orgulho seja a mola propulsora delas) e

² Deixe-me acentuar que estas observações não criticam diretamente a busca da ciência e da arte, mas têm o simples intuito de fazer referência ao espírito ateístico e rebelde que parece, com muita freqüência, surgir a partir desta busca.

olhando com prazer as proezas corajosas e exhibições intelectuais, por que deveria uma teologia como essa ir contra os desejos dos homens decaídos? Como eles poderiam odiar uma deidade tão parecida com eles mesmos?

Não temos descrito o credo de vastos números de membros da Igreja declarada? Não são os muros da cidade de Deus, dessa forma, continuamente quebrados diante dos nossos olhos para que o estranho possa entrar sempre que quiser? De fato, os homens frequentam suas igrejas e capelas em multidões, despertam um sentimento, que denominam religioso, por grandes construções, janelas pintadas, vestes esplêndidas, discursos sentimentais e intelectuais, cerimônias grandiosas e fortes convicções sectárias ou políticas. Entretanto, se estes mesmos homens se cobrem com o semblante de devoção nos cultos, perdem, no geral, essa distinção externa no mundo e confundem as pessoas que honestamente perguntam o que devem fazer a fim de conseguir a salvação ao começar a participar de todas alegrias, frivolidades, buscas e trabalhos dessa vida como se devessem permanecer em meio a tudo isso para sempre. Elas agem como se Deus tivesse prometido que deveriam estar sedentas para deixar o mundo, assim como muitos de seus irmãos na fé estão, em vez de ouvir o devido alerta, ter amplo espaço e *inclinação* para o arrependimento (Jo 6.44). Parecem estar seguras de que nunca serão atemorizadas, de surpresa, pela temida sentença: "Louco, esta noite te pedirão a tua alma" (Lc 12.20), nem subitamente apavoradas pelo sopro da trombeta do arcanjo, o trovão da voz de Deus. Admitem, como verdade, o fato de ser racional procurar contentamento e prazer em uma existência tão breve, que lhes foi unicamente garantida para a decisão de uma questão estupenda: se esta existência será seguida pela vida eterna ou pela vergonha e pelo desprezo infinitos. Os poderes do mundo vindouro têm perdido sua influência sobre estas pessoas, e elas são como os outros homens. Por isso, muitos pontos da fé têm sido abandonados, divertimentos permitidos e vícios aceitos, o que torna impossível diferen-

ciar essas pessoas daquelas que não professam a mesma fé a menos que manifestem sua crença. Além disso, alguns parecem estar sustentando uma doutrina dos antigos gnósticos, que, negando a ressurreição, afirmaram que, sendo salvo seu espírito, estavam em liberdade para fazer o que fizessem com o corpo visto que, depois da morte, não teriam mais preocupações com a matéria ou com seus feitos. Apesar de muitos estarem prontos para confessar que o cristão deve carregar sua cruz, ainda estando perfeitamente convictos de que, nestes tempos modernos, o entusiasmo infatigável de Cristo e Seus apóstolos estaria bastante ultrapassado, não conseguem, de forma alguma, encontrar uma cruz para levar. Se, porém, Deus, em Sua cólera, fere-os com enfermidades, privações, desilusões ou perdas, falam a respeito de suas provações e se confortam com o pensamento de que estão imitando o Senhor ao suportar problemas que não podem evitar.

Oh, aqueles que estão cegos por Satanás deveriam pensar enquanto há tempo, meditar, com seriedade e oração, nas palavras do Senhor Jesus e explicá-las por Sua vida santificada! Então, veriam a inconsistência da posição que assumiram e sentiriam, de maneira penetrante, que têm estado cumprindo a carta de profecia dos últimos tempos, que afirma que os homens teriam uma forma de piedade, mas lhe negariam o poder (2 Tm 3.5). Porquanto o mundo permitirá a mera declaração de qualquer doutrina com a condição de que nenhuma tentativa seja colocada em prática. Somente quando a fé começa a produzir obras, o cristão é confrontado pelo amargo antagonismo. Somente quando sente que deve compensar o tempo, pois os dias são maus, ele é impelido a pregar a Palavra no tempo e fora do tempo, a falar como um homem na iminência de morrer fala com outros homens prestes a morrer – quando não mais consegue compactuar com alegrias fúteis ou prazeres momentâneos, sabendo que essas coisas são apenas uma cortina pintada usada pelo diabo a fim de esconder dos homens a margem da morte na qual estão caminhando, até vir o tempo de despedaçá-los e jogá-los no precipício.

Logo, se alguns forem inteligentes, não terão dificuldade em delinear a linha de separação, mas rapidamente encontrarão a cruz que devem carregar, sentirão que, como seu Mestre, não pertencem ao mundo e, na verdade, terão tribulações. Contudo, deixe-os terem bom ânimo, pois Ele está perto, e grande será a alegria que sentirão em Sua vinda.

As concessões da Igreja nominal também não estão prestes a tornar a doutrina menos deplorável do que as que se preocupam com o comportamento. Vimos antes que os homens sempre tenderam a suavizar e corromper as partes da Palavra de Deus que se opõem aos seus pensamentos e às suas aspirações. Todavia, uma idéia estranha e ímpia que prevalece nos dias atuais está destruindo os vestígios finais de autoridade bíblica e varrendo todo obstáculo restante para a paz entre a Igreja professante e o mundo. Trata-se de uma objeção que cresce com rapidez quanto ao que é chamado dogma. Agora, se esta objeção não fosse aplicada apenas à insistência mais positiva dos homens pelas suas próprias opiniões, o sentimento seria saudável, mas, em investigação, descobrimos que o "dogma" é praticamente um termo convencional para designar as revelações e os mandamentos do Deus Altíssimo. Muitos que professam a crença na Bíblia, em vez de consolidar "o resto que estava para morrer" (Ap 3.2), nunca se cansam de admoestar-nos quanto a sermos caridosos para com aqueles que rejeitam toda a doutrina vital da Escritura e chegam a negar o Senhor que os comprou. Dizem que, contanto que os homens sejam "honestos", tudo lhes irá bem no fim, que não devemos ter uma visão tão limitada, e que existem outras entradas para o aprisco ao lado da porta (Jo 10.7). Dizem também que esses indivíduos não são necessariamente ladrões ou usurpadores que pulam o muro, mas, talvez, espíritos mais destemidos e viris do que seus irmãos na fé.

É fácil ver que, por essa linha de raciocínio, todo poder é extraído das Escrituras. Em vez de serem reconhecidas como a Palavra viva Daquela que julgará os vivos e os mortos no futuro pelas coisas

que foram escritas nelas, são vistos simplesmente como um volume ordinário de conselho ao homem, que, ao assumir o direito de aceitá-las ou rejeitá-las sempre e como quiser, arrogantemente coloca a coroa da Deidade sobre a própria cabeça. Logo, o grande meio que Deus indicou para a separação de Sua Igreja do mundo está destruído – a luz que revela o contínuo perigo e o terrível término do amplo caminho está apagada, e os homens prosseguem de forma imprudente, seduzidos com as futilidades do momento até serem precipitados nos braços do abismo.

Acerca da quinta causa, não há necessidade de falar demais, pois, sem incomodar os recenseadores, quase todo cidadão inglês poderia confirmar o rápido crescimento de sua vizinhança. O mundo também nunca contemplou antes tão vasta agregação de vida humana como a que nossa metrópole exhibe hoje. Apesar disso, multidões de imigrantes estão deixando o país e enchendo os lugares solitários da terra, e as estatísticas mostram que a população de quase toda parte do mundo também está aumentando.

Porém, além de tudo, há um fenômeno de triste presságio, pois, enquanto se multiplicam, os homens também estão começando a revelar impaciência em continuarem a conter-se, e, uma vez que aprendem a agir em conjunto e parecem estar inchando-se de desconfiança pelo poder que imaginam ter, provavelmente logo continuam os feitos de ímpia coragem. Grandes organizações, que não são mais confinadas às fronteiras de um único povo, predizem uma segunda revolta de Babel. O tempo da agitação de todas as nações está-se aproximando, e o coração de muitos já está levando-os ao medo e à procura daquelas coisas que estão vindo sobre a terra. Que os crentes considerem seus caminhos, pois o Senhor, em breve, descera para ver o que os filhos dos homens estão fazendo.

Sempre que a Palavra de Deus é pregada com fé, ela não voltará para Ele vazia, mas fará o que Lhe apraz e prosperará naquilo para

o que a designou (Is 55.11). Eis alguns efeitos que ela pode produzir sobre quem a ouvir: separa o joio do trigo, faz com que os homens se aproximem de Deus, ou se tornem mais duros do que antes, e prepara-os para o rápido julgamento. “Porque nós somos para com Deus”, diz Paulo, “o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida” (2 Co 2.15, 16).

Da mesma forma, os fortes apelos de Enoque, os chamados que ele, em voz alta, fazia referentes ao arrependimento e às ameaças de juízo vindouro, uma vez que foram menosprezados pelo mundo, podem ter endurecido muito o coração dos homens e feito com que o Espírito de Deus parasse de lutar por eles. É bastante provável que muitos tenham-se impressionado e alarmado no princípio, mas, depois de algum tempo, tenham visto os dias se passarem sem qualquer sinal da vingança predita e perdido o medo. Voltaram a praticar seus pecados prediletos assim como volta o cachorro para o próprio vômito (2 Pe 2.22). Não mais poderiam ser despertados como antes, pois começaram a ser escarnecedores e zombaram dos mais solenes alertas. O demônio, que tinha sido expulso por breve espaço de tempo, retornou com sete outros demônios ainda piores do que ele, e o último estado destes zombadores se torna pior do que o primeiro (Lc 11.24-26).

Nesse caso, a história também parece estar-se repetindo, pois, durante 50 anos, Deus forneceu uma correnteza contínua de testemunhos evangélicos que têm, pouco a pouco, aumentado em poder. Hoje, existe a proclamação do Evangelho sendo feita de uma forma que o mundo, talvez, jamais viu desde os tempos dos apóstolos. O Espírito tem descido sobre a Igreja com vigor pentecostal – reavivamentos, missões internas e externas e esforços de muitas pessoas têm possibilitado a conversão de milhares. As pessoas que verdadeiramente são de Cristo parecem estar encorajadas, com energia, pelo sentido das responsabilidades que possuem. Elas estão saindo às

ruas e aos becos, às estradas e sebes, compelindo os homens a virem; o salão de casamento está-se enchendo de convidados rapidamente.

Em meio a convites ao arrependimento e ofertas de graça, a exortações quanto a caminharem como filhos da luz e a estrondos cada vez mais altos, ressoa o grito solene: “Eis o Noivo! Sai ao Seu encontro!”³ (Mt 25.6). Assim, o testemunho do servo fiel ao mundo está assumindo sua forma final: “Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo” (Ap 14.7). Indicações dessa nova época tornaram-se mais e mais aparentes há alguns anos, e muitos jornais e periódicos têm-se dedicado à ressurreição da verdade por tanto tempo negligenciada e com tanta proeminência anunciada por nosso Senhor e Seus apóstolos. Centenas de livros e panfletos têm sido escritos a respeito do mesmo assunto ao passo que a maioria dos pregadores posterior ao reavivamento e um número crescente de outras testemunhas têm-no promulgado a tal ponto que seria difícil encontrar um cristão moderadamente inteligente que ignorasse a grande esperança ainda que não a aceite.

Também existe uma modificação significativa passando este testemunho e tornando-o muito mais consistente e poderoso. Porquanto, embora um curto período de tempo tenha transcorrido desde o desacordo quase proverbial dos escritores proféticos, o grande corpo está começando agora a exibir uma maravilhosa harmonia relativa a todos os pontos e a proclamar que o evento solene, que todos deveriam estar esperando, é o mandamento que reunirá a Igreja na presença de seu Senhor. Portanto, podemos, em vários detalhes, encontrar uma analogia notável entre a pregação dos servos de Deus hoje em dia e a profecia de Enoque antes dos tempos de Noé.

Todavia, as massas do mundo estão novamente rejeitando os apelos mais urgentes de Deus, e, como consequência natural, Seu

³ [É provável que a aplicação exata desta passagem acontecerá ainda no futuro, imediatamente antes de o Senhor voltar.]

Espírito está parando de lutar por elas. A infidelidade e a superstição estão começando a ofuscar até mesmo os países mais favorecidos do mundo cristão. Em nosso próprio país, quão grande foi a excitação causada, vinte anos atrás, pela publicação do livro *Essays and Reviews* (Ensaio e Resenhas). Contudo, este livro, ainda que saudado com tamanho deleite pelas pessoas que não estavam dispostas a submeter-se à revelação divina, agora tem sido varrido da memória pela correnteza de literatura infiel mais ousada, continuamente publicada pela imprensa. Quão poucos jornais, revistas e periódicos escaparam da contaminação! Quão grande a multidão de secularistas professos contém nosso país – desde o blasfemo corajoso que grosseiramente injuria a Palavra de Deus e chega a negar Sua existência ou O agride com injustiça até o refinado e sutil pensador que, satisfeito, faria a luz inefável de seu Criador empalidecer diante da lâmpada vacilante do intelecto humano! Entretanto, não é preciso aumentar tão óbvia questão ou desperdiçar tempo para provar a difusão simultânea do ritualismo e do papismo que está agora suficientemente evidente até para o observador mais desatento. Porém, a relação à prevalência da feitiçaria será abordada no tomo 2 desta obra.

Sendo assim, se não temos razão para inferir que ambos provêm dessas apostasias e da semelhança geral dos nossos dias com os tempos difíceis dos últimos dias (como descritos por Paulo em 2 Timóteo 3.1-9), o mundo cristão está sofrendo o castigo de ser judicialmente cego e irremediavelmente endurecido por ter rejeitado o Evangelho?

A sétima e mais temida característica dos dias de Noé foi o aparecimento ilícito de seres de outra esfera em meio aos homens. Porém, muitos replicariam com rapidez que este surgimento é certamente um acontecimento que ainda não aterrorizou nossa era, estranho como nossas experiências podem ser; diriam que ainda temos algo, pelo menos, a esperar antes da compleição desse círculo fatal de influências que arruinaram o velho mundo. Todavia, uma comparação diligente da Escritura Sagrada com as coisas que estão

ocorrendo hoje em nosso meio nos dará uma impressão muito diferente e induzirá uma forte convicção de que os postos avançados desse último inimigo terrível já atravessaram nossas fronteiras, pois não é mais possível negar o caráter sobrenatural da apostasia chamada de espiritualismo, que se está disseminando pelo mundo com rapidez sem precedentes e atrai seus admiradores e os retém com suas garras tão-somente por apresentar contínuas exhibições do miraculoso. É vão falar sobre esse poder como sendo mero charlatanismo, que tem convencido alguns da *elite* do mundo literário, e apanhado, em suas armadilhas, muitos homens da ciência que, no princípio, apenas se preocuparam em investigar com o propósito de refutação. De fato, nada pode ser mais perigoso do que a descrença total, pois o incrédulo absoluto, se subitamente colocado face a face com o sobrenatural, é, dentre todos os homens, o mais propenso a render inteira submissão aos sacerdotes da nova maravilha. Muito melhor é perguntar, em oração, se essas coisas são possíveis, e, se forem, de que maneira a Bíblia nos ensina a enxergá-las. Devemos, assim, estar armados contra todos os embustes do Diabo.

No entanto, trata-se de um assunto sério expor a natureza e a história do espiritualismo a ponto de exhibir sua identidade aparente com o pecado antediluviano, e não deve ser iniciado ao final de um capítulo⁴.

⁴ Os restantes sete capítulos serão apresentados no tomo 2 desta obra. (N.E.)